CRÓNICA DE JOÃO MEDINA: A INVASÃO ERÓTICA (PÁG. CENTRAL)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 17 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 909 ANO 49.º PREÇO 1$50

COMPRE JOGO no CAMPIÃO
LOTARIA - TOTOBOLA

A PASSAGEIRA QUATRO MILHÕES

A argentina Maria Fernandez Pelayo, de 26 anos, estudante de Literatura na Universidade de Buenos Aires, é a passageira n.º 4 000 000 dos Transportes Aéreos Portugueses. Passou hoje por Lisboa e teve de seguir para Londres, mas volta no Verão ao nosso País. (Ler na central)

COMUNICAÇÕES CORTADAS ENTRE SUEZ E O CAIRO

• Comandos judeus a 60 km da capital egípcia

TEL-AVIV, 17 — (F. P.) — «Comandos» israelitas metralharam uma base militar e administrativa egípcia em Bir-Areida, situada no golfo de Suez, a 60 quilómetros de Raz Zaafarana.

O «raid» desta noite foi o que levou os «comandos» israelitas mais perto do Cairo: 60 quilómetros apenas.

Segundo os correspondentes militares israelitas, este «raid» faz parte do plano visando perturbar as comunicações entre o Cairo e os Centros militares egípcios no Canal de Suez. (LER PÁG. 11)

TEL-AVIV, 17 — (R.) — Comandos israelitas cortaram os cabos telefónicos e de energia eléctrica entre a cidade do Suez e o Cairo no decorrer de ataques realizados durante a noite, em que penetraram profundamente no Egipto — comunicou hoje um informador militar.

O ultimo ataque seguiu-se á acção aérea de ontem sobre o Golfo de Suez, durante a qual o Egipto afirmou ter abatido um dos aviões israelitas quando dum «raid» contra vias de comunicação ligando o Cairo com o Canal de Suez.

Os jactos israelitas — que na semana passada chegaram até aos arredores do Cairo — bombardearam uma área de armazenamento de veículos, acampamentos do exército, e uma estação de radar ao sul de Suez, assim como vias de comunicação.

O informador militar revelou que os Comandos destruíram postes telefónicos e pilares de energia eléctrica ao longo da estrada Suez-Cairo, num ponto a cerca de 60 quilómetros a leste da capital egípcia. Bombardearam, também, um posto militar, assim como um centro administrativo na região de Deir El Raita, a aproximadamente 70

(Continua na 11.ª página)

TOMAR CONSCIÊNCIA DE CLASSE

— um dos objectivos do encontro de educadoras de infância

Aspecto da assistência á sessão inaugural do I Encontro Nacional de Educadoras de Infancia

«De entre os profissionais que têm como missão a formação do ser humano, a educadora de infância aparece como um dos ultimos graus na escala da consideração social» — afirmou hoje, de manhã, a peicóloga e educadora sr.ª dr.ª D. Carminda Bento no decorrer da sessão deabertura do I Encontro Nacional de Educadoras de Infância. Ao Encontro, que foi subsidiado pela Fundação Gulbenkian, presidiu o sr. dr. Breda Simões, representante daquela instituição, que ficou ladeado na mesa da presidência pelas sr.as D. Maria Teresa Andrade Santos, directora do Instituto de Educação Infantil e D. Maria da Luz Ponces de Carvalho, directora dos Jardins-Escolas João de Deus. Participam cerca de 50 educadoras de infância.

(Continua na página central)

NA 2.ª PÁGINA
REPETIMOS
AS GRAVURAS
13 e 14
DO NOSSO CONCURSO

«ÁLBUM DE LISBOA»

A RECEPÇÃO DE CADERNETAS vai fazer-se nos Stands Gazcidla

NADA foi descurado para que a recepção das cadernetas do nosso concurso decorra com a maior comodidade para os concorrentes. Assim, em todos os bairros de Lisboa, os participantes na nossa iniciativa, sem deslocações nem demoras têm possibilidade de entregar as suas cadernetas. A colaboração da Cidla, que patrocina o «Álbum de Lisboa» manifesta-se da maior utilidade para os residentes em Alfama, Madragoa, Bairro Alto, Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, 24 de Julho, Alecrim, Marquês de Pombal, Alcântara e Arroios, onde se localizam os «stands» Gazcidla que prestam eficiente assistência técnica aos seus consumidores.

Como já noticiámos, a partir do próximo dia 26,

(Continua na pág. seguinte)

HOJE 40 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

instantâneos de LISBOA

CRONICÃO

VISTO DE CIMA, da altura do meu terceiro andar, o cão chegou a parecer-me um «setter» irlandês, dava ares o malandro, sobretudo quando colocado em certa posição que lhe escondia os traços mais denunciadores de sua plebeia origem. Isto não passa, evidentemente, de suposição, porque eu sabia quase nada do cão, o nosso conhecimento processou-se sempre à distância, da minha janela sem cortinas para o seu abrigo, uma velha chapa de zinco canelado, construção precária num ângulo do quintal.

Tudo se passou há tempos, quando um anuncio me levou para «quatro assoalhadas» no Lumiar, zona insípida quase a fugir da cidade, anunciada desde o Martim Moniz pelos eléctricos que ostentam aquele nome, Lumiar, ou dizem, complicando, Estrada da Torre, ao dito.

Unico habitante, durante meses, daquela casa sem mobília, as assoalhadas surgiam enormes, as paredes agressivas, o soalho de tacos irritante. Vez por outra, ao fim da tarde, só as janelas me atraíam: não as da Alameda das Linhas de Torres, quase continuamente atravancada de automóveis buzinantes e eléctricos impossíveis, mas as que davam para as traseiras do prédio, para pequenos quintais onde havia couves, flores, alfaces, cordas de estender roupa, galinhas e coelhos. Eram quintais minusculos para tanta agricultura, que recebia tratos de enxada por mãos inábeis de mangas de alpaca, ao fim da tarde. Um gozo, aquelas enxadadas incertas e os sapatos polidos a fugir da terra revolta. Mesmo assim, os quintalórios eram um alívio para os meus olhos provincianos.

Precisamente aí, num desses quintalórios, eu descobri o cão, debaixo da sua pobre chapa de zinco canelada. Soltava latidos e saltava desesperadamente na ponta de uma corrente de ferro (metro e meio de comprimento, quando muito) e devia ter a barriga a dar horas porque só acalmou quando uma mulher gorda apareceu com o jantar. Nem um sorriso, nem uma saudação: a mulher colocou o prato de barro com indiferença, fez meia-volta lenta e reentrou em casa; o cão passou tudo ao estreito com rapidez, meditou uns instantes na ponta da corrente e recomeçou a saltar com o mesmo desespero, mas em silêncio.

Dali em diante, passei a visitar (da janela) o cão preso que saltava continuamente. E um dia, reparei num pormenor com muito interesse: no muro que ficava á direita do cão (e que, com o da esquerda, servia de suporte á chapa de zinco) sobressaía uma enorme mancha escura, desenho de pata.

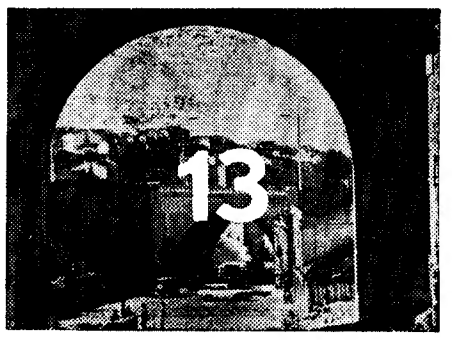
Era assim: o cão saltava até onde a corrente permitia e ficava uns segundos de pé, todo esticado e estrangulado; com o ímpeto, a corrente atirava de encontro ao muro o animal que, num gesto de defesa, a impedir pancada no lombo ou na cabeça, levantava instintivamente a pata direita. E foi esta pata que, com o rodar dos tempos, desenhou a mancha escura no muro amarelo.

Quantos anos o cão (cheguei a dar-lhe um nome, Alfacinha) levava já no seu fadário? Difícil de dizer, mas a pata, treinada, não falhava nunca, era oportuna no muro, a defender o lombo e a cabeça, e a mancha, a princípio talvez apenas um risco imperceptível, era na altura enorme, via-se bem ao longe.

Ah!, estes cães dos quintais de Lisboa, permanentemente na ponta de correntes, sempre afastados da liberdade e das cadelas vadias, afastados de tudo. A comida a horas, debaixo da chapa de zinco? Bem, a pata do cão a riscar o muro diz que é preferível a aventura de fugir á ramona, ladrar atrás dos automóveis e o risco de morrer atropelado, na liberdade da rua.

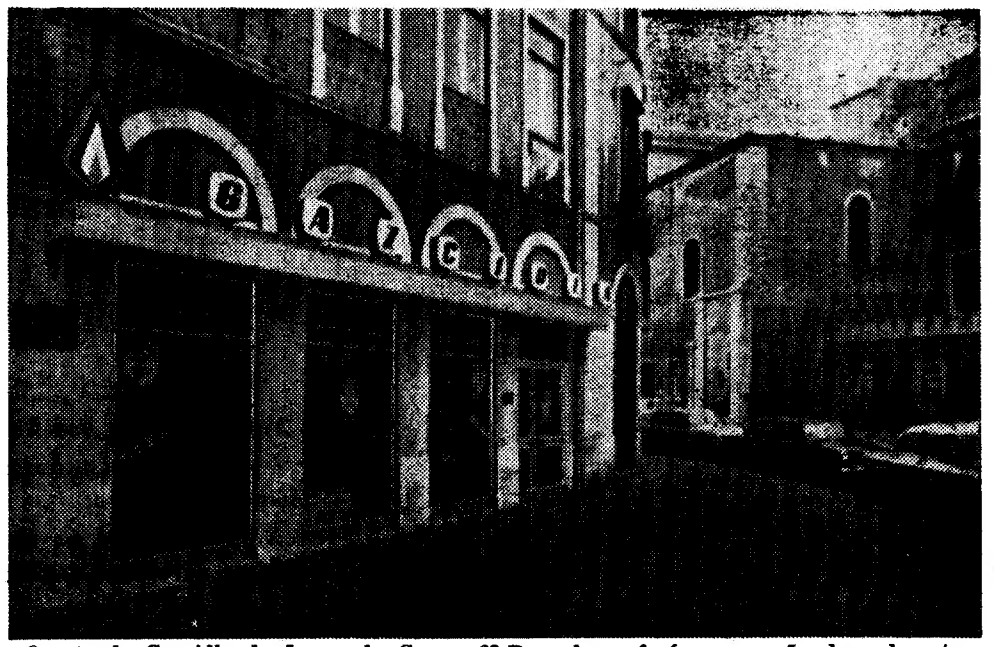
AFONSO PRAÇA

Album de Lisboa



Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34



O «stand» Gazcidla do Largo da Graça, 63-D, onde se fará a recepção de cadernetas do nosso concurso. Se mora na Graça, visite o «stand» Gazcidla do seu bairro, onde encontra o melhor material de queima, a mais eficiente e rápida assistência e resposta imediata aos seus pedidos de gás

A RECEPÇÃO DE CADERNETAS VAI FAZER-SE NOS STANDS GAZCIDLA

(Continuação da pág. anterior)

vai iniciar-se a recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla de Lisboa, seguindo-se a recepção no Porto, durante dois dias, após o que nos deslocaremos a Coimbra, permanecendo nestas duas cidades também nos «stands» Gazcidla. Só depois se procederá à recepção de cadernetas, pessoalmente, nos nossos serviços da Rua Castilho, 185, 1.º, para onde, evidentemente, podem continuar a ser remetidas pelo correio. Os concorrentes que pretenderem a devolução do boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio, devem juntar um selo de 1$00. Claro: os concorrentes que o não fizerem ficarão também habilitados aos óptimos prémios que instituímos, onde se salientam o confortável apartamento mobilado, nos blocos de prédios já construídos pela Realimo, em Miratejo, a cidade panorama; o magnífico automóvel «Toyota» modelo «Corolla 1100», representado por Salvador Caetano, S. A. R. L., e distribuído em Lisboa e no Porto por Transmotor, S. A. R. L.; os excelentes televisores «Siemens», entre os quais o modelo «Estoril», homenagem da Siemens a Portugal, além de muitos outros prémios, cujo valor ultrapassa as três centenas de contos.

O ENVIO DAS CADERNETAS PELO CORREIO

Verificámos que nos chegam alguns sobrescritos contendo cadernetas multadas pelos C. T. T. Pedimos, portanto, aos concorrentes que não deixem de verificar, na estação de correios da localidade onde residem, o peso dos sobrescritos com cadernetas. Recordamos que o peso máximo para franquia de 1$00 corresponde a 20 gramas. Qualquer fracção excedente deve ser acrescida de mais 1$00.

TAUROMAQUIA

Conchita Cintron no México

MÉXICO, 17 — F. P.) — «Recordo a festa brava com toda a minha alma. Imagine, estive no México quatro anos onde toureei em 225 corridas», disse ao nosso correspondente tauromáquico, «Don Neto», a ex-rejoneadora peruana, hoje D. Conchita Cintron de Castelo Branco, já mãe de cinco filhos, quatro rapazes e uma menina. Conchita está de visita ao México em companhia de seu marido. «Será uma visita apenas dalguns dias», disse.

A pergunta se gostaria que algum dos filhos viesse a ser toureiro, Conchita respondeu: «Não quero dar a impressão de ser azeda. Mas conheci a Festa doutra maneira. seria absurdo pretender que a Festa fosse hoje como dantes, em que tudo era heroísmo, e que este sobrevivesse ao materialismo e comercialismo em que se encontra agora. Prefiro que se dediquem a outra coisa.»

Fausto Calado

A Tertúlia «Festa Brava» está de luto pela morte do mais entusiasta dos seus sócios, Fausto Calado, tão bom aficionado, e falando e escrevendo de touros com tal entusiasmo, que era costume dizer-se «o Calado é o melhor».

CONCURSO PARA PROFESSOR DE MEDICINA DE COIMBRA

COIMBRA, 17. — Na sala grande dos actos iniciaram-se hoje as provas de concurso para professor extraordinário do 4.º grupo da Faculdade de Medicina de Coimbra de que é candidato o sr. dr. Fernando Manuel de Oliveira e Sá. Presidiu o reitor da Universidade, prof. doutor António Jorge Andrade de Gouveia. A prova constou da apreciação e discussão do «curriculum vitae» do candidato. Foram arguentes os profs. doutor Carlos Lopes e doutor Duarte Santos, das Faculdades do Porto e de Coimbra.

DURANTE O PASSADO MÊS DE OUTUBRO

642 248 quilos de peixe e marisco rejeitados para consumo em Lisboa

Os Serviços Médico-Veterinários de Inspecção Sanitária da Direcção dos Serviços de Abastecimento da Câmara Municipal de Lisboa inspeccionaram e aprovaram, durante o mês de Outubro, 181 031 quilos de carnes e produtos derivados; 5 239 760 quilos de peixe e marisco; 394 530 ovos; 258 340 quilos de lacticínios; 229 550 peças de criação e caça. Durante o mesmo período, foram rejeitados, como impróprios para consumo: 296 quilos de carne e produtos derivados; 642 248 quilos de peixe e marisco; 3 694 ovos; 3 quilos de lacticínios; 1269 peças de criação e caça.

Os mesmos Serviços fizeram 31 vistorias a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares, para efeito de abertura, licenciamento e execução de obras; 2 719 a mercados e outros estabelecimentos, para fiscalização e inspecção sanitária de produtos alimentares; 20 a estabelecimentos pela fiscalização móvel com apreensão de produtos em trânsito transportados em veículos, e 16 exames solicitados a produtos alimentares de origem animal.

No Matadouro Municipal de Aves, foram inspeccionados e aprovados para consumo 187 714 frangos, galinhas, patos, perus e coelhos, e rejeitadas 1 740 peças.

Rejeitados 11 250 quilos de carne de bovinos

No Centro Municipal de Inspecção e Classificação de Ovos, os veterinários inspeccionaram e aprovaram para o consumo público, em fresco, 6 400 368 unidades, e para a indústria, 770 515, tendo rejeitado 73 886 ovos.

As reses abatidas no Matadouro-Frigorífico foram as seguintes: aprovadas para consumo — 8 055 bovinos adultos, com 1 736 089 quilos; 534 bovinos adolescentes, com 38 311 quilos; 62 suínos, com 3478 quilos; 13 613 ovinos, com 188 231 quilos; 168 caprinos, com 1908 quilos; e 426 equídeos, com 73 782 quilos.

Foram rejeitados totalmente 53 bovinos adultos, com 11 193 quilos; 1 bovino adolescente, com 66 quilos; 169 ovinos, com 2000 quilos; 11 caprinos, com 103 quilos; e 4 equídeos, com 636 quilos.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

HANÓI E A CONVENÇÃO DE GENEBRA (conclusão)

II—UM PROBLEMA DE «RECIPROCIDADE»

Num primeiro artigo, o professor Roger Pinto examinou a posição jurídica do Vietnam do Norte perante a Convenção de Genebra em geral e o estatuto dos prisioneiros de guerra, em particular. Neste segundo e último artigo, examina o alcance que o Governo de Hanói entende conferir às ressalvas expressas quanto ao tratamento dos prisioneiros de guerra.

Por ROGER PINTO

No seu comentário acerca do art.º 85.º, Pictet confere á ressalva norte-vietnamiana o mesmo alcance que á ressalva soviética: «O sentido destas ressalvas é o mesmo — **escreve ele** — embora a sua forma varie ligeiramente» **(1). Esta assimilação foi oficialmente feita pelo C. I. C. V.**

«No conflito do Vietnam, a República Democrática do Vietnam deu á ressalva por ela feita a propósito do art.º 85.º, uma interpretação que deu azo á contestação. Ora, não parece possivel retirar desta ressalva a conclusão de que os militares inimigos capturados possam ser privados dos seus direitos a serem tratados como prisioneiros de guerra e isso antes de terem sido reconhecidos culpados de crimes de guerra por um tribunal competente e regular. Foi, de resto, o que declarou o governo da U. R. S. S. — que fez uma ressalva análoga — em resposta a uma pergunta feita pelo gover-

(Continua na pág. seguinte)

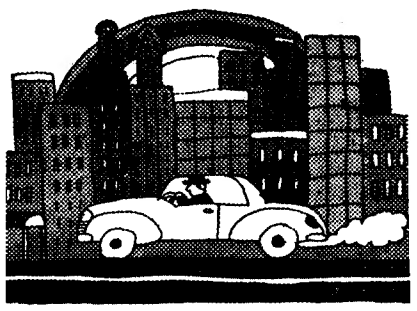
ECOS

SABEM o que é a futurologia? Há já uma década que surgiu, sob este nome bárbaro, uma ciência estranha e inquietante: a dos homens que inventam o futuro Robert Junk, um dos pioneiros desta linha de investigação, professor de previsão humana e social na Universidade Tecnológica de Berlim, repudia qualquer parentesco entre «futurologia» e «astrologia». Segundo diz ao **Express**, numa entrevista sensacional Robert Junk faz apenas experiências sobre o futuro, previsões na base de hipóteses verificadas. É claro que — admite — o temperamento do futurólogo pode ter influência na escolha deste ou daquele futuro. De toda a maneira, registam-se factos como o convite já dirigido por Willy Brandt ao físico Carl-Friedrich von Weizäcker para dirigir um instituto de futurologia em Munique.

★

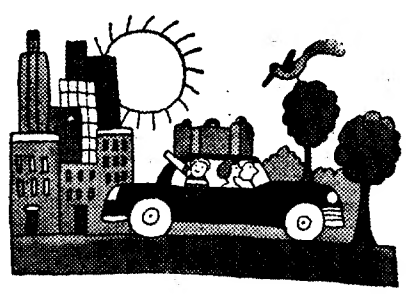
PARA C. Wright Milles, cujas obras The New men of power e America's labor leaders são já tidas como clássicas da contestação e da história dos movimentos operários nos Estados Unidos, os intelectuais deveriam assumir na América do Norte o papel essencial de pioneiros e dirigentes das transformações sociais, cabendo aos especialistas das ciências humanas, dado o seu directo conhecimento dos modos de organização, perpetuação e transformação do sistema social, desempenhar nessas transformações uma função decisiva. Infelizmente, segundo reconhece o autor de **The Sociological Imagination**, tanto uns como outros surgem mal apetrechados e particularmente os sociólogos, que requintam os seus métodos de pesquisa e elaboram conceitos complexos, em vez de visarem à comunicação com um vasto público culto, que poderia entendê-los. E nada mais impolítico, no domínio em causa, do que tal hermetismo.

Onde quer que vá vai melhor com Hertz



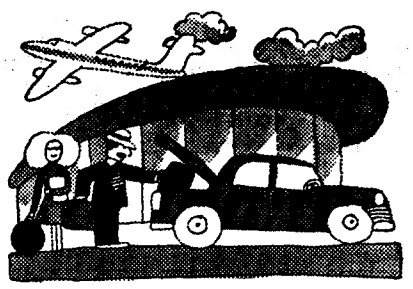
Em viagem de negócios vai melhor com Hertz

Podemos poupar-lhe tempo e dinheiro na sua próxima viagem de negócios. Antes de partir no seu carro faça as contas: não esqueça factores como a desvalorização, o tempo, o alojamento, as refeições. Concluirá, depois, porque o avião e um carro Hertz constituem a solução mais económica, rápida e prática.
Portanto, sempre que viajar em negócios, lembre-se que a Hertz tem um carro à sua espera — é a melhor solução.



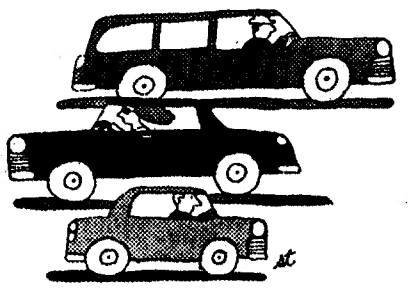
Para fim-de-semana vai melhor com Hertz

Para os seus fins-de-semana a Hertz tem preços especiais:
Por exemplo, um Ford Escort ou um carro similar custa 360$00 (incluindo 100 Kms gratuitos)
e, se quiser ir a Espanha, tem o seguro pago.
Mais: os fins-de-semana Hertz são mais longos, começam à sexta-feira à tarde e acabam segunda-feira de manhã.
Telefone à Hertz e marque o seu carro para o fim-de-semana.



Saír e entrar nos aeroportos é mais fácil com Hertz

A Hertz está em quase todos os aeroportos do mundo.
E nos grandes aeroportos europeus está a *Golden Girl* da Hertz — uma bela rapariga para o receber e ajudar em todos os pormenores respeitantes ao aluguer de um carro Hertz, antes ainda de você chegar ao balcão.
Ela espera por si para lhe facilitar a sua rápida chegada e a sua rápida partida.



A Hertz já está no Porto

Estamos cada vez mais perto de si para tornar mais fácil a sua visita a uma fábrica ou o seu passeio pelas belas estradas do Douro e do Minho.
Agora, tal como em Lisboa e Faro, já pode alugar o seu carro Hertz no Porto.
Estamos na Rua de Santa Catarina, 899—Tel. 33455
e no Aeroporto de Pedras Rubras — Tel. 994389.
E ainda em Faro — Tel. 23537/24326
e em Lisboa — Tel. 328247

© Hertz System, Inc.—1970

Hertz

vai melhor com Hertz

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Hoje é o tempo de vestir

Wrangler
Home office: Greensboro, North Carolina, U.S.A.

CALÇAS 375$

Calças e blusões novos para gente nova.
O arco-íris WRANGLER tem 13 cores: vermelho, amarelo, azul-celeste, azul-petróleo, azul-escuro, castanho, verde, «beige», castanho-escuro, preto, «rosé», «antílope» e tijolo.

De acordo consigo e com o seu tempo

SÓ WRANGLER from America

DE ONTEM PARA HOJE

HISTÓRIA MARÍTIMA

Reuniu-se o Grupo de Estudos de História Marítima do Museu da Marinha, sob a presidência do almirante Sarmento Rodrigues. Foram eleitos para os cargos criados pelo novo regulamento: vice-presidente, prof.ª dr.ª D. Virgínia Rau; secretário-geral, comandante Teixeira da Mota e, para o conselho de presidência, o almirante Ramos Pereira.

Em sessão especial que seguidamente se realizou, presidida pelo ministro da Marinha, e após breve saudação a este membro do Governo pelo almirante Sarmento Rodrigues, o comandante Teixeira da Mota fez uma comunicação subordinada ao tema «A viagem de António Saldanha de 1503 e a rota de Vasco da Gama no Atlântico.»

ENCONTRADO MORTO

Ausentara-se de casa, em Paus (Resende), há vários dias, o doente mental Álvaro José de Almeida Bernardino, de 35 anos (e que tinha o sétimo ano liceal). Foram encontrá-lo morto na serra de Perafita (Lamego), a 50 quilómetros de distância.

CONGRESSO DE ASMOLOGIA

A comissão organizadora do recente Congresso Internacional de Asmologia, que se realizou durante um cruzeiro a Angola, a bordo do «Príncipe Perfeito», foi recebida pelo Chefe do Estado a quem agradeceu o interesse demonstrado pela realização daquela reunião.

CONFERÊNCIA

Na Sociedade de Geografia, o prof. C. Haguenauer, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Sorbonne, fez uma conferência sobre «A origem do termo *caravela* e o comércio sino-árabe no fim do século IX».

AFOGADO NA VALETA

Em Tábua, foi encontrado morto, com a cabeça mergulhada na água que corria numa valeta da estrada, o trabalhador Francisco Antunes, de 61 anos, viúvo, natural de Oliveira de Frades. Pensa-se que estaria embriagado quando ali caiu.

POUSADAS

Concessionários de pousadas reuniram-se no Palácio Foz, onde trataram de assuntos relacionados com a valorização da cozinha regional e dos vinhos portugueses. Os trabalhos foram conduzidos por técnicos da Direcção-Geral de Turismo e do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira.

ÓLEOS DE JOÃO REIS

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, o Chefe do Estado inaugurou uma exposição de óleos de João Reis. São 37 quadros, representando paisagens urbanas e rurais.

ARTE E DECORAÇÃO

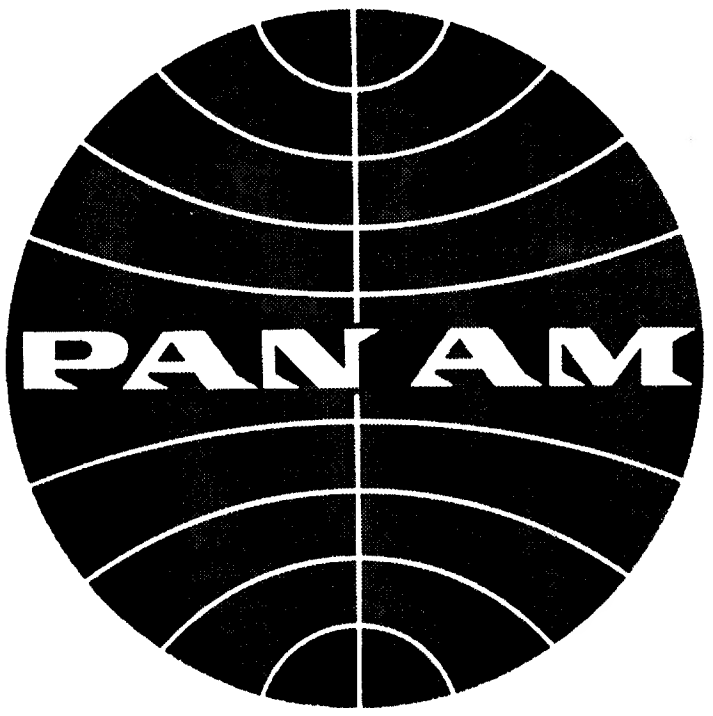
No Instituto de Arte e Decoração, o prof. Sabino Alonso Fueyo fez uma conferência sobre o tema «Pontos de vista sobre arte». Começando por afirmar que o sentimento artístico é inato no homem, o orador prosseguiu dizendo que a função principal da arte consiste na «catarsis» ou purificação. Tratou, depois, da verdade artística e do prazer estético, seguindo-se debate.

SERVIÇOS DISTINTOS

O ex-ministro da Saúde, dr. Cancela de Abreu, agraciou com a medalha de ouro de Serviços Distintos daquele departamento o dr. Raul Lima Amaral Marques, que chefiou o seu Gabinete, mantendo-se no exercício do cargo, a convite do actual secretário de Estado, prof. dr. Gonçalves Ferreira.

O AFOGADO NO PAIVA

Foi finalmente encontrado o corpo do infeliz pequeno Hílídio Soares, de 3 anos, que, como noticiámos, morreu afogado no rio Paiva, em S. Salvador (Viseu).



Hospedeiras precisam-se
Os anjos voam connosco

Se tem 20 a 26 anos e é solteira. Se possui o curso dos liceus ou equivalente. Se fala fluentemente inglês, (outros idiomas são factor de preferência). Se pesa entre 47 e 63 Kg. Se a sua altura vai de 1,60 m a 1,75. Se goza de boa saúde e vê bem. Se está disposta a radicar-se em Nova-York:.. Então é a hospedeira que desejamos. Os anjos voam na PAN AM. 384.00 dollars de ordenado inicial, com aumentos regulares. Férias anuais de 30 dias. Seja hospedeira da PAN AM. Voará por mais cidades, mais países, mais continentes que qualquer outra. Escreva, mande fotografia (que será devolvida) e informações complementares que julgar necessárias, incluindo números de telefone, para

PAN AMERICAN
Praça dos Restauradores, 46 LISBOA

É favor não responder quem não esteja nas condições.

Pan Am torna a sua viagem maravilhosa
A linha aérea de maior experiência no mundo.

O tratamento de Hanói aos prisioneiros de guerra

(Continuação da pág. anterior)

no gerente (a Confederação Helvética) a pedido de vários Estados (2).»

Uma interpretação discutida

Se o alcance da ressalva soviética, mesmo sem os esclarecimentos prestados pelo governo da U. R. S. S. no dia 26 de Maio de 1955, é o que lhe atribui o C. I. C. V., nada indica que a República Democrática do Vietnam tivesse querido formular uma ressalva idêntica. Ter-lhe-ia bastado, nesse caso, retomar o texto da ressalva soviética que visa exclusivamente os prisioneiros «condenados» e referir-se á interpretação oficial. dada em 1955 pela U. R. S. S., a pedido do C. I. C. V. O Governo norte-vietnamiano nem adoptou o texto da ressalva soviética nem a interpretação que dele foi oficialmente dada.

Esvreceu-se igualmente que a interpretação dada pelo Governo do Vietnam do Norte à sua ressalva era absurda, porque implicava que, em caso de absolvição ou após a execução da pena, a pessoa detida não reencontrava o estatuto de presioneiro de guerra, visto que uma das duas vias da alternativa (demanda judicial ou condenação) era satisfatória (3). Dizer isto é ignorar que a partir do julgamento condenatório ou absolutório, o processo acaba. Por conseguinte, a recusa de conceder o estatuto de prisioneiro de guerra já não pode ter o fundamento de demanda judicial, mas apenas o de condenação.

Para afastar a interpretação do Governo norte-vietnamiano, invocou-se, finalmente, o carácter puramente fortuito ou acidental da redacção dada à ressalva. Seria resultante de uma inadvertência (4). Trata-se de pura conjectura. O Governo norte-vietnamiano dificilmente podia ignorar a fórmula adoptada pela U. R. S. S. e pelas democracias populares. Era-lhe fácil reproduzi-la textualmente. Portanto, pôde modificá-la com conhecimento de causa. Mas, mesmo admitindo que a redacção adoptada seja efeito do acaso, nada proíbe à República Democrática do Vietnam que lhe atribua o significado e o alcance que ela é susceptível de conter, em conformidade com as regras habituais de interpretação dos instrumentos internacionais.

A interpretação de um texto deve conduzir a que se dê um sentido ao conjunto das suas disposições. Identificar o texto da reserva norte-vietnamiana com o da soviética é suprimir pura e simplesmente o termo **«demandados judicialmente»**, que figura no primeiro e não no segundo. Este termo não era necessário para excluir da convenção as pessoas condenadas. Em compensação, era indispensável se se entendesse igualmente excluir da convenção os prisioneiros, objecto de demandas judiciais. Como este ficou, não era possível escrever **«demandadas ou condenadas»** — nesse caso é que o texto teria podido implicar a interpretação absurda, acima evocada: recuso do benefício da convenção ás pessoas processadas, mesmo depois da absolvição.

Controvérsia a propósito de uma objecção

O comentarista da **Harvard Law Review** reconhece que o texto da ressalva **«demandados e condenados»** comporta duas interpretações, consoante a conjunção e, por interpretada como conjuntiva ou como disconjutiva (5). Em compensação, Meyrowitz entende que a fórmula norte-vietnamiana não é susceptível de duas interpretações consoante o valor que se atribuir á conjunção e (copulativo ou disjuntivo).

Acrescenta: **«Para ter este último significado, o de prisioneiros de guerra processados e os condenados, haveria que acrescentar um termo ao texto e, portanto, modificá-lo, enquanto a fórmula «processados e condenados» tem em si mesma um sentido, ainda que nele se contenha um lapso, dado que as palavras «processados e» são redundantes» (6).**

George Levasseur, professor de Direito Penal e de Sociologia Criminal na Faculdade de Direito de Paris, acha necessário dar uma interpretação restritiva á ressalva norte-vietnamiana. Para realizar as suas intenções, o Governo norte-vietnamiano deveria ter invertido a fórmula e dizer: **«Condenados ou mesmo processados».** Não estamos convencidos de que esta fórmula invertida seja, ela também, desprovida de ambiguidade. George Levasseur reconhece, aliás, como nós, que só o exame do texto autêntico em vietnamiano permitiria firmar com segurança as conclusões.

A conjunção e tem muitos empregos. Serve para estabelecer uma ligação por adição, oposição, enumeração, consequência. A interpretaão dada ao seu próprio texto pelo governo norte-vietnamiano está em conformidade com o sentido possível dos termos usados. Não se afasta do texto da ressalva. Não existem nenhumas razões para a rejeitar.

*

Esta conclusão puramente jurídica, não significa que a aplicação integral do art.º 85.º aos prisioneiros, no decurso de um conflito armado, não seja desejável —como deve desejar-se que cessem o terrorismo urbano, o bombardeamento cego das populações civis, o «desfolhamento» de zonas rurais.

Na pendência do conflito armado, a extensão e a precisão dadas ás regras de humanidade podem resultar, eventualmente sob os auspícios do C. I. C. V., de acordos entre as partes em presença. O C. I. C. V. emitiu o voto de que **«por decisões unilaterais ou por concessões recíprocas os Estados que se colocaram ao abrigo das ressalvas renunciem a elas, de maneira que os compromissos decorrentes das convenções de Genebra sejam os mesmos para todos»** (1). Não poderão uns acabar com os seus «raids» de bombardeiros gigantes sobre a totalidade do território vietnamiano e os outros renunciar ao terrorismo urbano e conceder o estatuto de prisioneiros de guerra aos pilotos — processados ou não?

---

(1) — Obra citada (1958), p. 449.

(2) — *Rev. Int. de la Croix Rouje* (Agosto 69), pág. 468. Os esclarecimentos soviéticos foram dados a propósito da intervenção do governo dos E. U. A. Segundo G. Draper *(The Red Cross Convention of 1949*, pág. 65, nota 67), os E. U. A. indicaram que *«em sua opinião a ressalva soviética era uma tentativa de excluir a aplicação da Convenção aos prisioneiros de guerra processados por crimes de guerra»*. Como nota, Draper, esta interpretação é insustentável. Mas a intervenção dos E. U. A. mostra que podia encarar-se a existência de uma ressalva que tivesse esse alcance.

(3) — H. S. Levie, loc. cit. pág 349, nota 133.

(4) — Artigo pré-citado, *Harvard Law Review* (1967) pág. 861.

(5) — Obra citada.

(6) — Meyrowitz, obra citada supra, pág. 196.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

MÁQUINA FOTOGRÁFICA PERDIDA... À BOLEIA

Mais importante do que ter recebido a carta do nosso leitor sr. Domingos Alves Ferreira (que, a seguir, transcrevemos) é, parece-nos verificar que ainda há quem se preocupe com os outros e não se dispense a esforços (nem a despesas) para dar «o seu a seu dono».

Pois o caso é este:

«Tendo eu dado uma boleia no meu carro a um senhor, que se dizia estudante, verifiquei, depois que se tinha esquecido de uma máquina fotográfica no carro.

Como me disse que se dirigia para Lisboa, tomei a iniciativa de escrever para o «Diário de Lisboa» para tentar entrar em comunicação com o dono da referida máquina. Para isso vinha pedir que pusessem um anúncio mais ou menos nestes termos:

«Máquina fotográfica esquecida num carro por uma pessoa a quem foi dada uma boleia.

Entrar em contacto com Domingos Alves Ferreira. Escapões — V. Feira».

Quanto ao pagamento do anúncio, podem enviar um recibo á cobrança para a pessoa indicada».

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

Annie Bright
VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

The Kims
ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO
JUAN DE AIZA
com TITICA

FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, ás 17 e 21.30
O LIVRO DA SELVA
M/ 12 anos

CAPITÓLIO
ÀS 16 E ÀS 21.45 HORAS
O ORIGINAL PORTUGUÊS DE ROMEU CORREIA
« O CRAVO ESPANHOL »
Encenação de PEDRO LEMOS
Cenário de LUIS SUAREZ
Telef 32 03 79
(M/ 17 anos)

BAILE
do Liceu Passos Manuel
no Espelho de Água
com os conjuntos
«ZOO» e «BEATNIKS»
Hoje às 21.30 horas

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE

TÍTULO — «A Primeira Noite» (The Graduate).
REALIZAÇÃO — Mike Nichols, 1967 (E. U. A.).
INTÉRPRETES — Dustin Hoffman, Anne Bancroft, Katherine Ross, William Daniels, Murray Hamilton, Elisabeth Wilson, etc.

Na penúria lisboeta, «The Graduate» faz figura de obra importante e extremamente significativa. Certamente que em Paris ou Londres, onde do cinema se têm perspectivas mais amplas, «The Graduate» não ultrapassa a bitola do interessante. Tanto mais que a Real Academia das Artes e Ofícios de Hollywood achou por bem galardoar o filme com o único «Oscar» que ele de todo em todo não merecia: «o da melhor realização», outorgado a Mike Nichols (que fora o autor de uma outra, e também famosa, adaptação teatral — «Quem tem medo de Virgínia Woolf?»).

Benjamin, recentemente bacharelado com brilhantismo numa universidade ame-

(Continua na 7.ª pagina)

«QUE IMPORTA MORRER!» — êxito no Vox e no Mundial

Dois dos mais modernos cinemas de Lisboa — o Mundial e o Vox — exibem, presentemente, com o mais assinalado êxito, o notável e movimentado filme de David Lowell Rich, «Que importa morrer» (A Lovely Way to Die).

Interpretado por Kirk Douglas, Sylva Koscina e Eli Wallach — trio indiscutìvelmente sensacional — o filme foca as atribulações em que se vê envolvido um ex-detective, quando o encarregam de descobrir misterioso crime que comprometia a reputação de uma rica viúva.

Durante duas horas o público vibra de interesse e expectativa com o desenrolar do tumultuoso conflito, onde a aventura e o amor se conjugam da melhor forma.

«Que importa morrer!» é, portanto, um espectáculo forte de intensidade dramática e palpitante de ritmo e acção. É, em suma, um espectáculo que faz as delícias dos apreciadores de temas policiais, plenos de dúvidas e de sequências onde o impossível tem de surgir para bem dos bons e dos maus.

Apresentado em rigoroso exclusivo pela Sonoro Filme, «Que importa morrer!», no campo cinematográfico, pode considerar-se como das obras mais válidas e sugestivas exibidas em Lisboa no início do novo ano!...

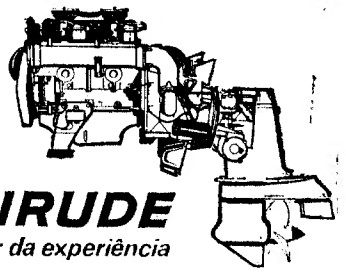
Este ano vamos ancorar em 34 locais diferentes.
Em qualquer parte do mundo,
dispomos do serviço mundial de assistência Envirude.

Já nos aborrecemos de Monte Carlo. Já fomos à Finlândia.
Este ano vamos "descobrir" o Mar Negro.
Somos viajantes inveterados... porque temos o apoio do serviço mundial de assistência Evinrude.
O nosso construtor disse-nos que a Evinrude tem qualquer coisa como 1311 agentes só na Europa.
Isso decidiu-nos a procurar novos mundos.
A facilidade de manobra do Evinrude OMC também ajudou.
E o seu silêncio?!

Eis o que o construtor lhes disse àcerca do OMC Stern Drive:

1.° Tem mudanças electromagnéticas, tão suaves como no melhor dos automóveis.
2.° Foi construído para um ângulo de rotação de 90° de lado a lado. Nenhum outro Stern Drive pode fazer o mesmo.
3.° Está preparado para uma elevação de coluna até 75°. Não se pode exigir tanto de nenhum outro Stern Drive.
4.° Tem suspensão de borracha que absorve as vibrações e os ruídos como uma esponja.
5.° E enfim a garantia de 2 anos, única no mundo.

Distribuidores exclusivos:
MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L.
Av. 24 de Julho, 52 A — LISBOA Telef.: 66 77 10



EVINRUDE
O poder da experiência

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

MÚSICA BARROCA PARA ÓRGÃO

GRANDE AUDITÓRIO | **SÉ CATEDRAL**

Sábado, 24 de Janeiro | Domingo, 25 de Janeiro

PIERRE COCHEREAU

com a colaboração do trompetista

ROGER DELMOTTE

Seixas, Corelli, Sejan, Rodrigues Coelho, Couperin, Purcell, J. S. Bach, M. A. Charpentier | J. G. Walter, Torelli, J. S. Bach, Stradella, Purcell

Sábado, 31 de Janeiro | Domingo, 1 de Fevereiro

JEAN COSTA

Grigny, Couperin, Clerambault, Bruhms, Buxtehude, J. S. Bach, Mozart | Cabanilles, Grigny, Couperin, Daquin, Muffat, Buxtehude, J. S. Bach

Quinta-feira, 5 de Fevereiro | Domingo, 8 de Fevereiro

GERTRUD MERSIOVSKY

Froberger, Scheidt, Böhm, Buxtehude, J. S. Bach | J. S. Bach

Sábado, 21 de Fevereiro | Domingo, 22 de Fevereiro

GRETHE KROGH

Buxtehude | Lynding, J. S. Bach, Dandrieu, Clérambault

Sábado, 7 de Março | Domingo, 8 de Março

ANTOINE SIBERTIN-BLANC

Roberday, Corrette, Lübeck, Pachelbel, Balbastre, J. S. Bach, Seixas | Lübeck, Couperin, Cabanilles, Buxtehude, J. S. Bach, Vivaldi

Todos os recitais se realizam às 16,30 h., com excepção do de 5 de Fevereiro, que terá lugar às 18,30 h.

		Avulso	Assinatura
PREÇOS	Grande Auditório	20$00 e 10$00	90$00 e 45$00
	Sé Catedral	10$00 e 5$00	45$00 e 22$50

50% de desconto a estudantes

CONCERTOS DO AUDITÓRIO DOIS

Sexta-feira, 23 de Janeiro
COLIN TILNEY, cravo
W. Byrd, Haendel, Scarlatti, Couperin, J. S. Bach, Gibbons, etc.

Sexta-feira, 13 de Março
NELLA MAISSA, piano
J. S. Bach, Beethoven, Schumann, Lopes Graça

Sexta-feira, 13 de Fevereiro
ALBERTO PORTUGHEIS, piano
Seixas, Mozart, Brahms, Mendelssohn, Stravinsky

Sexta-feira, 20 de Março
ELSA SAQUE, soprano
OLGA PRATS, piano

Sexta-feira, 27 de Fevereiro
QUARTETO DE INSTRUMENTOS ANTIGOS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL
Corelli, Locatelli, F. Couperin, Purcell, etc.

Terça-feira, 31 de Março
JEAN-PAUL SEVILLA, piano
Beethoven, Schumann, Cesar Franck, Ravel

Sexta-feira, 6 de Março
TRI CHECO
Dvorak, Beethoven, Ravel

Quarta-feira, 8 de Abril
MARIA JOÃO PIRES-NÖTH, piano
RUDOLF METZMACHER violoncelo

Todos os concertos se realizam às 18,30 h.

PREÇOS: Avulso — 20$00; Assinatura — 140$00 ● 50% de desconto a estudantes

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA, COMUM PARA OS RECITAIS DE ÓRGÃO E OS CONCERTOS DO AUDITÓRIO DOIS

JANEIRO — Dias 19 e 20: Venda de assinaturas

Dia 21: Início da venda de bilhetes avulso para todos os espectáculos

- A Bilheteira está aberta todos os dias úteis, das 13 às 20 horas, na Fundação Gulbenkian, Avenida de Berna.
- Na Sé Catedral, estarão também à venda bilhetes para o Ciclo de Música Barroca para Órgão, nos próprios dias dos recitais que se realizam neste templo.
- Para beneficiar de desconto, torna-se necessária a apresentação do cartão de estudante na Bilheteira, e à entrada do Auditório e da Sé.

—— Espectáculos para maiores de 6 anos ——

CIRCO SEM FAZ-TUDOS —MAS QUE NADA!

Augustos de «soirée», «clows», palhaços pobres, seja o que for, faz-tudos!

Chamem-lhe como quiserem, mas devolvam-nos ao Circo. Pois, sem eles, o Espectáculo é uma coisa triste, uma linha quebrada, um baralho sem «duques», um xadrez sem peões, uma panóplia sem armas, uma lampada fundida. Mas que nada é o Circo sem os faz-tudos!

Já há duas Companhias que o Coliseu faz a despesa de todas as facécias críticas apenas com dois augustos de «soirée», seja o que for, faz-tudos. Porquê? Ainda ontem, lá estavam só dois para preencherem todas as quebras de ritmo do espectáculo, com a montagem e o desfazer das aparelhagens de pista. Faz-tudo é numero colectivo. O palhaço pobre é o povo que só tem força quando está junto, unido, em galope, em multidão.

Mesmo assim aqueles dois de ontem ainda se desdobraram em cinco «gags», dois deles, o equilíbrio das latas e os caçadores de ratos, notáveis de imaginação e de simplicidade. Só lhes faltou o desfecho das bofetadas e das pauladas finais, mas dois não chegam para bater ás cegas, batendo-se a si próprios, que é, nos faz-tudos, a melhor crítica da sua condição de peões.

Circo sem faz-tudos, mas que nada

À parte isso, a Companhia tem bons (e maus) numeros. Mas são só lantejoulas! Só vedetas! Só fidalgos do Circo!

Sorani, a «troupe» da cama elástica, é notável. E, lá está, ele veste de faz-tudo. É a crítica. A pobreza espantada que se torna hábil.

Os japoneses, Chen Tu Ching e Michaelchen (que são, afinal portugueses e até nasceram em Portugal, são surpreendentes em jogos orientais — mesmo tendo cá nascido, como já se disse.

Claro que também há os ursos (3, não conhecidos doutros meios de encontro) e os elefantes (grandes e trombudos como senhores abastados); claro que também há os excêntricos e os ciclistas (estes, á maneira de 1800 ou mesmo mais para a frente, tanto faz); claro que também há os palhaços (por uma estranha coincidência ambos sobrantes da anterior companhia). Só não há é faz-tudos — mas que nada!

T. da S.

O fadista Francisco Martinho acaba de gravar para a «Estudio» quatro composições intituladas «O teu lenço», «Fado e rambóia», «Passam as horas» e «Tanger da guitarra». Francisco Martinho está incluído num dos «shows» que António A. Costa e Emílio Mateus vão apresentar nso Estados Unidos

«O VISON VOADOR» — comédia picante

Todas as noites, em duas sessões (ás 21 e ás 23 horas), Vasco Morgado apresenta no moderno e confortável Teatro Villaret a fresca, deliciosa e alegre comédia de Ray Conney e Jonh Chapman, «O Vison Voador» espectáculo picante e divertido em que intervêm Raul Solnado, Io Apoloni, Fernanda Borsatti, Yola, Georgina Cordeiro, Maria, Artur Semedo, Vasco de Lima Couto, David Silva, Rolando Alves e Maria Paula, em colaboração especial, «O Disco Voador» tem direcção de Paulo Renato, em cenário de Pedro Leitão. A versão portuguesa desta comédia foi assinada por Marina de Moraes.

COLISEU

SUCESSO DOS SUCESSOS

HOJE, ÀS 21.30

Podem assistir crianças a partir dos 6 anos

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970

As maiores atracções

Números de sensação

ELEFANTES, URSOS, CÃES, JOCKEYS

AMANHÃ

À TARDE, entrada gratuita às crianças até 10 anos

À NOITE — às 21.30

RESTAURANTE

Folclore

RUA NOVA DA TRINDADE - 22 A - LISBOA

Reabre em 2 de Fevereiro de 1970

★

COZINHA PORTUGUESA

★

O mais completo espectáculo do FOLCLORE NACIONAL:

CANTARES
DANÇAS
MÚSICA
FADO

★

ARTESANATO

★

Informações e Reservas:

Telefones 35007/323406 324005

Preços Fixos

Aberto das 20 às 2

MUITO BARATO

TOALHAS E JOGOS DE BANHO
TOALHAS DE MESA
JOGOS DE CAMA
COBERTORES, ETC., ETC.

Lavores Femininos

Avenida Guerra Junqueiro, 3-D

LAVORES

Rua Áurea, 179

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 5.ª página)

rjcana, regressa á casa paterna, onde é recebido com caloroso entusiasmo. Os pais e os amigos dispensam-lhe uma recepção monumentalmente aborrecida, feita de inutilidades e hipocrisia. Nesse mesmo dia a mulher de um dos melhores amigos da família tenta seduzi-lo, tarefa que completará tempos mais tarde com inteiro êxito. O «caso» prolonga-se com evidente contrariedade de Benjamin, até que surge a filha dessa sua amante que vem estilhaçar por completo a frágil estabilidade daquele adultério provinciano. Benjamin, farto de cinismo e da mentira a que procuravam habituá-lo, obrigando-o a entrar no jogo dos adultos, acaba por conseguir furtar-se á influência do ambiente, logrando fugir com a jovem Haime, mesmo depois desta ter casado com um qualquer bom partido arranjado de improviso. Na igreja ficarão, impotentes e aferrolhados, por um crucifixo os parentes e convidados.

Primeiramente haverá que salientar o belo argumento de que o filme parte e é adaptado de uma peça de Charles Webb. Truculento e sincero, ele põe a nu muita da hipocrisia que lavra em terras ianques. Depois teremos de assinalar a fragilidade da realização de Mike Nichols (que é, quanto a nós, o ponto mais fraco do filme e aquele que mais oferece o flanco a possíveis críticas). Tentanto o bonitinho e o «moderno», Mike Nichols não sabe fugir á utilização inconsequente da camara: teleobjectiva a torto e a direito, efeitos desfocados, enquadramentos arrevesados, de tudo há um pouco, até camara subjectiva (que marca a entrada de Benjamin numa piscina com um fato de escafandrista).

Finalmente rendemo-nos por completo ao talento e segura sobriedade de Ann Bancroft, uma mulher fascinante que pontua todo o filme com o peso da sua personalidade e a medida do seu génio. Ao seu lado Dustin Hoffman teem um papel invulgar e Katherine Ross também.

Enfim um filme de crítica a usos e sistemas que é um violento libelo.

LAURO ANTÓNIO

• NO EUROPA

TÍTULO — «Onde está o Jack?» («Where's Jack?»)
REALIZAÇÃO — James Clavell.
INTÉRPRETES — Tommy Steele, Stanley Baker, Fiona Lewis, Alan Badel, etc.

Com aquele decoro artesanal que é o menos que se pode exigir dos estudios ingleses, James Clavell realizou, para um Stanley Baker produtor e actor, uma destas fitas que se vêem sem forles sobressaltos, tão convencional na anedota como no tratamento narrativo, mas ponteada por um ou outro pormenor que se não chispa de invenção também não provoca bocejos digestivos.

A acção decorre em 1724, numa Londres que fede, destas Londres de estudio cinematográfico recheadas de rostos patibulares, bocas sem dentes, trunfas hirsutas, chagas purulentas, rotundidades pornográficas, adarves risos alcoólicos, esquálidas mãos ávidas de moeda. Enfim, é a miséria dos desendados («vivemos numa época em que o unico crime é ser pobre» — lá se diz, em 1724...) com o respectivo contraponto de uma corte futil e venal.

É sobre este quadro de signos (sociais) opostos que a anedota coloca o herói (um tal Jack, obrigado a ladrão mas honestíssimo, ás de fugas rocambolescas e por isso o ai-jesus dos malltrapilhos) e o vilão (um sinistro Mr. Wild, chefe de esbirros ao serviço do Ministro da Justiça de Sua Majestade o rei alemão Jorge I de Inglaterra, e não por acaso o mandachuva de toda a escanzelada ladroagem da urbe), herói e vilão esses que, em jeito de marionetas e não sem ambiguidades — vá lá... — psicológicas de atracção-repulsa (e nisto residirá o unico aspecto próprìamente curioso da história) se irão defrontar até final.

Claro: campeiam a inverosímilhança (o que seria o o menos...) e a excessiva obediência ao receituário. Os conceitos reflectidos de justiça e injustiça são outras tantas idelas-feitas (há no filme um pender populista muito mais Dickens que Fielding), banalidade somada a rodriguinhos amorosos sem o menor travo de pimenta e sal — o que é de espantar nestes tempos de «liberalismo» erótico, mas impede, honestamente, qualquer similaridade com o tão festejado «Tom Jones».

De registar: a qualidade da fotografia, um certo nervo na movimentação dos figurantes e a sugestão romanesca do «décor». Quanto aos intérpretes principais. Stanley Baker (o vilão) é a máscara de pedra vibrátil e sempre lhe apreciámos, e Tommy Steele (o herói) aquele sorriso esbarrondante de pureza dentifrica que sempre nos buliu com o grande simpático.

V. S. T.

A brasileira Maria Sabina, que esteve há anos em palcos portugueses, prepara-se para concorrer, em Punta del Este, ao título de «Miss Ebano», destinado á artista de cor mais esbelta e fotogénica

«PEÇO A PALAVRA» — o êxito continua

Com um elenco de invulgar categoria, os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado continuam a apresentar todas as noites, (ás 20 e 45 e ás 23 horas), no Teatro Variedades, a revista «Peço a Palavra!».

À frente da companhia, estão os populares artistas: Aida Batista, Carlos Coelho, Eloína, Spina, Max, Anita Guerreiro, Victor Espadinha e Mariano Franco, com «atracção» nacional António Calvário, um grupo de discípulas e um grande «ballet» internacional.

Vale a pena ver esta revista, onde ao deslumbramento da montagem e guarda-roupa, com a assinatura do artista Pinto de Campos, se juntam a graça e a crítica dos seus números, de entre os quais alguns se podem classificar de sensacionais.

TÁBUA RASA

A Comissão Delegada da «Tábua Rasa» organiza, no próximo dia 21, ás 20 e 30, o jantar do Cenáculo, que se efectua no restaurante Hong-Kong.

Após o jantar, o sr. Julio Navarro Cabral fará uma palestra sobre «A Ilha da Madeira».

VASCO MORGADO APRESENTA SÓ PARA ADULTOS

HOJE, 2 SESSÕES às 21 h. e às 23 h.

DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa

A ALEGRE E PICANTE COMÉDIA

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO

Io Apoloni ● Artur Semedo ● Fernanda Borsatti ● Vasco de Lima Couto ● Yola ● David Silva ● Georgina Cordeiro ● Rolando Alves ● Maria e a colaboração de Maria Paula

UMAGARGALHADAPEGADA!

-Crédito à Lavoura- "uten$ílio" que fazia falta ao lavrador.

Só com um completo apetrechamento o lavrador moderno pode corresponder às exigências dum mercado cada dia mais competitivo. Nada poderá falhar. tratamentos a tempo, as melhores sementes, a aparelhagem para regas, as jornas, a compra de gado, as reparações de materiais e do casal, até à conservação dos produtos para aguardar época própria de venda...

...tudo envolve dispêndio para o qual muitas vezes o lavrador não está preparado. Foi para ocorrer a essas necessidades urgentes que criamos o

CRÉDITO À LAVOURA

Diga-nos francamente o que pretende e confie na nossa vontade de o servir. Ajudando-o, damos um passo no desenvolvimento da nossa agricultura.

CRÉDITO À LAVOURA

MAIS UM SERVIÇO DA:

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 53 LISBOA — RUA DO OURO, 95

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

NO «TEATRO GIL VICENTE»

«ANTEPASSADOS VENDEM-SE» DE JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

A julgar por grande número dos espectadores convidados que assistiram á estreia do novo original do festejado dramaturgo Joaquim Paço d'Arcos, intitulada com fina ironia «Antepassados, vendem-se». Talvez pela primeira vez foi possível distinguir a olho nu o destino que levava aquela monumental (em relação ás dimensões do teatro) apupada — unico sinal positivo deste espectáculo.

★

Para com Avilez é costume ter duas atitudes: há aqueles que reverente e entusiásticamente o colocam no trono dos génios e há aqueles que despreocupadamente o arrumam na prateleira dos imbecis. Tenho procurado com a prudência que julgo necessária, distinguir o que em Avilez resulta de uma certa vontade de ir contra a maré da rotina, de usar a imaginação, de superar o rabotinismo. Seria fácil neste momento falar do «itinerário de Avilez» ou «de Arrabal a Paço d'Arcos» mas não quero deixar de fazer justiça ao encenador acreditando que só muito fortes razões o teriam forçado a pôr em cena esta peça.

Esta peça que se chama, pois, «Antepassados, vendem-se» pretende ser uma crónica da vida portuguesa do sr. D. Luís para cá, crónica em que o autor denuncia com coragem, desassombro e lucidez os vícios e os erros de uma casta social decadente. É claro que são dois os equívocos do autor: o primeiro, por ter pensado que escreveu uma peça; o segundo, ter pensado que tocou em qualquer problema digno desse nome. Equívoco que é consequência deste outro que, na altura e noutro lugar, assinalei a Henrique Santana: uma crítica a determinado extracto social não pode ser feita através dos seus valores morais. Atacando (que exagero) uma nobreza de fresca data, arrivista (logo, falsa) que compra os seus brasões á custa de empréstimos ao Governo, o autor limitou-se a atacar (que exagero) exactamente a franja mais vulnerável do poder (vulnerabilidade que, aliás, a peça patenteia certamente contra a vontade do autor).

Então, em contraste com a decadência duma *dinastia burguesa* assistimos á ascendência da dinastia da pequena burguesia, num paralelismo esquemático de patente e indiscutível banalidade.

Ora como essa banalidade é fulcral ao próprio diálogo, á linguagem literária e á linguagem cénica utilizadas, como essa banalidade é a banalidade da própria ironia (que se quisera queirosiana, olá) proposta; como a imaginação do autor se gasta a si própria desde os primeiros momentos (o espectador não virá a ser supreendido, a não ser por erro manifesto, com o que se virá a passar); como as soluções *dramáticas* (os antepassados são quadros vivos, salvo seja) são destituídas de originalidade (salvo erro, Abreu e Sousa tem uma peça em que recorreu a esse truque); como essa banalidade é, por vezes, de uma chateza insuportável noutros duma vulgaridade implacável, noutros mesmo grosseira (por que diabo o decorador há-de ser assim?); como nem sequer se respeite aquele mínimo de inteligência que o espectador deve reivindicar (veja-se como aparece a figura de Aníbal que nem se percebe; veja-se como Gugu — ou Gágá? passa do malandro estroina ao mecânico de automóveis estilo *John, Chauffeur Russo*, sem qualquer motivação psicológica).

Com este texto, Avilez fez o que lhe foi possível e não fez, felizmente, o impossível. A encenação passa da farsa á tragédia com a habitual sem-cerimónia mas como a peça não é nem uma coisa nem outra nem a farsa trágica que o autor queria — a encenação está fora dela. É evidente que este texto a fazer-se (mas para quê?) só poderia servir como pretexto de um espectáculo como o que Avilez fez com o «Comissário da Polícia». Os actores, do mesmo modo, embora alguns tivessem conseguido ultrapassar o mau a que já estamos habituados. Aliás, quem poderia representar aquelas personagens (algumas entram e saem sem que saibamos para quê, com que vantagens na economia da peça)?

No programa cita-se um pequeno trecho de «O Cerejal», de Tchekho.

CARLOS PORTO

«Esperteza Saloia» — a revista do êxito

Com enorme êxito e grande interesse do público, os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado continua a apresentar, todas as noites, em triunfal quarto mês de representações, a já famosa revista «Esperteza Saloia!», um raro exemplo de graça, crítica, linda música, luxuoso guarda-roupa e surpreendente montagem.

Mas a revista «Esperteza Saloia!» é, ainda, servida por uma excepcional interpretação. Basta dizer-se que, à frente da companhia, estão os populares artistas Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes e Dora Leal, com as atracções Helena Tavares e «The Melodies» e, ainda, Vítor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassola, um gentil grupo de jovens actrizes e um escultural e alegre «ballet» internacional.

O público ri, durante todo o espectáculo e aplaude, com entusiasmo, muitos momentos da revista, que foi escrita por Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana e musicada por João Nobre e Carlos Dias.

ora diga-nos...

— Já acompanhou algum enterro?

Nesta terra ainda se vive, dificilmente, ainda se morre, perigosamente. Quando isto acontece há «o enterro». Os pormenores de pompa, o ritual, o formalismo social constroem, muitas vezes, uma pequena ou grande comemoração quase oficiosa. Para além do que é efectivamente servido, há ainda entre nós todo um aspecto exterior do cerimonial funebre (que quantas vezes mais não será do que isso...). Neste se inclui o acompanhamento até á «ultima morada» (que quantas vezes não será finalmente a primeira...)

● *Respondendo á nossa pergunta, o sr. Antunes Amor, repórter fotográfico, disse-nos:*

— Já, já fui a muitos.

— A muitos?...

— Bem, só de familiares.

— ???

— O que mais me chocou foi o do meu pai.

● *Em seguida apareceu-nos o sr. Armando José Guerreiro Marques, jovem empregado de escritório, que desinibidamente assim falou:*

— Só fui ao do meu tio embora já tenha morrido muita gente da minha família.

— E então?

— Bem, a minha tia é que estava chocada. Eu... eu até estava admirado com o bicho de sete cabeças que ela fazia: penteava-o, limpava-lhe o suor da cara...

— O suor da cara?

— Isso dizia ela, pelo menos.

— E você?

— Eu? Eu até dizia que ela parecia maluca...

● *Por fim ouvimos o que, ponderadamente, o sr. Alcino Gonçalves nos declarou:*

— Já, já tenho ido.

— E por que pensa que se vai a um enterro?

— Olhe há de tudo: há as pessoas que sentem e por isso vão, há os que vão por obrigação ou conveniência.

— E o senhor?

— Eu nunca fui para fazer numero ou por conveniência.

NO TEATRO VARIEDADES T 32 60 37

HOJE e todas as noites ás 20.45 e 23 h.
AMANHÃ: «matinée» ás 16 horas

ADULTOS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTACULO
2.º MÊS
PEÇO A PALAVRA!

RIA COM
AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
ANTÓNIO CALVÁRIO
À frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional

SPINA em «Professor do amor»

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

100.ª REPRESENTAÇÃO DE «TOMBO NO INFERNO»

• João Gaspar Simões falará sobre a obra de Aquilino

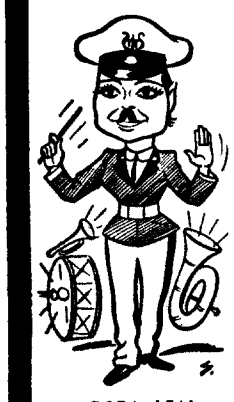
O público de Lisboa prepara-se para prestar uma justa e inesquecível homenagem a Aquilino Ribeiro na centésima representação de «Tombo no Inferno» que encerrará a carreira da peça que inaugurou o Teatro Maria Matos.

Durante a semana popular que hoje termina, o povo da capital tem demonstrado quanto aprecia a obra de um autor, dos maiores da língua portuguesa, a quem todos deviam uma homenagem e um agradecimento, não só pela sua acção como romancista mas, ainda, como homem que se interessava pela gente do seu País.

Para estes últimos espectáculos com «Tombo no Inferno», continuará em vigor a baixíssima e excepcional tabela de preços (balcão a 10$00 e 25$00 e plateia a 30$00, 40$00 e 50$00), permitindo ao público de Lisboa, especialmente ao das classes menos favorecidas, assistir a um espectáculo de teatro português, digno e de qualidade, em que o seu autor se dirige ao povo numa linguagem que o povo entende e aplaude.

Hoje, há dois espectáculos ás 16 e ás 21 e 45, e amanhã, dia em que decorrerá a 100.ª representação, estará, ás 21 e 45, no palco do Teatro Maria Matos, o escritor e crítico literário João Gaspar Simões que, associando-se á homenagem popular a Aquilino Ribeiro, proferirá algumas palavras acerca do significado da vida e da obra do autor de «O Malhadinhas».

• Hoje, às 20,45 e 23 horas em 4.º mês, a colossal revista MARIA VITÓRIA



ESPERTEZA SALOIA

ADULTOS

O triunfo de um óptimo elenco, com:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
AS ATRACÇÕES
● HELENA TAVARES e «THE MELODIES»
À frente de uma grande companhia
● Amanhã, «matinée», às 16 horas

DORA LEAL no «Filarmónico»

concurso fio para tricot Crylor

LISTA DE PREMIADOS

1.º PRÉMIO — 1 SIMCA 1000 SPECIAL
M.ª Isabel Marques Coelho — R. Dr. Oliveira Salazar - CONDEIXA
15 TELEVISORES PORTÁTEIS PHILIPS
M.ª Teresa Barreto — MIRANDA DO CORVO
M.ª da Alegria Batista dos Santos — R. Particular, 12 - Carenque, BELAS
M.ª Fernandes das Dores Bárbara — S. Texugueiras - ALBUFEIRA
M.ª Celeste Pinho Araújo — R. Direita, 38 - POMBAL
Albertina Oliveira Lavrador — R. Castro Reis - Vale da Pinta - CARTAXO
Virgínia Gaiça Machado — R. Nova da Boa Vista, 10 - CARTAXO
M.ª Filipa Oliveira Ferreira — Av. Dr. Solano d'Abreu - ABRANTES
M.ª Luísa dos Santos Guterres — R. dos Ferreiros, 20 — CAST. BRANCO
M.ª José Carneiro Dias — Lamelas - Lugar da Fonte de Cima - ST.º TIRSO
Delminda Santiago Neves — SANGALHOS
João Silva Rodrigues — Maiorga - ALCOBAÇA
Ilda Coutinho Fróis — Valado dos Frades - NAZARÉ
M.ª do Céu Torres — R. da Penha de França, 102-r/c, Dt.º - LISBOA
Senhorinha Inácio — R. de Palhaes, 4 - ODEMIRA
José Fernandes Dionizio — Sondagem Rádio, Lda. - Carrapatelo, Barragem

SORTEIO REALIZADO EM 9 DE JANEIRO DE 1970
DATA-LIMITE PARA LEVANTAMENTO DOS PRÉMIOS: 9 DE JULHO DE 1970
Sociedade Portuguesa La Cellophane Departamento Têxtil: Rua D. João V, 25-1.º, Esq. - LISBOA

CÍRCULO DE CINEMA DA P. E. U.

Realiza-se amanhã, ás 10 e 30, no cinema Tivoli, uma sessão do Círculo de Cinema da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos, na qual será exibido, além de curtas-metragens seleccionadas, o filme «O Ultimo Degrau», de Robert Mulligan.

Necrologia

FALECIMENTOS

Bessone Basto

Um dos fundadores do Sport Algés e Dafundo, Bessone Basto, morreu ontem na sua residência, na Rua Dr. António Granjo, 25-2.º, em Algés.

O falecido, que tinha 74 anos, foi um grande entusiasta da natação, modalidade que praticou não só em longa distancia como em velocidade. Presentemente era membro de honra do «Comité» Olímpico Português. Em 1918 concorreu á travessia do Sena, em Paris.

Bessone Basto deixa viuva a sr.ª D. Hermínia dos Santos Bessone Basto e era pai do sr. Rodrigo Bessone Basto, casado com a sr.ª D. Genoveva Mouzinho de Almeida Bessone Basto, e da sr.ª D. Maria de Lurdes dos Santos Bessone Basto Ferreira Alves, casada com o sr. Francisco Ferreira Alves.

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da residência para o cemitério de Carnaxide.

Augusto Ricardo

Da Casa da Imprensa para o cemitério do Lumiar saiu hoje, com grande acompanhamento, o funeral do jornalista e poeta Augusto Ricardo, falecido no Hospital de Santa Maria, conforme noticiámos.

Durante a noite, o corpo, em câmara-ardente, foi velado pela família e antigos camaradas e amigos de Augusto Ricardo.

No préstito fúnebre incorporaram-se representantes das direcções da Caixa e do Sindicato Nacional dos Jornalistas, etc.

FUNERAIS

D. Emília de Azevedo Mavigné de Sousa Vaz

Com 78 anos, faleceu a sr.ª D. Emília de Azevedo Mavigné de Sousa Vaz. Natural da Figueira da Foz, era viuva do escultor Julio Vaz Junior e mãe da sr.ª D. Maria Julia de Azevedo Mavigné Sousa Vaz Reis Machado, e do sr. eng.º Vasco de Azevedo Mavigné Sousa Vaz; irmã das sr.as D. Joana Mavigné Themudo de Vera, D. Albertina Mavigné Andrade, casada com o sr. coronel José Miranda de Andrade; avó das sr.as D. Susana de Azevedo e Sousa Reis Machado Martins Grilo, dr.ª D. Beatriz de Azevedo e Sousa Reis Machado Ramos de Deus, casada com o sr. Eurico Ferreira Ramos de Deus; e do sr. arq.º João de Azevedo Reis Machado, casado com a sr.ª dr.ª D. Maria da Consolação Staack Rumina Reis Machado.

O funeral da veneranda extinta realizou-se hoje ás 12 horas, para o cemitério do Lumiar. Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Barata.

Capitão de mar-e-guerra Mário Jaime de Sousa Fonseca

Com 60 anos, faleceu o sr. capitão de mar-e-guerra Mário Jaime de Sousa Fonseca, eng.º maquinista naval. O extinto, casado com a sr.ª D. Ana Matilde de Sousa Fonseca, era natural de Lisboa. O funeral realizou-se hoje ás 16 e 15, da capela de São Roque (antigo Arsenal de Marinha), para jazigo no cemitério dos Prazeres.

Eng.º João Gomes da Fonseca

Faleceu o sr. eng.º João Gomes da Fonseca, natural de Santiago, Praia (Cabo Verde), casado com a sr.ª D. Sara Rosa Tavares da Fonseca. Contava 69 anos. O funeral realizou-se hoje ás 14 horas, para jazigo nuo cemitério de Oeiras.

António Marques da Silva

VISEU, 17 — Saiu do Bairro da Balsa, com grande acompanhamento, para o cemitério de São Salvador, o funeral do sr. António Marques da Silva, ferroviário, aposentado, natural de Santarinho. Contava 80 anos, foi personalidade activa e marcante no seu tempo e geralmente estimado. Deixa viuva a sr.ª D. Emília de Sousa Marques da Silva, era pai dos srs. Serafim M. da Silva, industrial visiense e Francisco M. da Silva, ausente no Rio de Janeiro e irmão do também ferroviário aposentado, sr. Bernardino M. da Silva.

SUFRÁGIOS

Actor Vasco Fernandes

Por motivo da passagem do 30.º dia do falecimento do actor Vasco Fernandes, que foi professor da cadeira de Mímica e Movimento do Conservatório Nacional, celebrou-se hoje, na igreja do Loreto, missa em sufrágio, á qual assistiram pessoas de família, amigos e admiradores do malogrado artista

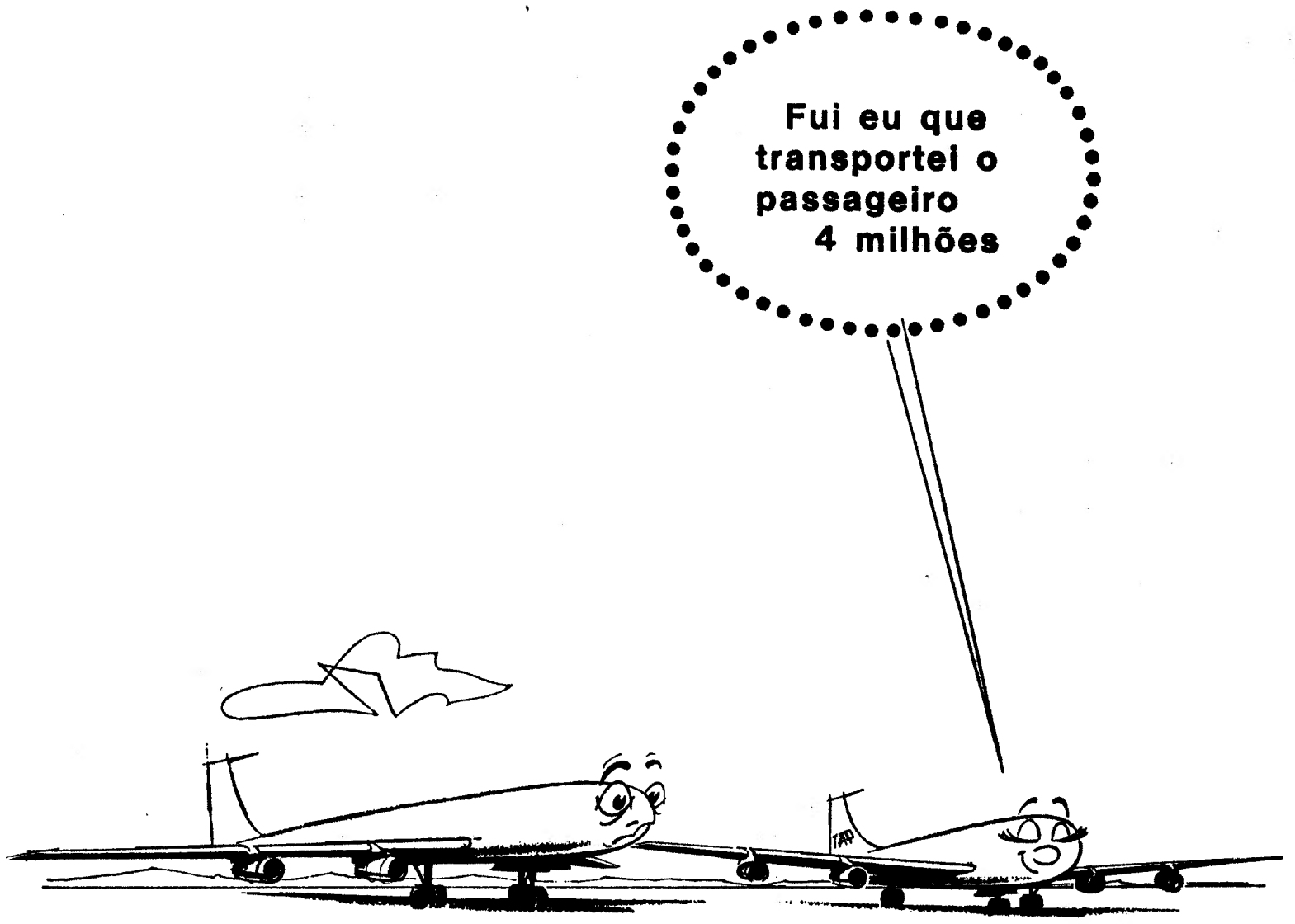
VOLTA A PEDIR-SE A CRIAÇÃO DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO

VIANA DO CASTELO, 17 — Impressa que foi a exposição a remeter ao Santo Padre, solicitando a criação da diocese de Viana, estão os exemplares necessários a ser subscritos pelos católicos de qualidade.

Trata-se de uma nova diligência, dado que idêntica petição foi feita em 1926, 1940 e em 1964.

Atentas as razões de ordem espiritual que encerra e que no Concílio Vaticano II foi reconhecida a necessidade de estabelecer mais estreito contacto entre os fiéis e os bispos, há fundamentado convencimento em toda a região alto-minhota de que Paulo VI deferirá a pretensão.

Uma vaidade passageira...



Também nós nos sentimos orgulhosos,
mas conscientes de que sem a sua colaboração
e o seu apoio o desenvolvimento que tão ràpidamente
atingimos não teria sido possível.
Em 11 de Agosto de 1964 transportámos o passageiro «1 milhão».
O segundo milhão foi alcançado em 18 de Maio de 1967
e o passageiro 3 milhões surgiu a bordo em 8 de Outubro de 1968.
Em 16 de Janeiro de 1970, foi TAP -transportado o passageiro 4 milhões.
Com a continuação do seu apoio a nossa vaidade será passageira...
em breve atingiremos o passageiro 5 milhões.

TAP

VOANDO PARA OS 5 MILHÕES

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Actualidade internacional

As meninas, que tanto brado deram, logo á nascença, parecem promissoras. Pelo menos, duas delas têm os olhos bem abertos e as outras três sabem dormir como gente grande

As gémeas Hanson, de nove semanas de idade, estão juntas outra vez. Joanne e Jacqueline regressaram do Hospital Queen Charlotte e vieram reunir-se ás irmãs, em Raleigh, Essex. A mãe, Irene Hanson, de 33 anos, mostra-se encantada. «Não há palavras que possam descrever o que sinto. Só um poeta poderia exprimir uma coisa destas.» John Hanson o pai foi mais realista: «São todos uns amores. Mas nas primeiras semanas vão ser uma carga de trabalhos.»

O casal Hanson levou Julie de novo ao hospital, a fim de ser submetida a um exame geral: Julie não estava a alimentar-se bem. Mas os médicos declararam que o bebé estava óptimo: «Se não come bem é porque a sua alimentação tem sido demasiado rica» — disse a dr.ª Yvonne Ransley. E assim, Julie voltou para casa, com ela vieram Jacqueline e Joanne. A enfermeira-chefe despediu-se dos bebés com lágrimas nos olhos: «Afeiçoámo-nos muito a elas, durante todas estas semanas», explicou.

O primeiro problema que a chegada das crinças a casa levantou foi o do quarto de dormir. Como não tinha chegado ainda o berço para Joanne, esta teve de dormir no carrinho, na sala de estar.

«O nosso grande problema é o da falta de espaço» — diz a sr.ª Hanson — estamos á procura de outra casa, com cinco quartos de dormir.» E acrescentou: «A nossa vida agora são os bebés e a casa».

Com cinco bebés para tratar, todo o tempo é pouco, e, se não fosse Gillian Wallis, a «nurse» que está em casa dos Hansons, «seria impossível.» «Mesmo assim — diz a sr.ª Hanson — dormimos todos tão pouco, por causa das crianças, que estamos a pensar em contratar alguém para fazer as noites.»

Mas para os Hanson toda esta canseira é uma manifestação de amor.

«Em tempos eu preferia ter rapazes, mas agora penso que as minhas filhas são os bebés mais formidáveis do Mundo», diz a mãe. «Creio que havemos de querer um rapaz, mais tarde. Claro que gostaria que ele fosse mesmo meu filho. Mas penso que a adopção também é uma coisa maravilhosa. Há tantos bebés desprezados no mundo que vale a pena oferecer um lar feliz a uma dessas crianças».

Empréstimo sem precedentes pedido por Saigão a Washington

(Especial do «Washington Post»)

SAIGÃO — O Governo de Nguyen Van Thieu requereu aos E. U. A. um empréstimo sem precedentes (no montante de 68 milhões de dólares) para os gastos de alimentação do Exército sul-vietnamiano. Este empréstimo somar-se-á ao restante auxílio americano.

Os círculos vietnamianos, que informaram a Imprensa acerca deste empréstimo, explicaram que Thieu recorreu a este meio, para não ter que agravar os impostos ou adoptar outras medidas impopulares. Sempre que Saigão aumenta os impostos, a violenta reacção da Assembleia Nacional, dos jornais e dos adversários do regime não se faz esperar.

Estes 68 milhões de dólares agora pedidos aos E. U. A. garantirão 700 gramas diários de arroz para cada soldado sul-vietnamiano. Além disso, proporcionarão 25 gramas diários de açucar e limitadas doses alimentares para as famílias dos militares.

Thieu tem recentemente afirmado por diversas vezes que os E. U. A. têm obrigação de pagar o que for preciso, antes de retirarem as tropas do campo de batalha.

Thieu tem que garantir o apoio do seu Exército — um milhão de homens — e dos serviços civis — duzentos mil homens — para as eleições presidenciais de Setembro de 1971.

Mas nem o Exército nem o serviço civil, embora pobremente pago, podem contar agora com um aumento de vencimentos.

Cerca de 30% das receitas do orçamento de 1970 provêm de títulos descontados no Banco Nacional, e, portanto, envolvem permanente *déficit*. É lógico que se pergunte: por que é que o Governo não imprime mais notas e não paga aos empregados aquilo que eles querem?

Os economistas americanos expliquem que o impacto inflacionista do processo acima descrito levou os preços a subirem de tal maneira que o aumento de vencimentos fica anulado em poucos dias. O fenómeno tem especial gravidade (e solução especialmente difícil) no Vietnam do Sul, onde 70% do Orçamento total anual vai para pagamentos de trabalho.

Mas a melhoria da alimentação para funcionários militares e civis é apenas uma das três exigências da lista a que Thieu chama o «rol das compras».

Dizem algumas pessoas muito próximas do presidente que este pretende também armas mais sofisticadas para o seu exército, e o levantamento de certas restrições que os E. U. A. impõem ao destino dos 200 milhões de dólares atribuídos pelo Governo norte-americano a Saigão, nos termos do programa de importações comerciais.

Constantemente pressionado pelos seus generais, Van Thieu pretende, ao que parece, mais helicópteros, bombardeiros mais modernos e mais blindados.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CASA AGUIAR

17, RUA DO CARMO, 19

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

LANIFÍCIOS PARA SENHORAS E HOMENS
SEDAS E ALGODÕES
CAMISARIA E MALHAS
LINGERIE
PRONTO A VESTIR PARA SENHORAS E HOMENS
VEJAM AS NOSSAS MONTRAS

Um jovem milionário americano está a distribuir a fortuna...

NOVA YORK, 17 — (R.) — Se quiserem compartilhar a fortuna do milionário americano Michael Brody, «hippie» de 21 anos, tentem telefonar para SC-3-3968 ou ir a Paddington Road, 31, Scarsdale, Nova York, se conseguirem vencer os engarrafamentos de trânsito e atravessar a multidão.

Em frente ao numero 31 há hoje centenas de pessoas: Brody prometeu dar a sua herança de 25 milhões de dólares (750 mil contos).

Logo que a notícia foi conhecida, toda a gente começou a apresentar os seus pedidos, desde donas de casa com problemas de hipotecas até gerentes comerciais que queriam pôr os filhos no colégio.

Houve gente que veio de outros Estados e Brody afirma que já deu 60 mil dólares, antes de esgotar os cheques e sair de casa para se afastar um pouco da multidão.

Além disso, há milhares de pessoas junto ao escritório do jovem milionário sala 1409, em Broadway 1650, Nova York.

Depois de o jovem Michael Brody ter decidido dar a sua fortuna, já entregou os seguintes *donativos*: 2500 dólares para amortizar uma hipoteca, mil dólares de gorgeta a um motorista de táxi, 1500 dólares ao pessoal de um restaurante e várias notas de 100 dólares e 500 dólares a diversas crianças. Além disso, um repórter da televisão que lhe perguntou o que aconteceia se lhe pedisse mil dólares, Brody respondeu com um cheque da referida quantia.

«VIVER NUMA ILHA DESERTA»...

Quando lhe perguntaram qual o motivo da distribuição, Brody afirmou que pretendia a paz e exortou os outros milionários a seguirem o seu exemplo.

Mas pelo menos ontem á noite a unica coisa que Brody não teve foi a desejada paz, pois a multidão não o largava: «deixem-me dormir, larguem-me. Estou a pé há 60 horas», queixava-se o jovem, num estudio onde foi fazer uma gravação.

Depois, pediu uma trégua de sete dias antes de dar o resto do dinheiro, e não se passou muito tempo que não estivesse a gritar: «Tudo para a rua. Ou saiem todos em cinco minutos ou suicido-me».

As suas esperanças para o futuro são ir viver para uma ilha deserta com a jovem com quem casou no passado dia 5.

Entretanto, enquanto não chega á ilha deserta, Michael Brody parece estar inclinado a gravar musicas «Pop»...

Bolas de pingue-pongue nos pulmões

MÉXICO, 17 — (F. P.) — Dois médicos mexicanos, os drs. Garcia Salazar e Becerra Badillo, aperfeiçoaram uma técnica original para operar casos de tuberculose avançada.

Ao passo que os métodos cirurgicos tradicionais consistiam simplesmente na ablação das zonas pulmonares atingidas pela tuberculose, os dois médicos enchem as cavidades assim criadas com bolas de pingue-pongue recobertas de matéria isolante e inerte. As bolas — por vezes são 18 para encher uma cavidade — permitem que o pulmão recupere grande parte das suas funções, sem que o paciente sofra falta de oxigénio.

Actualidade internacional

«Comandos» israelitas cortaram as comunicações entre o Suez e o Cairo

(Continuação da 1.ª página)

quilómetros a oeste de Ras Zaafrana.

Todas as tropas israelitas regressaram a salvo á base e os Comandos não depararam com qualquer resistência por parte dos egípcios.

Os ataques foram efectuados no centro do escalão da retaguarda egípcio — acrescentou o informador israelita.

ARMAS AMERICANAS PARA ISRAEL

CAIRO, 17 — (F. P.) — No ultimo trimestre duas dezenas de navios israelitas transportaram, a partir de portos belgas, armas americanas destinadas ao Estado sionista — escreve hoje o órgão oficioso do Governo egípcio «Al Ahram».

O jornal precisa que três navios largaram recentemente de um porto belga rumo a Israel, anunciando por outro lado que o embaixador da Bélgica no Cairo, Georges Carlier, se avistou ontem com o director do departamento da Europa Ocidental no Ministério dos Negócios Estrangeiros egípcio. Ainda segundo «Al Ahram», durante esta entrevista (a segunda em menos de 24 horas) o diplomata belga expôs ao seu interlocutor egípcio o ponto de vista do Governo de Bruxelas e os resultados do inquérito promovido a este respeito pelas autoridades belgas.

Forças iemenitas atacam posições da Arábia Saudita

CAIRO, 17 — (A. N. I.) — Três aviões da Força Aérea Iemenita atacaram posições militares da Arábia Saudita, em Najran, na fronteira entre os dois países, na passada terça-feira — anunciou hoje a Rádio de Jedá, acrescentando que o ataque, «não provocado», foi seguido de vários outros ataques, lançados na mesma área por forças terrestres iemenitas.

«As forças da Arábia Saudita têm-se até agora abstido de represálias, mas receberam já ordens para ripostar energicamente

GORDURA DE MARMOTA CONTRA O REUMATISMO — O farmacêutico de uma pequena aldeia nas margens do Tegernsee, ao Sul da Republica Federal da Alemanha, lançou no mercado um medicamento com o qual provàvelmente já se trataram os antigos germanos. Em muitas aldeias dos Alpes caçam-se, há gerações, as marmotas para obter a gordura acumulada para a hibernação. Séries de experiências provaram que o efeito da gordura de marmota é uma realidade. O produto é utilizado no tratamento de gotas, reumatismos e inflamações das veias. Não é o unico remédio tradicional que se afirma a par dos produtos da industria farmacêutica. Basta pensar na valeriana, no óleo de eucalipto e na camomila.

E quem tem marmota é que a caça...

A Líbia compra armas

Segundo informa o «Washington Post», o novo Governo árabe socialista da Líbia pretende adquirir blindados e aviões soviéticos e de outras proveniências, além dos 50 «Mirage» que comprou á França.

Entre os países já contactados para a aquisição de blindados e de outro material de guerra figuram a Jugoslávia e o Japão. Nenhum desses países rejeitou o pedido líbio.

Julga-se saber que a Líbia começou a procurar fornecedores de material militar, depois de a Grã-Bretanha se ter recusado a vender-lhe blindados «Centurion».

Soube-se, no entanto, que a Líbia terá adquirido os «Mirages» franceses, porque esses aviões são superiores aos «Mig-21», os unicos aparelhos que a U. R. S. S. estaria disposta a vender. Os «Mig-21» seriam também considerados inferiores aos «Phantom» vendidos a Israel pelos americanos.

MANIFESTAÇÕES ANTIAMERICANAS NA BOLÍVIA

LA PAZ, 17 — Mais de dez mil pessoas — operários, estudantes e rurais — desfilaram pacificamente nas Ruas desta cidade, protestando contra os «preparativos de golpe de estado revolucionário» fomentado pelo «imperialismo yankee», e reclamando que o Governo vá «para a frente pela via revolucionária até ao socialismo». Os manifestantes gritavam «slogans» tais como «o poder para os operários», «armas para o povo», «à morte Siracusa» (embaixador dos Estados Unidos na Bolívia).

Durante um comício, os oradores denunciaram uma «conspiração para formar um governo das direitas» tendo como presidente, segundo ele, o embaixador da Bolívia em Washington, Julio Sanguinmey Gottia. — (F. P.).

SPIRO VOLTOU DA ÁSIA

HONOLULU, 17 — (A. N. I.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew, regressou hoje de madrugada aos Estados Unidos depois de visitar 11 nações asiáticas, com o objectivo de conhecer as suas reacções relativas á política externa do presidente Nixon.

O avião de Agnew desceu na pista da base da Força Aérea de Hickam ás 6 e 8 T.M.G., depois de um voo sem escala de Auckland, na Nova Zelândia, onde durante a sua estadia de 24 horas se registaram por três vezes manifestações contra a guerra no Vietnam.

espiral 56/03-01

BEDFORD

UM AUTÊNTICO CAMPEÃO DE PESADOS

Pelo baixo custo e alto rendimento, durabilidade, extensão da gama de modelos, economia de consumo e manutenção. Pela vastissima rede nacional e internacional de concessionários, com assistência especializada. BEDFORD é um campeão;

BEDFORD, O CAMIÃO MAIS VENDIDO NO MUNDO É TAMBÉM CAMPEÃO DE PESADOS EM PORTUGAL.

BEDFORD UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS MARK OF EXCELLENCE

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Pràticamente esgotada a 1.ª edição do livro

A Guerra de Biafra

de F. BONNEVILLE

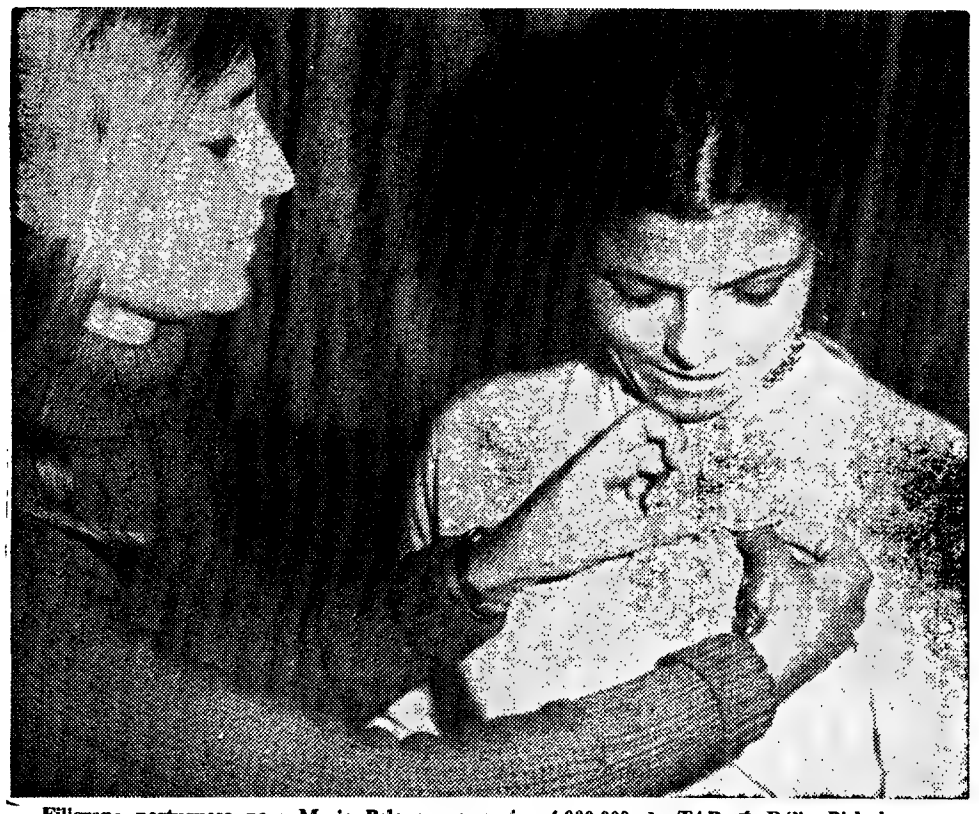
10.000 exemplares vendidos!

124 fotografias vivas sobre o genocídio do BIAFRA ..... 50$00

A VENDA NAS LIVRARIAS

EDITORIAL INÍCIO, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 21-2.º
LISBOA TEL. 4 00 92/3



Filigrana portuguesa para Maria Pelayo, passageira 4 000 000 da TAP. É Délia Bisleck, sua companheira de viagem e colega na Universidade, quem lhe coloca a lembrança

BELA (E ARGENTINA) A PASSAGEIRA QUATRO MILHÕES DA TAP

SEGUIU PARA LONDRES MAS VOLTA NO VERÃO

Jovem e bela, a argentina Maria Fernandez Pelayo não saiu esta manhã, do avião da TAP, vindo do Rio de Janeiro, como uma vulgar passageira. Já sabia, com efeito, ter direito a um título e, sobretudo, ás prerrogativas do mesmo (uma semana em Portugal), inerentes á passageira n.º 4 000 000 transportada pela companhia. O computador que a escolheu teve gosto, e pode-se dizer o mesmo em relação á passageira 4 000 001, Délia Bislek, sua companheira de viagem e colega na Universidade de Buenos Aires.

Nascida nas pampas e residente na capital argentina, Maria Pelayo, de 26 anos, estuda Literatura, na Faculdade de Letras, e resolveu passar um mês de férias na Europa. Quando foi planear o «tour», numa agência de viagens, ficou um pouco surpreendida, o mesmo acontecendo a Délia Bisleck, ao proporem-lhe a TAP, para fazer a viagem.

Depois, ao assegurarem-lhe que se tratava de uma companhia bem cotada, aceitou. Foi o primeiro passo para se tornar a passageira quatro milhões. O seguinte, bem, o seguinte foi chegar um pouco atrasada ao aeroporto de Buenos Aires — «tenho fama de não ser pontual» — e, para cumulo, enganara-se na porta de embarque.

Ao ver que lhe entregavam uma flor e lhe tiravam o retrato, quando subiu para o avião, na capital argentina, soube que ganhara um «título». As pessoa que ali estavam é que julgaram outra coisa: mal ouviram falar em quatro milhões, pensaram em quatro milhões de pesos e deram-na como vencedora da lotaria...

Sorridente, Maria Pelayo, que cerca das 9 e 35 seguiu para Londres, no prosseguimento do «tour», ouve as explicações quanto ao prémio, dadas pelo chefe das relações publicas da TAP, dr. Henrique de Queirós Nazareth:

— Tem direito a uma semana de férias em Portugal, em companhia de outra pessoa, encarregando-se a TAP de a trazer do local onde esteja até Lisboa, na altura do ano que escolher.

A «passageira quatro milhões» resolveu que a altura seria Julho, embora calhe numa época de aulas. As férias são agora.

— Terei outras férias — afirma Maria Pelayo, que, ao saber ter direito a uma acompanhante, convida acto contínuo Délia Bisleck, com um ar feliz.

Longa viagem pela Europa

Os jornalistas querem saber se os estudantes argentinos viajam muito, se de uma maneira geral é fácil vir á Europa.. Ambas visitam o velho continente pela primeira vez, embora já conheçam, por exemplo, os Estados Unidos, pelo menos Nova York. Mas Délia explica:

— Pode-se pagar a viagem a prestações. Para os empregados, para a classe média.

(Continua na 15.ª página)

Cerca de cinco centenas de educa

discutem problemas de classe e pedagógicos

Abriu a sessão a sr.ª D. Maria Teresa Andrade dos Santos, que justificou a oportunidade do I Encontro Nacional de Educadores, a decorrer no Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Av. Manuel da Maia, 2, pela necessidade de definir a importância da educação pré-escolar.

A dr.ª Carminda Hipólito Bento falou a seguir de «A importância da infância no processo da formação do ser».

A partir dos seis, sete anos, a criança mais próxima do adulto porque já é capaz de raciocínio, começa então a ser por ele tomada em consideração. Antes disso, é olhada pelo adulto como um misto de fantasia, de promessa, de fantasmas, fora da realidade e de toda a lei social e de toda a lógica — afirmou a dr.ª Carminda Hipólito Bento no princípio da sua oração, ao definir o valor da criança como ser.

A educadora deve estender a acção formativa até aos pais das suas crianças

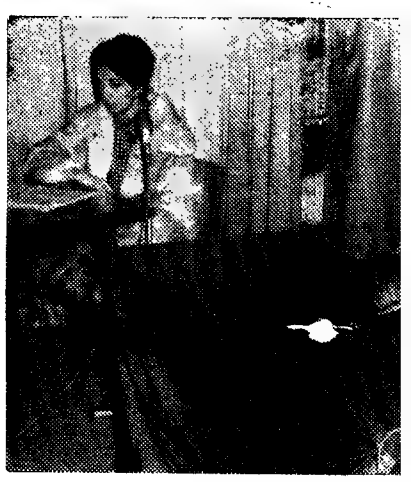
Depois de referir o conceito em que é tida a educadora de infancia, util mas humilde criatura, que parece limitar-se a tomar conta das criancinhas, a «aturá-las, ou o que ainda é pior «a suportá-las», afirmou:

— Em relação á atitude tradicional de abandono, ressente-se a educadora de ausência total de contacto entre a família e a escola, o que provoca uma perca muito considerável de informação sobre a criança para ambas, informação preciosa para uma acção mais adequada tanto de uma como de outra.

Acentuou depois que «não é exagerado afirmar que os pais devem prosseguir a sua formação paralelamente á dos filhos... e a educadora deve ser capaz de estender a sua missão formativa até aos pais das suas crianças».

Por fim, a dr.ª Carmelinda Hipólito Bento depois de situar a 2.ª infancia, propôs as seguintes questões:

— o que é a criança psicológicamente ao entrar na escola infantil.



A psicóloga e educadora dr.ª Carmind ao I Encontro Nacional de Educadore no processo da formação do ser. Na Fundação Gulbenkian, ladeado pelas di João de Deus, respectivamente D. M

— qu
prios
— qu
será n
A se
sentan
de Ed
cola de
cia, Im
famtil,
de De
Domici
nas P
aprese
da sua

SEMINÁRIO SOBRE APLICAÇÃO DE COMPUTADORES EM MOÇAMBIQUE

Partiram, na madrugada de hoje, para Lourenço Marques, onde vão participar num seminário sobre aplicação de computadores, destinado a directores do serviço e funcionários superiores do sector públcio de Moçambique, os srs. dr. António Pinto Barbosa, eng. Barrocas, e prof. Alves Martins da Fundação Calouste Gulbenkian, e ainda o sr. eng. Arantes e Oliveira, do L. N. E. C..

No decorrer do seminário, que se efectuará de 19 a 22 de Janeiro, o sr. dr. Pinto Barbosa falará sobre as aplicações de computadores no campo administrativo e o eng. Arantes e Oliveira dissertará sobre aspectos tecnológicos dessas aplicações.

Participam no seminário vários técnicos de Moçambique, entre os quais o sr. eng. Gonçalves Ferreira, especialista da instalação de computadores.

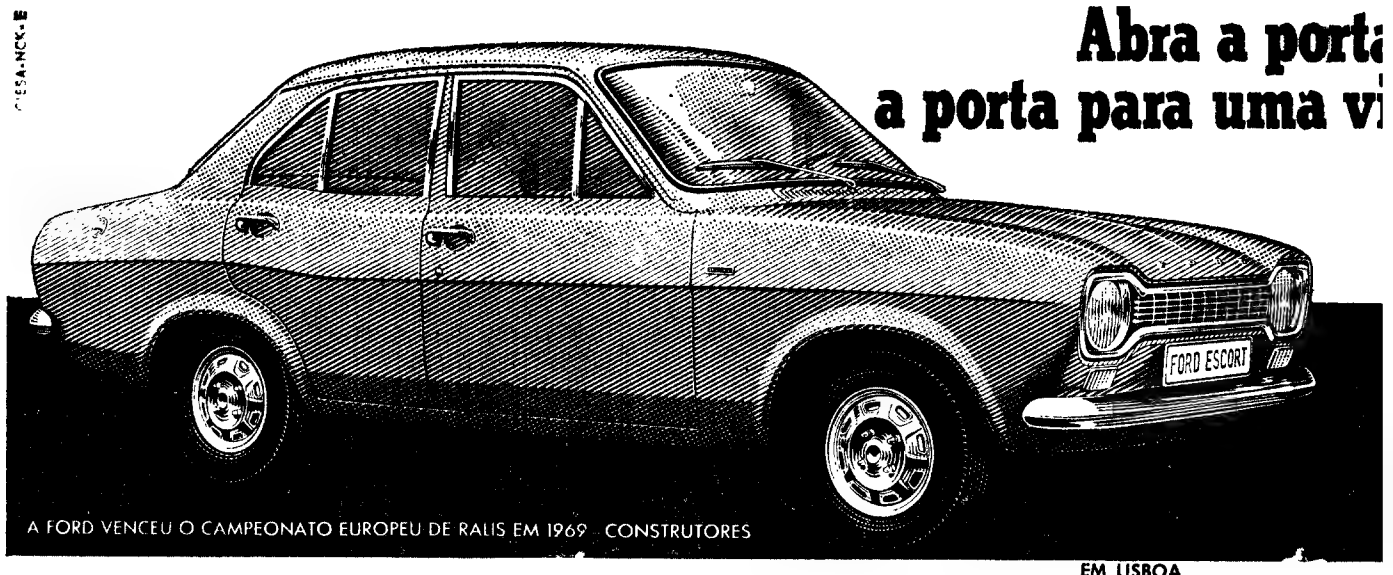
Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

MAIS UM BILHETE
da
CASA DA SORTE
contemplado com um
PRÉMIO GRANDE
Extracção de ontem:
5787 — 3.º PRÉMIO
240 CONTOS
Vendido aos balcões da
CASA DA SORTE

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

MORADIA E TERRENOS
Vendem-se: Moradia em Carcavelos, preço 850 contos — Andar a 50 metros da praia de Carcavelos, local maravilhoso, preço 420 contos — Quintinha perto do Estoril, preço 420 contos — Terreno para indústria ou armazéns no Casal do Marco, á saída da auto-estrada da ponte sobre o Tejo — Lotes de terreno para moradias, com deslumbrantes vistas e nos melhores locais da Costa da Caparica, Caxias, Parede e Cascais, vendemos os terrenos ou construímos por encomenda ao gosto do comprador. Os preços são sujeitos a oferta e facilita-se pagamento em tudo e dão-se rigorosas referências de pessoas para quem construimos por encomenda. Trata a firma proprietária e construtora Tecnicimento, Av. 5 de Outubro, 31-r/s., Lisboa-1, Tels., 539773 e 539774 escritório e 771664 residência.

Abra a porta
a porta para uma vi


A FORD VENCEU O CAMPEONATO EUROPEU DE RALIS EM 1969 CONSTRUTORES
A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
J. MENDES COELHO, LDA.
R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 46147
EM LISBOA
AUTO BOAVISTA, LDA.
R. da Boavista, 81-B - Telef. 669141
AUTO

ucadoras de infância

Carminda Hipólito Bento durante a leitura da sua introdução ducadores de Infancia, em que tratou da importancia, da infancia er. Na mesa da presidência: o dr. Breda Simões, represetannte da pelas directoras do Instituto de Educação Infantil e Jardins Escolas e D. Maria Teresa Andrade Santos e D. Maria da Luz Pontes de Carvalho

— quais os progressos próprios dessa fase.

— que aquisições seguintes será necessário preparar.

A seguir educadoras representantes das cinco escolas de Educação do País — Escola de Educadoras de Infancia, Instituto de Educação Infantil, Jardins-Escolas João de Deus, Instituto Ancilla Domici e Escola de Educadoras Paula de Frassinetti, apresentaram testemunhos da sua experiência.

Definição de um estatuto

O 1 Encontro Nacional de Educadoras, que tem por objectivo estabelecer estruturas para a Educação Infantil e, segundo o desejo das profissionais, definir um estatuto, prosseguiu de tarde com uma conferência do rev. padre Van Niele acerca de «As concepções fundamentais de uma pedagogia para os nossos dias», reuniões de grupos e uma reunião geral. À noite realizar-se-á uma sessão pedagogica de cinema, com comentário e discussão.

O encontro será encerrado, amanhã, após um programa que abrirá ás 9 e 30, no mesmo local, se prolongará de tarde com grupos de trabalho e, por fim, terminará á noite com uma sessão solene.

AOS PAIS E EDUCADORES

ACABA DE SER POSTO À VENDA UM OPÚSCULO, EM ROTOGRAVURA, PROFUSAMENTE ILUSTRADO, CONTENDO A

Declaração dos Direitos da Criança

PREÇO 3$50

Pedidos às Livrarias ou à EDITORIAL LOGOS
Campo Santana, 43 LISBOA-1

jardim das DELÍCIAS

Crónica de JOÃO MEDINA

A INVASÃO ERÓTICA

A Europa conheceu no ano passado duas grandes epidemias: a gripe e o erotismo. A primeira veio de Hong-Kong e teve como agente um vírus reconhecido, catalogado, combatido por uma vacina.

Epidemia mais misteriosa e mais interessante foi o surto do erotismo. Talvez por escapar aos instrumentos das ciências exactas e das técnicas da experimentação, o fenómeno move-se no brumoso social, tem germinações misteriosas, motivações mais do que ocultas, razões ignotas. Donde vem esta necessidade nova e impetuosa de erotismo, de nudez, de libertação sexual? Donde este súbito e galvanizante apetite geral de conhecer Eros, de o incensar e de o venerar em público? Porquê esta ressureição de textos, livros e produções artísticas até aqui vedados ao olhar da turba e escondidos nas caves dos museus ou do subconsciente? Porquê estas profecias diárias do fim da monogamia, porquê o favor inesperado de certos grandes heréticos da política e da psicanálise como esse pobre William Reich? Porquê a profusão de revistas que ousam aquilo que há alguns anos ninguém ousava? Porquê uma exposição da Pornografia na puritana Dinamarca, ao mesmo tempo que um ministro conservador deste país toma a decisão histórica de abolir toda a forma de censura? Porquê a exibição de obras ainda há pouco tidas como «obscenas» (literalmente, aquilo que deve ficar fora de cena, que não deve ser mostrado ao público teatral), e que hoje sobem ao palco ou passam nas pantalhas dos cinemas, tais como os espectáculos do Living Theater (aliás expulso de Avignon e, mais tarde, banido da Itália), do «Hair» (título já em si provocante), do «Satyricon», do nosso homónimo «Jardim das Delícias» de Arrabal ou ainda desse turbulento «Concile d'Amour» de Panizza, peça que teve o ocndão de amotinar certos bem-pensantes de Paris? Porquê, por fim, esta curiosa mistura de Eros e de política, responsável por uma forma de cinema que certos espíritos se obstinam em achar celestial quando não passa em geral de simples homenagem a Sodoma (refiro-me, claro ao «Teorema», de Pasolini, obra pseudo-vanguardista para um público pseudo-vanguardista). Porquê tudo isto?

Não sei que responder a esta chuva de perguntas. Constato, apenas, pergunto, socratizo. Não me atrevo a condenar (condenar o quê? Quem? Porquê?), mas assisto, divertido, no meu banco deste jardim das delícias, às convulsões de alguns sectores da velha sociedade. Por exemplo, divirto-me com a indignação virtuosíssima do Exército da Salvação, que, no passado dia 12 de Dezembro, decidiu perturbar o espectáculo do teatro da Porta Saint-Martin. Exibe-se ali uma versão adocicada e atenuada de uma peça americana de tipo erotico-político; o piquant da peça reside, sobretudo, numa cena célebre na qual, tomados de ímpeto libertário, os jovens acteores se desnudam à meia-luz, para regalo de uma plateia em que cada lugar custa cerca de 300$00: está-se aqui, como se intui, diante de um streap-tease falsamente ousado e astuciosamente rotulado de anarco-pacifista, para consumo exclusivo de uma burguesia de sexagenários capazes de comprarem poltronas a 55 francos por pessoa, sob o olhar paternal de uma censura (sim, em França, país reputado aberto e adulto, há uma censura) mais preocupada com as revistas castristas do que com os émulos do Crazy Horse Salon.

Seja como for, mesmo «recuperado» — a palavra está em moda e não resisto à tentação de a empregar também —, o «Hair» norte-americano vai fazendo uma carreira honrosa e de ricos proventos para os seus empresários, que esfregam as mãos vendo a burguesia (que roda de «Matra» e compra o «Playboy») afluir como pardais à sala da Porta Saint-Martin. Ninguém se lembraria, pois, de contestar esta contestaçãozinha comercial importada de além-Atlântico. Ninguém, excepto um grupo de mansos anarquistas bíblicos fardados de roxo e geralmente munidos de trombones e apitos: o célebre e ridículo «Salvation Army», fundado, há um século atrás pelo reverendo William Booth.

Os jornais noticiaram a façanha do Exército da Salvação, o público riu, os cronistas cronicaram e o «Hair» lá continua, careiro, mas aliciador, a encher a sala da Porta Saint-Martin — e os bolsos dos espertos empresários que sabem converter o erotismo em notas de banco.

Estrasburgo, Janeiro de 1970.

JOÃO MEDINA

Em três linhas

Tomou posse do cargo de conservador do Registo Civil na Covilhã o sr. dr. António Fernandes, substituindo o sr. dr. Osvalto Campos Antunes, transferido para Castelo Branco.

///

O capitão de mar-e-guerra António Augusto Peixoto Correia, antigo ministro do Ultramar, foi colocado na situação de adido ao quadro, em comissão normal, depois de ter passado definitivamente ao Secretariado-Geral da Defesa Nacional.

///

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Monção o dr. Manuel Pereira Marques por ter findado o seu mandato o dr. Manuel Gomes de Carvalho.

///

Foi mandada passar ao estado de desarmamento, desde 12 de Janeiro de 1970, a fragata «Nuno Tristão». E mandado também passar ao estado de desarmamento, mas a partir de 8 de Janeiro, o navio-patrulha «S. Tomé».

///

O director de serviços da Direcção-Geral de Segurança, Rogério Morais Coelho Dias, foi provido interinamente no cargo de inspector superior da mesma direcção geral.

///

Um despacho dos ministros do Ultramar e da Educação Nacional autoriza o funcionamento, na Universidade de Lourenço Marques, no ano lectivo de 1969-70, do 6.º ano do curso de Engenharia Mecânica.

PAQUETE «MOÇAMBIQUE»

Informamos os senhores passageiros de que a saída do paquete «Moçambique» está marcada para as 12 horas do dia 20 do corrente, da Estação Marítima da Rocha de Conde de Óbidos.

A bagagem de porão é recebida no Cais da Fundição em Santa Apolónia nos dias 17 até às 12 horas e 18 até às 20 horas.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

orta, a porta, a porta, a vida mais excitante

A Ford apresenta o Escort 4 portas

ESCORT - ESCORT DE LUXE - ESCORT GT
ESCORT ESTATE CAR

Ford à frente

Ford

AUTO RALI, S.A.R.L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 41832
Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

GRIPE

AOS PRIMEIROS SINAIS
1-2 COMPRIMIDOS DE
NEO-BÊPROL
PARA UMA RÁPIDA MELHORIA DOS SINTOMAS

APÓS A TRANSPLANTAÇÃO DO RIM

VOLTOU ODETE (A IRMÃ DE AMÁLIA) MAS NÃO QUER FALAR NEM SER FOTOGRAFADA

Maria Odete Swetmann, irmã de Amália e Celeste Rodrigues, regressou ontem ao meio-dia a Lisboa, após ter sido submetida (no Hospital Brighmann, em Boston) a uma delicada intervenção cirurgica: a transplantação de um rim.

A mais nova das irmãs Rebordão Rodrigues sofria desde os 18 anos de uma nefrite: afecção renal que lhe afectava os dois rins. Após treze anos de sofrimento, durante os quais consultou diversos especialistas nas melhores clínicas europeias, Maria Odete foi aos Estados Unidos onde foi resolvido submetê-la á melindrosa transplantação renal.

Toda a família se ofereceu para a doação: os testes indicaram Celeste Rodrigues como a mais apta. E Celeste doou um rim á irmã. E Maria Odete aí está: a um passo de ser restituída á vida normal.

— *Os médicos consideram-na totalmente recuperada, mas ela precisa de muito repouso* — disse-nos hoje a cunhada, que está a tomar conta da convalescente, em casa de Amália, na Rua de São Bento.

Maria Odete esteve ontem levantada até muito tarde: só adormeceu ás cinco da manhã de hoje: «*E a noite não foi lá muito boa. Tem, até, a cara um bocadinho inchada*» — disseram-nos os familiares acrescentando que ela pedia desculpa de não se deixar fotografar mas que guarda esse momento para quando Amália regressar de Itália, no próximo dia 21.

— *É uma atenção da «Detinha»* — explicou a cunhada, que salientou: *A «Detinha» até está muito surpreendida por alguns jornais trazerem hoje declarações suas quando a verdade é que no Acroporto ninguém a reconheceu e até este momento ela ainda não disse uma palavra para a Imprensa.*

Escândalos políticos na Grã-Bretanha

LONDRES, 17 — (F. P.) — Vinte e quatro horas depois do deputado trabalhista William Owen ter sido acusado de atentado contra a segurança do Estado, surge um novo escândalo: o presidente do conselho de planificação económica para a região do Norte, Dan Smith, personalidade trabalhista de Newcastle, é acusado de corrupção num caso de construção de habitações em Wandsworth, uma das principais municipalidades da «Grande Londres».

Sidney Sporle, chefe da oposição trabalhista de Wandsworth — a municipalidade está nas mãos dos conservadores há mais de um ano —, também está implicado no caso, assim como três construtores.

É necessário remontar a 1967 para compreender melhor o caso. Nesse ano, a municipalidade de Wandsworth, então trabalhista, lançava um projecto de desenvolvimento com obras no valor de cerca de 60 milhões de libras. O projecto foi imediatamente muito discutido. Em 1968, depois de uma queixa apresentada por uma firma de construção, a Scotland Yard começava um inquérito.

Por outro lado, Louise Patricia Barber, de 18 anos, filha de Anthony Barber, presidente do Partido Conservador Britanico, foi presa ontem, com três jovens do sexo masculino, por detenção e utilização de canhamo indiano. A jovem e os três companheiros serão julgados hoje.

QUEDA NUM BARCO

ÍLHAVO, 17 — Recolheu ao hospital desta vila a jovem Maria Clotilde da Silva, de 18 anos, residente na Gafanha da Nazaré, que foi vítima de queda, a bordo do barco «Vila do Conde», onde trabalhava em serviços de limpeza.

Acusava fractura de costelas e ficou internada para tratamento.

As casas baixas foram invadidas pelas águas, causando avultados prejuízos, e obrigaram as donas de casa a fazer serviço de sapadores

TRANSFORMADA EM RIO

A RUA PRINCIPAL DA VENDA NOVA

Pela quarta vez, nos escassos 17 dias que ainda tem este ano, a rua principal da Venda Nova ficou hoje práticamente transformada num rio, tendo as águas invadido lojas e moradias modestas, causando avultados prejuizos.

«*É doloroso entrar no meu armazem*», disse-nos, a chorar, o comerciante Manuel Osório, proprietário do «Celeiro da Venda Nova».

«*Tenho tudo inundado: sacas de feijão, açucar, bacalhau — nada se aproveita!*»

Os habitantes da área atribuem as repetidas cheias ao entulhamento efctuado nos terrenos da empresa Eduardo Jorge, e ao facto de não ter entrado ainda em funcionamento o colector ali construído há algumas semanas.

«*Desde que entulharam o terreno, com mais dois metros de altura, as coisas complicaram-se*» — declarou o sr. Francisco Rodrigues, cuja casa inundada pelas águas sofreu importantes prejuízos.

«*Ainda agora telefonei para a Camara, a pedir ao sr. presidente que venha verificar os prejuizos; mas que venha ele, pessoalmente, e não mande os fiscais — que esses não fazem nada!*»

As águas começaram a crescer sobre o asfalto pouco depois das 10 horas, mas até cerca das 12 e 30 nenhumas providências haviam sido tomadas. Pesadas camionetas que por ali passavam provocavam, entretanto, forte ondulação, que partiu os vidros da loja do sr. Manuel Osório, que não conseguia disfarçar o seu desgosto.

PORQUÊ?

A entrada de Venda Nova, junto do posto da P. V. T., um agente daquela corporação exibia um estranho critério para permitir ou impedir a passagem de veículos até ao cruzamento adiante, onde as águas se avolumavam. Enquanto autocarros de carreira da empresa Eduardo Jorge e pesados veículos de carga, além de um ou outro automóvel puderam, esta manhã, circular pela faixa ainda livre de água, o carro do «Diário de Lisboa» foi impedido de prosseguir e os repórteres ameaçados de prisão por se terem permitido discordar da decisão do agente da P. V. T. Decisão (lamentável) que, aliás, reconhecemos, foi excepção á habitual amabilidade dos agentes da Polícia de Viação e Transito.

A rua principal da Venda Nova transformada num rio por vezes caudaloso

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	9/1/70	16/1/70	Desvio %
GERAL	152,1	153,9	+1,2
METROPOLITANAS	143,9	145,5	+1,1
Bancárias	252,0	253,0	+0,4
Eléctricas	94,6	94,6	0
Industriais	133,0	136,1	+2,3
Diversas	149,0	154,4	+3,6
ULTRAMARINAS	212,6	215,5	+1,4
Angolanas	220,9	223,6	+1,2
Moçambicanas	117,8	121,6	+3,2

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 9/70

Faz-se saber que no dia 13 de Fevereiro de 1970, pelas 15 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso publico para o «FORNECIMENTO DE 900 000 GARRAFAS DE VIDRO PARA LEITE PASTEURIZADO», com a base de licitação de 1 630 000$00 (Processo n.º 5/70/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 40 750$00 e o definitivo de 5% da importancia da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Camara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24-10-1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias uteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 12 de Janeiro de 1970.

O PRESIDENTE

António Vitorino França Borges

NICOLAU BREYNER:
LUA-DE-MEL NO PORTO

Desta feita, Nicolau Breyner optou pelo silêncio: sem qualquer alarde publicitário o conhecido actor casou-se em Gibraltar, no passado dia 17 de Dezembro, com D. Maria Luísa da Câmara Falcão Bravo.

Para Nicolau como para D. Maria Luísa este é o segundo matrimónio. O artista já foi casado mas divorciou-se dez dias depois do casamento. E D. Maria Luísa da Câmara Falcão Bravo usou o apelido Varela Cid: foi esposa do pianista Sérgio Varela Cid.

A lua-de-mel do casal Breyner está a decorrer no Porto, onde o actor-cançonetista se encontra a trabalhar no elenco da revista «Ena, já fala». Nicolau e a esposa estão hospedados no Hotel Castor onde, por coincidência, também se encontra Sérgio Varela Cid, que se deslocou ao Porto para actuar em diversos recitais.

O actor-cançonetista Nicolau Breyner

Abordado pelo «Diário de Lisboa», Nicolau Breyner disse-nos:

— Tentei esconder este casamento e por isso fomos casar-nos a Gibraltar. Mas, pelo que vejo, não consegui fugir á publicidade.

Dr. Luciano Barata

Mantem-se estacionário o estado de saúde do sr. dr. Luciano Barata, prestigioso jurisconsulto e democrata, que veio da sua casa do Casal de Santo António para Lisboa.

A PASSAGEIRA 4 MILHÕES

(Continuação da pág. central)

não é fácil. Não se ganha o suficiente para essas coisas.

E volta-se a falar em Portugal, nas praias do Algarve e numa certa amiga de Maria Pelayo que lhe disse um dia: «Se tivesse de escolher uma cidade da Europa para viver, escolheria Lisboa, sem hesitações». Assunto seguinte: as temperaturas com que se têm de haver por essas cidades da Europa, no prosseguimento da viagem: Londres, Paris, Roma, Madrid...

O «tour» prossegue, depois, para Nova York e México, com uma visita a Acapulco, como não podia deixar de ser. Segue-se um bem comportado regresso a Buenos Aires, onde Maria Pelayo costuma ouvir musica típica portuguesa, pela manhã, transmitida pela Rádio Nacional do seu país.

— Muitos portugueses na Argentina?

— *Não, não há muitos* — respondem ambas.

Entretanto, o dr. Henrique Nazareth surge com duas lembranças — jóias em filigrana de prata — para as passageiras 4 000 000 e 4 000 001. Sorridentes, apressam-se a colocá-las ao peito. Uma hospedeira da TAP vem interromper a conversa:

— *Acabam de chamar os passageiros para Londres.*

E é entre sorrisos que se fazem as despedidas, o «até á vista» — ou «até ao Verão» — para as duas simpáticas e belas argentinas.

(Um pormenor que demonstra o crescimento da nossa companhia de aviação: para totalizar um milhão de passageiros a TAP levou 11 anos e 19 dias, mas para atingir os quatro milhões bastou um ano, três meses e 10 dias).

AS CASAS

TRAVASSOS

VENDERAM ONTEM MAIS UMA

SORTE GRANDE

9038—4200 CONTOS

(número certo)

●

Viva sem embaraços jogando nas

CASAS TRAVASSOS

Rossio, 42 — Rua da Palma, 43

Lisboa-2 — Apartado 2038 — Telef. 86 45 33

ELEVADORES

COMPORTEL

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

9038—4 200 000$
26746— 420 000$
5787— 240 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

9037— 12 870$
9039— 12 870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

307	843	3094	3410	7222
7717	8424	13701	15104	15554
17506	19035	20340	21442	21502
22668	23393	23571	25107	26823
28872	29859	33327	36173	38773
39107	39947	44739	45543	49476
49591	49617			

PRÉMIOS DE 480$00 (centenas)

5701 a 5800; 9001 a 9100 e 26701 a 26800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 130, 263, 384, 730, 855 e 974, são contemplados com 960$00, no bilhete; os terminados em 37, 49 e 76, são contemplados com 600$00. Finalmente, todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo — terminação — seja 8, têm direito ao prémio de 300$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

☆

O terceiro prémio grande foi vendido aos balcões da Casa da Sorte.

O 39.º «RALLYE DE MONTE CARLO»

UM DOS FAVORITOS ANDRUET

ELIMINADO POR NÃO TER PARADO NO PRIMEIRO CONTRÔLE DE PASSAGEM

MONTE CARLO, 17 — (R.) — Os concorrentes ao «Rallye» de Monte Carlo enfrentavam hoje o seu primeiro dia completo na prova de resistência que os levará por cerca de 3500 quilómetros através da Europa, antes de chegarem na próxima segunda-feira a esta cidade.

Por uma contagem não oficial, 185 equipas partiram a noite passada de oito pontos diferentes e a poucas horas do começo foi anunciada a primeira desistência.

A comunicação oficial do «contrôle» de Dover, recebida em Monte Carlo, dizia que nove automóveis tinham partido no barco que levou os concorrentes através do canal da Mancha até Bolonha.

Catorze dos 33 carros que deviam originalmente partir de Atenas para o percurso de 5500 quilómetros não apareceram no posto de «contrôle». Incluíam quatro volantes gregos, que não foram autorizados a levar os seus carros, todos com chapas de matrícula estrangeira, para fora do país, como aconteceu nos ultimos anos.

Numa noite quente em Monte Carlo, grande multidão concentrou-se nos dois lados da estrada pela qual seguiram os concorrentes e na praça em frente do Casino, cheia de bandeiras e iluminada por projectores, para assistir á partida dos 43 volantes. Entre eles encontravam-se Jean Claude Andruet, no «Alpine Renault», numero um, e Roger Clark, tripulando um «Ford Escort».

O francês Jean Claude Andruet foi hoje eliminado por não ter parado no primeiro «contrôle» no percurso para Monte Carlo.

Das 184 equipas partidas ontem de oito cidades europeias encontravam-se em prova hoje de manhã 179. Andruet, que tinha o numero um, partiu ontem á noite de Monte Carlo num «Renault Alpine» e saía da prova ao fim de 269 km por não ter parado no posto de «contrôle» entre Monte Carlo e Gap. O concorrente afirma que se sentia mal.

Ás primeiras horas de hoje recebeu-se a notícias de que tinham abandonado a prova mais dois concorrentes partidos de Monte Carlo além da e quipa norueguesa que ontem abandonou a prova. Um deles é o italiano Paolo Mattiazo, em «Fiat», que sofreu um despiste e está num hospital. O seu estado não é grave.

A outra equipa é a de pai e filho Roy e Minchael Pinder, em «Jaguar» que também sofreram um despiste e ficaram com o carro inutilizado.

O unico concorrente penalizado até agora é o inglês Peter Suppan, que partiu de Reims em «Triumph GT-6».

O ACTO DE POSSE DOS DIRIGENTES DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL

Sob a presidência do sr. dr. Luz de Faria, realizou-se esta tarde, na sala do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol, o acto de posse dos novos dirigentes daquela entidade.

No decorrer do acto que foi muito concorrido, usaram da palavra vários oradores para salientar a acção dos dirigentes da primeira Federação do País.

No momento da assinatura do auto de posse os novos dirigentes foram muito ovacionados, particularmente, o presidente da Federação sr. dr. Matos Correia.

AUTOMOBILISMO

AMÉRICO NUNES o melhor na prova complementar do «Rallye» do Sporting

Terminou cerca das 13 e 45 a prova complementar do Rallye Nocturno do Sporting, que decorreu sempre sob chuva intensa. Os resultados foram os seguintes:

1.º, Américo Nunes (Porsche 911), 1 m. 38,72 s.; 2.º, César Torres (Austin Cooper S), 1 m. 41,73 s.; 3.º, Luís Netto (Austin Cooper S), 1 m. 46,04 s.; 4.º, Couto Fragoso (BMW 2002). 1 m. 47,19 s.; 5.º, Carpinteiro Albino (Saab 96 V4), 1 m. 47,48 s.; 6.º, Giovanni Salvi (NSU TT 1200), 1 m. 48,18 s.; 7.º, eng.º Heitor de Morais (Morris Cooper S), 1 m. 50,21 s.; 8.º, Jorge Nascimento (BMW 2002), 1 m. 50.33 s.; 9.º, Fernando Baptista (Austin 1800), 1 m. 51,30 s.; 10.º, Lamy Viçoso (NSU TT 1200). 1 h. 51,90 s.

Efectuaram ainda a prova mais nove concorrentes, que deverão alinhar á partida para a prova de estrada.

— - —

Logo á saída do Estádio José Alvalade, o concorrente Américo Nunes sofreu um pequeno acidente a cerca de 100 metros da meta («contrôle» da partida).

O carro de Américo Nunes, um «Porsche» 911-S, colidiu com um veículo que saía da rampa da Televisão. Em consequência do acidente o carro ficou com os faróis danificados e a parte da frente (grelha) destruída, o que, porém, não impediu de prosseguir na prova.

NOVAMENTE UM PRÉMIO GRANDE

26746—420 CONTOS

VENDIDO PELO

CAMPIÃO

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

foi vendido aos balcões da

CASA DA SORTE

Veja, por favor, o anúncio na pág. central

ALGÉS

†

RODRIGO BESSONE BASTO

FALECEU

O COMITÉ OLÍMPICO PORTUGUÊS cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Membro de Honra, Rodrigo Bessone Basto e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 18, pelas 11 horas, da Rua Dr. António Granjo, 25-2.º, em Algés, para o cemitério de Carnaxide.

aip

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE PUBLICIDADE, LDA.

Tem o prazer de participar aos seus clientes, fornecedores, amigos e público em geral, que passou a estar integrada no Grupo de Empresas Sepulchre, adquirindo assim uma nova dimensão no mercado europeu.

GRUPO DE EMPRESAS SEPULCHRE

Jansep

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Os Vigilantes da Floresta:

«A FEBRE DA CAÇA»

Realizado por George Cormam, o episódio «A «Febre da Caça», da série «Os Vigilantes da Floresta», é exibido cerca das 0 e 55, e são seus intérpretes Graydon Gould, Michael Zenon, Peter Tully e Susan Conway.

«Chegam á floresta de Indian River dois caçadores da cidade, sem experiência alguma. São eles Ster e Arthur, que fazem fogo a torto e a direito, sem a menor noção de que podem ferir alguém. Acabam por ferir gravemente Beanningan e...».

«NOITE DE TEATRO» E «ESTÚDIO C»

As rubricas «Noite de Teatro», com a peça «Casa Fronteira», de Slawomir Mirozek, já transmitida no I Progrma em 6-8-69, e «Estúdio C», com António Mourão, também já transmitido na rede nacional, em 13-12-69, preenchem a emissão do II Programa.

Carlos Mendes volta a cantar na TV

ESTÚDIO C:

CARLOS MENDES

Pelas 22 e 35, regressa aos pequenos «écrans», após longa ausência o cançonetista Carlos Mendes, que já representou o nosso País no Festival Europeu da Canção.

Juntamente com Carlos Mendes, actua no programa «Estúdio C», realizado por Pedro Martins, o Conjunto «Bossa Jazz 3».

«Without Her», «Call Me», «A Place For Lovers» e «Little Darling», são as canções incluídas no programa.

VOLEIBOL:

Atlét. Madrid-F. C. Porto

De colaboração com a Televisão Espanhola, a R. T. P. transmite, pelas 19 e 30, em directo, o jogo de voleibol que se realiza no Palácio dos Desportos de Madrid, entre as equipas do Atlético de Madrid e do Futebol Clube do Porto, a contar para a 2.ª mão da primeira eliminatória da Taça dos Clube Campeões Europeus da modalidade.

«A CAMINHO DO OESTE»

«O desonesto Gaskine é o presidente da Câmara da pequena cidade de Lawrence. Gaskins, que é, também, o dono do «bar» Elkhorn e outras empresas, não hesita em contratar um pistoleiro para matar aqueles que se atravessam no seu caminho.

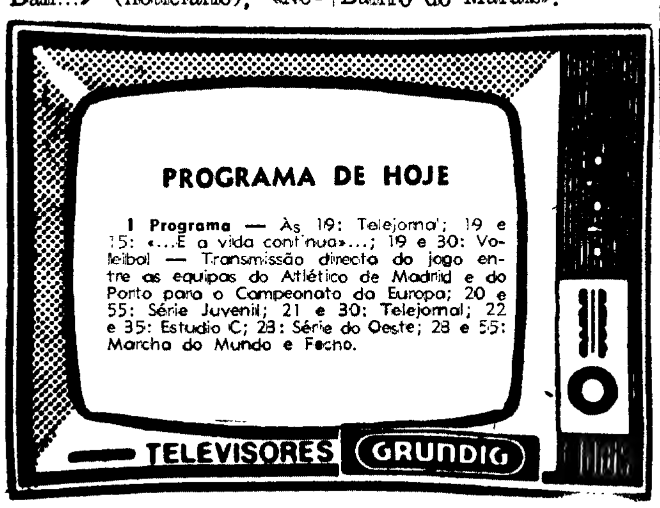
Ben Pride, a pedido do povo, vai candidatar-se nas próximas eleições, porém Gaskins tenta eliminá-lo...»

Assim se resume a acção do episódio de hoje da série «A Caminho do Oeste», que se exibe pelas 23 horas.

São intérpretes os seguintes actores: Barry Sullivan, Glenn Corbett, Kathryn Hays, Andrew Prine e Brenda Scott. Realização de Robert Totten.

«ESTÚDIO SEM MARCAÇÃO»

Neste programa dedicado especialmente aos jovens espectadores, estão incluídas as rubricas: «Daqui e Dali...» (noticiário), «Novas técnicas (um tractor electrónico)»; «Coisas da neve» (desportos de Inverno); Filatelia, e, ainda, um apontamento sobre «O Bairro do Marais».



PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Telejornal; 19 e 15: «...E a vida continua»...; 19 e 30: Voleibol — Transmissão directa do jogo entre as equipas do Atlético de Madrid e do Porto para o Campeonato da Europa; 20 e 55: Série Juvenil; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Estudio C; 23: Série do Oeste; 23 e 55: Marcha do Mundo e Fecho.

AMANHÃ — I Programa — Às 12 e 30: Abertura e Missa de Domingo; 13 e 10: Dia do Senhor; 13 e 30: Universidade na TV — «A Vida e a Ciência»: Prémio Nobel da Física — 1969; 14 e 05: Série Juvenil — Daktari; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos animados; 15 e 25: Tarde de Cinema; 16 e 55: TV Educativa; 17 e 20: Eurovisão — «Circo Infantil»; 18 e 20: Domingo Desportivo; 18 e 35: Folclore; 18 e 55: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Expedição; 20 e 10: Se Bem Me Lembro; 20 e 25: Cinema 70; 20 e 55: Domingos da Europa; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Os Companheiros de Baal; 22 e 35: Tele-Ritmo; 23 e 55: Domingo Desportivo; 0 e 16: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Estudio C; 22 e 25: Série Filmada; 23 e 15: Concerto; 23 e 30: Fecho

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário — Fim de Semana; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 5: Emissão Infantil, por Madalena Patacho 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19 e 45: Rádio rural — Musica, so Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 15.º episódio do folhetim «Roça»; 21: Revista da Semana; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Serão para trabalhadores, transmitido do Liceu Camões; 22 e 30: Tempo literário: «Poesia, Musica e Sonho», por Miguel Trigueiros; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 17 e 40: Trio op 17, de Fernando Correia de Oliveira, pelo Trio Portugália constituído por: Henri Mouton (violino); Madalena Costa (violoncelo) e Helena Costa (piano); 18: O maestro Colin Davis: 19: Abraço na distância, por Goulart Nogueira; 19 e 20: Musica de tecla: 20: Diário Sonoro, Musica de arco: Introdução e Fuga, de Joues, por Hyman Bress (violino) e Charles Reines (piano); 20 e 30: Ciclo de melodias; 21: Pequeno concerto em que colabora a pianista Teresa Vieira e o duo de violino e piano: «Lídia de Carvalho — Helena Matos»; 21 e 45: O gosto pela musica, pelo dr João de Freitos Branco; 22 e 15: Musica coral-sinfónica: Requiem em ré menor, de Cherubini, pelo Coro Checo e Orquestra Filarmónica da Checoslováquia, dirig por Igor Markevitch 22 e 58: Fecho

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Intercâmbio musical: Programa pela orquestra Filarmónica da O. R. T. F., sob a direcção de Jacques Pernoo, com a colaboração da pianista Loubon Timofeeva; 23 e 31: Preludios e fugas n.os 6, 5 e 4, K 404, de J. S. Bach — transcrição de Mozart, pelo Trio de Cordas Francês; 00: Salmo 129, de Oscar Esplá, pelo soprano Angeles Chamorro, 0 e 15: Quarteto com piano, em sol menor, op 25, de Brahms, por Elementos do Quarteto de Cordos Hungaro e Georges Szolchány (piano); 1: Fecho:

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Recital; 19 e 40: Noticiário; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conjuntos instrumentais; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: Robbialac; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20 e 15: Orquestras famosas; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita: 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

EMISSOR DE MIRAMAR — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Conjuntos; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e [illegible]: Norte dia a dia; 21 e 02: O ritmo e a melodia; 21 e 15: Rádio Placard; 21 e 45: Hora luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 288,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Musica e canções para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Piano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — Onda média — 188 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 14 e 30 ás 19 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 0 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e dos 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30

canal da crítica

«JOGO DA VERDADE»: PALAVREADO COM MOLHO DE PARIS...

Um «diário» com a presença de pai e mãe. A tentativa de recuperar o passado. A camara a fazer um brilharete no seu trabalho de formiga á procura de razões. O interesse de uma história. O desencontro. As pessoas que acordaram da morte para mais uma luta (a derradeira) corpo a corpo. A acusação: nós não fomos felizes.

De tudo isto se podia fazer uma obra com interesse popular. Costa Ferreira não o conseguiu. Para além da irregularidade da qualidade do texto, há, como já vimos, um pendor literário que está em desacordo com as exigências da Televisão. Não pode imaginar-se um casal, por muito Joana e muito Luis que sejam, a falar, a discutir, a opinar como se estivessem a seguir as palavras de um livro.

Sem falar no tom bruamente pernóstico e parisiense de verniz que tudo aquilo tem. Sem falar nos conceitos desorientadores, semeados ao longo do diálogo, em especial no que se refere á arte, género: «Quem dirá *que uma artista abstracta pode ser simples e sensível...*»

Eunice Muñoz ainda não nos deu, em nenhum episódio, sinais de si própria. Melhor nos silêncios do que nas falas, Eunice reforça, em vez de procurar eliminar, a feição escrita da conversa.

Carmen Gonzalez não convenceu, não durou, não se apossou da personagem como convinha. Foi, ela também, arrastada no clima geral do palavreado convencional, para onde não há, isso é verdade, pontes fáceis. A dificuldade, para Carmen, consistia em não ter, atrás de si, uma tradição da personagem. Ela tinha de criar a partir do nada — e as palavras de ocasião não bastavam.

Costa Ferreira, o autor, interveio no papel de pai. Funcional. Sinde Filipe, em dois apontamentos, em dois gestos quase sem tempo, foi o unico a dar a sugestão desse instinto de representar que é, por si só, motivo de atracção do público.

Quanto a Oliveira Costa, o realizador, a sua missão não era nada fácil Mas acabou por resolver bem certos problemas (a figura desfocada do pai quando filtrada pela memória de Joana, logo nítida, quando tornam ao discurso directo) e acabou por cair em esquemas de cordel, como a figura da mãe dramáticamente derrubada, tadinha

O teatro televisivo portu-

(Continua na pág. seguinte)

ANDARES
VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE O PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

Correios e Telecomunicações de Portugal

Obrigações CTT 5 3/4 % — 1969

Avisam-se os Snrs. Obrigacionistas de que o cupão n.º 1 se encontra a pagamento a partir de 1 de Fevereiro próximo:

Juro de cada obrigação ...	31$46
Imposto sobre as Sucessões e Doações (exceptuados os casos de isenção)	1$573
Líquido a receber ...	29$887

(o total, em cada pagamento, deve ser arredondado em dezenas de centavos, para menos).

Os juros das obrigações nominativas serão pagos na Tesouraria dos CTT, Rua de S. José, 18, Lisboa — pelo que se torna necessário a apresentação dos títulos respectivos a fim de serem carimbados.

O pagamento dos juros das restantes obrigações será efectuado pelos seguintes estabelecimentos bancários:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
Banco de Fomento Nacional
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Açores
Montepio Geral

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuímos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baia)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

VENDE-SE

Tractor MF 130 — Vinhas — em estado novo
LEMOS & IRMÃO, LDA.
Rua 5 de Outubro — Telefone 23456/7 — VISEU

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

guês ensaia os primeiros passos. Há-de cair algumas vezes mais? Sem dúvida. O importante é que prossiga as suas experiências. Ora dentro de dias temos o último episódio do «Jogo». E depois? Depois voltamos ao joguinho?

OS HOMENS OS LIVROS E AS COISAS

Foi uma gota de água: *ping*... e acabou. Acabou quando apetecia ficar longamente a ouvir Cesário Verde. Porque, não nos iludamos: a festa foi toda de Cesário. Coube a Joaquim Magalhães a parte na glória de o ter levado ali, á presença do público juvenil e de dizer a este: leiam Cesário Verde, pode ajudá-los na conquista de uma visão poética atenta, superalenta, ao real. Ensopados de lirismo, ao longo de sete séculos de versos e versinhos, saturados de pieguices, de coisinhas e coisinhas, incluindo almas minhas e conchinhas, Joaquim Magalhães tem razão: Cesário Verde é o motor novo aplicado a uma barcaça velha, capaz de a transformar novamente em barco de alto mar.

Pena foi que Joaquim Magalhães não desse, quando se referiu a Mário Cesariny, a visão do passo em frente depois de Cesário: a ironia tensa que se desdobra por íntimos caminhos além das palavras, mas com as palavras certas, firmes, exactas — e fluídas...

Voltou a colaborar na rubrica Helena Domingos. Menos preocupada, desta vez, com o problema dos cabelos, Helena Domingos manteve a preocupação de nos entregar intactas as palavras de Cesário. Se as palavras são o material dos poetas, quem diz poesias há-de ter a preocupação essencial de cuidar delas para que o ouvinte obtenha uma reprodução exacta desse material. Helena Domingos está no caminho certo: há que lutar contra os recitadores-palradores que julgam ser o gesto tudo e o resto quase nada. Quem ouviu Mário Pereira na «Convergência» a assassinar Régio com uma data de punhaladas direitinhas ao coração (ah, os gestos, e contracções e olhinhos não faltaram!...) sabe onde quero chegar.

Quanto ao «Programa Juvenil», propriamente dito, como é? Quando vem o passo em frente? Literatura é importante, mas não é tudo. A literatura não substitui a vida. Há tanto ainda por fazer e o tempo corre, corre...

MÁRIO CASTRIM

«PIQUENIQUE» EM SESSÃO CLÁSSICA NO CINEMA IMPÉRIO

Gilbert Salachas, chefe da redacção do famoso (Téléc-Ciné», de Paris, escreveu sobre «Piquenique», estas frases definitivas: «Piquenique é um filme surpreendente, a sua bela factura estética mantêm o espectador sob um encanto permanente. A sequência do *piquenique*, ficará para sempre como um trecho de antologia cinematográfica. Isso bastava para justificar a nossa admiração pelo filme de Joshua Logan, mas a admiração não fica por aí».

«Piquenique», película excepcional a que a Academia de Hollywood concedeu três dos cobiçados Oscars, e que obteve, também, a medalha de ôiro da Photoplay, tem William Holden, Kin Novak e Rosalind Russel como intérpretes principais e é o filme da sessão clássica do Império, na próxima quarta-feira, às 18 e 30.

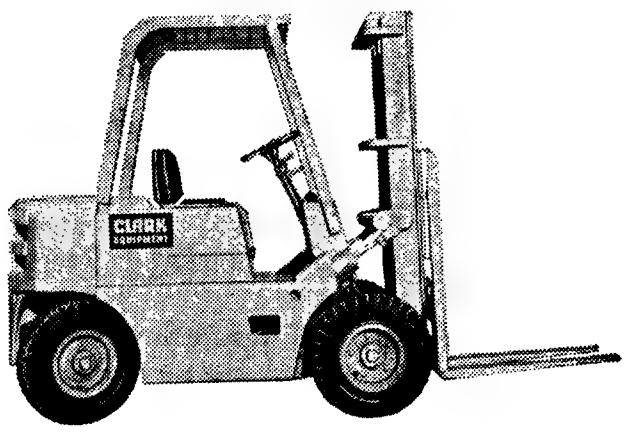
A abrir este excepcional programa, projectar-se-á, no âmbito da apresentações do novo documentarismo português, o filme de Fonseca e Costa «Metafísica do chocolate».

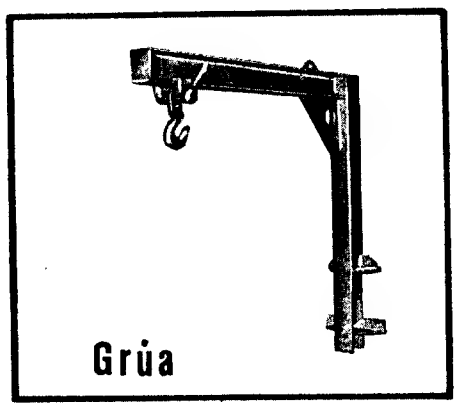
AFONSO DOS SANTOS

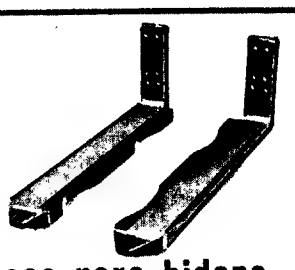
Um ano de inesquecível saudade. Viuva e filho.

TEM PROBLEMAS DE MOVIMENTAÇÃO E ARMAZENAGEM?

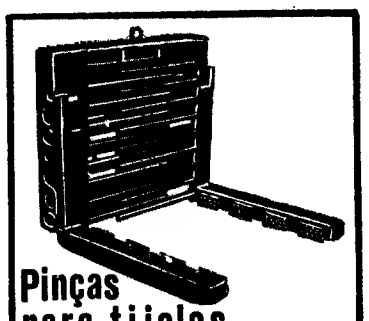
utilize a nossa experiência

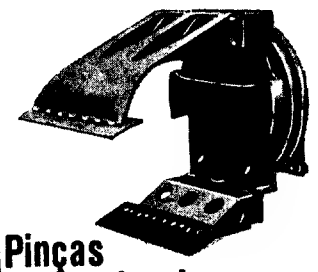


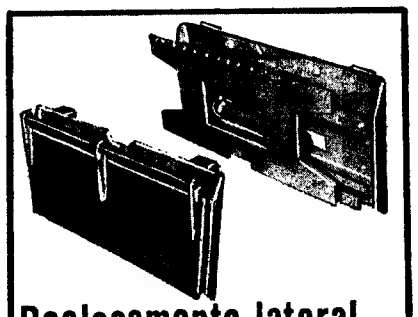

Grúa


Pinças para bidons

Pinças para caixas de cartão


Pinças para tijolos


Pinças para rolos de papel


Deslocamento lateral

ROMAR
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

LISBOA
R. DA BOA VISTA, 83-1.º-D.
TELEFS. 672161/2/3/4/5

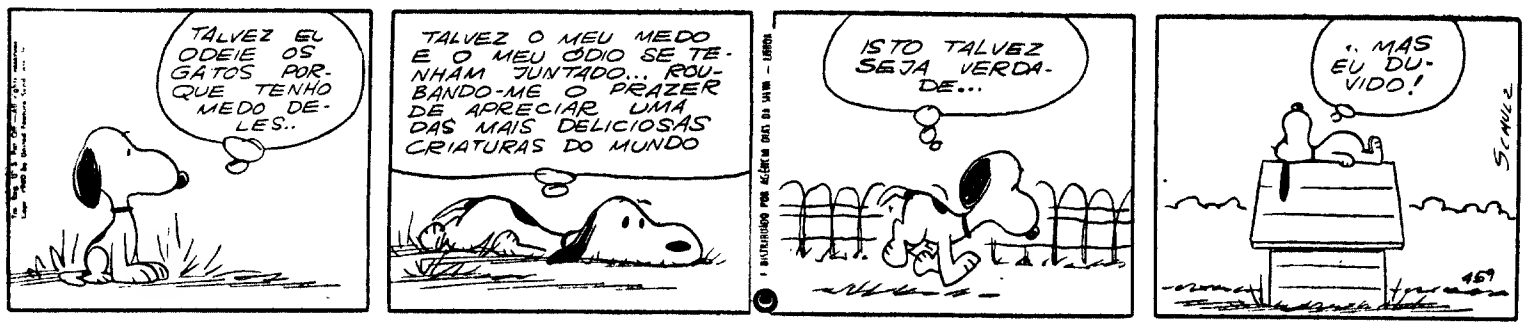
LUANDA
L. MARQUES

PORTO
R. DE SÁ DA BANDEIRA, 589
TELEFS. 25871-32205

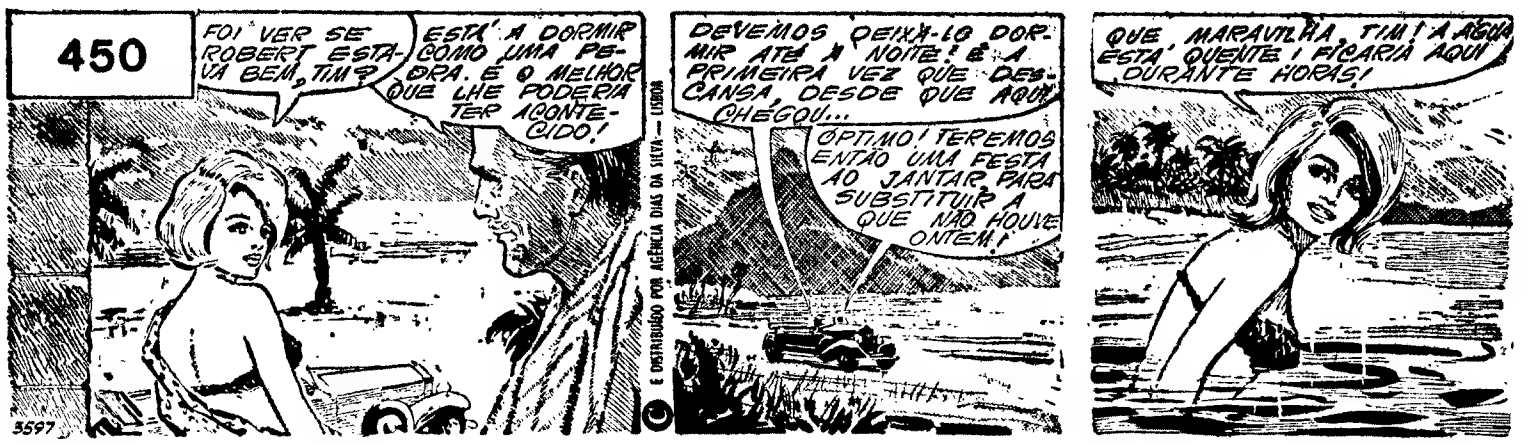
EXPONHA-NOS O SEU PROBLEMA
O NOSSO GABINETE TÉCNICO ENCONTRARÁ A SOLUÇÃO ADEQUADA

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

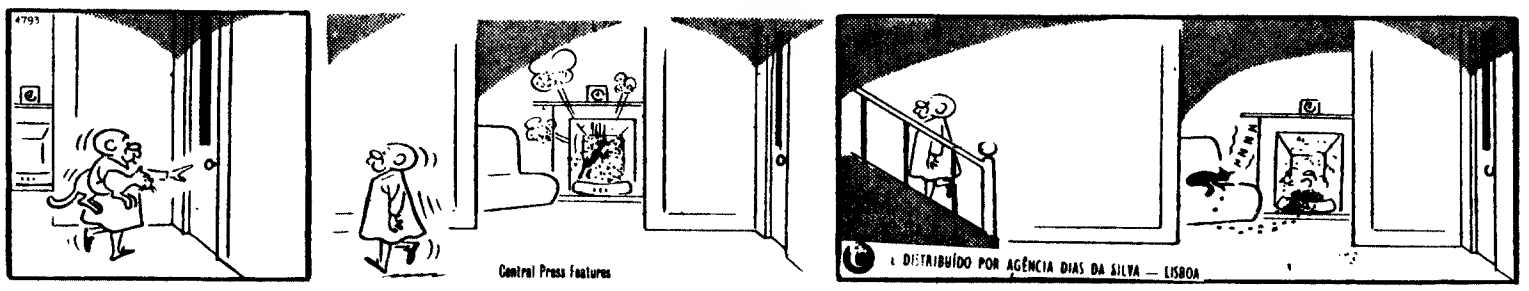
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 17 de Janeiro de 1940 publicava:

«AMSTERDÃO, 17 — O afundamento do vapor holandês «Arendskerk» é interpretado como sendo a prova de que as ameaças alemãs aos Países Baixos não se resumem a meras concentrações de tropas na fronteira.

«O jornal holandês «Allgemein Handelsblad» publica o seguinte: «As notícias recebidas são muito exíguas, mas infere-se que a Alemanha quer impedir as exportações da Holanda e da Bélgica para os países que fazem parte do grupo aliado. O que se sabe do orpedeamento do navio demonstra claramente que o ataque foi premeditado e que se não trata de um mero engano.»

ANDARES

Vendem-se os últimos que restam alugados, a renderem 7 e 8%, aos preços de 150 e 220 c., num dos melhores locais da Vila de Sacavém. Trata «A Diligente», Tel. 4 13 64. Rua Carlos Mardel, n.º 2, 2.º.

PASSAPORTES?
paneuropa
Rua Braamcamp, 11 - C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

Palavras cruzadas

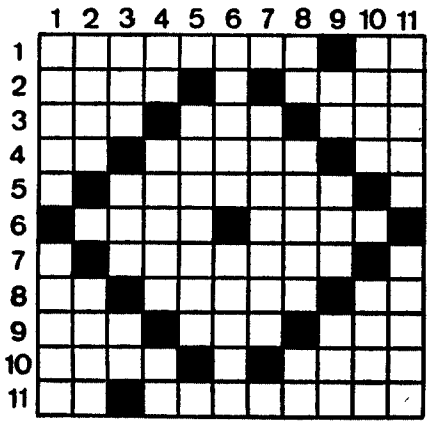
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5419

HORIZONTAIS — 1 — Repara. Amónio (s. q.) 2 — Desconfiado (Bras.) Pega. 3 — Senhora. Textualmente. Senhor em inglês. 4 — Aqui. Tempo do verbo fazer. Átomo (abrev.). 5 — Municípios. Conjunção. 6 — Costume. Gavinhas. 7 — Assinalada. 8 — Nota musical. Fechara as asas para descer mais depressa. Cobalto (s. q.). 9 — Escudeiro. Pedra de altar. Ruins. 10 — Raspa. Cidade da Holanda. 11 — Campeão. Realizaras.

VERTICAIS: 1 — Quinhão (pop). Nome de mulher. 2 — Vagueia. Camareiras. 3 — Transpira. Preposição. Abreviatura que se usa em música. 4 — Basta. Mulheres formosas. O sono das crianças. 5 — Antiga capital do reino de Israel. 6 — Ligara. Carrancho. 7 — Confrontara. 8 — Antes de Cristo. Líquida contas. Tempo do verbo haver. 9 — Antigo definido. Ecoa. Oceano. 10 — Combina. Disfarça (Flg.). 11 — Nome dum planeta. Nome de flores.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5418

HORIZONTAIS: 1 — Latão. Furna. 2 — Aromo. Aliam. 3 — CADA. Ocra. 4 — Amo. Cai. Ari. 5 — Re. COISA. As. 6 — Siar. Arem. 7 — Apearam. A. 8 — Errra. Mata. 9 — Mila. SEU. Sôr. 10 — Pó. Pauta. Cá. 11 — Ossos. Airpão.

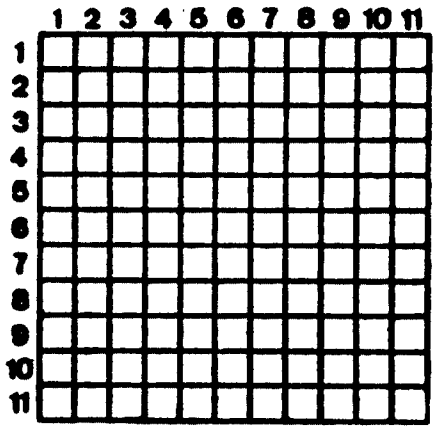
VERTICAIS — 1 — Laçar. TEMPO. 2 — Arames. Rios. 3 — Todo. Iara. 4 — Ama. Capa. Pá. 5 — Oó. Core. Sás. 6 — Pas. Arteu. Fo. Isar. Uta. 8 — Ulo. Aram. Ar. 9 — Rilca. Emas. 10 — Narram. Toca. 11 — Amais. Aarão.
Provérbio: CADA COISA, A SEU TEMPO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9262

HORIZONTAIS: 1 — Vilão e sede de concelho (Castelo Branco). 2 — Em partes iguais. Vão para fora. Pata. 3—Cinquenta e seis em romano. Deram urros. 4 — Conquista. Nivela. 5 — Planta vivaz e medicinal. Unir por casamento. 6 — Relato. 7 — Freguesia do concelho de Aveiro. Intestinos. 8 — Conduzo. Tombaram. 9 — Filleira. Isolado. Cidade do Médio Eufrates. 10 — Gálio (s. q.). Coloca. Amónio (s. q.). 11 — Esquadrinhara.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Vila do Conde. Inundo. 2 — Antepassados. Armadilha para pássaros. 3 — Magnetizava. 4 — Pertences. Charrua. Pronome reflexo. 5 — Navio. Agora. Textualmente. 6 — Encoleriza. Cutelo. 7 — Grande quantidade. Antiga moeda da Índia Portuguesa. Cidade da antiga Caldeia. 8 — Dá massagens a. Versejar. 9 — Freguesia do concelho de Penafiel. Cólera. 10 — Pedra preciosa. Estacionar. 11 — Mover os remos. Acarinha.

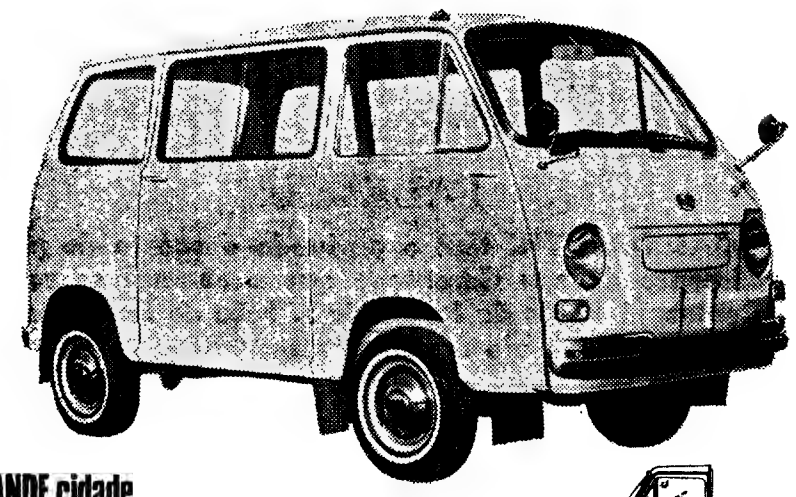


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9261

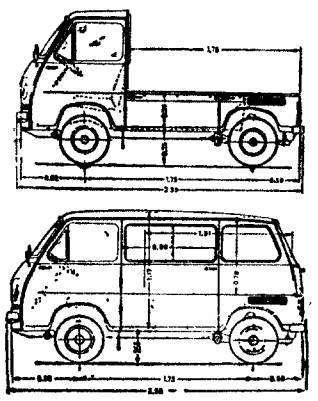
HORIZONTAIS: 1 — Orago. Parca. 2 — Lapas. Áreas. 3 — Iman. Esse. 4 — Vário. Catar. 5 — Alitar. Orara. 6 — Car. 7 — Pelar. Domar. 9 — Aluga. Alara. 10 — Tatá. Dias. 11 — Asais. Passo.

VERTICAIS: 1 — Olival. Pata. 2 — Ramal. Telas. 3 — Aparta. Luta. 4 — Ganio. Pagai. 5 — Os. Onçara. 6 — Or. 7 — Pá. Corada. 8 — Arear. Saído. 9 — Restar. Mais. 10 — Casar. Caros. 11 — Asaram. Raso.

SUBARU
SAMBAR



na GRANDE cidade
a PEQUENA entrega
da GRANDE empresa



A capacidade de carga da SUBARU é realmente surpreendente. Quase não se acredita!
E o consumo? Apenas 4 a 5 l. aos 100 kms.
4 amplas portas. 4 velocidades.
Uma concepção mecânica avançada e, o seu preço — cerca de 50 contos — fazem da SUBARU-SAMBAR, a carrinha ideal no seu género.

um produto da FUJI HEAVY INDUSTRIES LTD.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

A UTIC tem o profundo desgosto de participar o falecimento do seu Gerente-Delegado e que o funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

OS MEMBROS DO CONSELHO DE GERÊNCIA DA UTIC têm o profundo desgosto de participar o falecimento do seu colega e amigo e que o seu funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

O PESSOAL DA UTIC tem o profundo desgosto de participar o falecimento do seu Gerente e que o funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

A SICAR tem o profundo desgosto de participar o falecimento do seu Gerente e que o funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

O PESSOAL DA SICAR tem o profundo desgosto de participar o falecimento do seu Gerente e que o funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA COMPANHIA DE SEGUROS «GARANTIA FUNCHALENSE» tem o profundo desgosto de participar o falecimento do seu accionista e amigo e que o funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

MANUEL M. RODRIGUES NINA

FALECEU

M. D. NINA & MARIANO tem o profundo desgosto de participar o falecimento do seu saudoso sócio e amigo e que o funeral se realiza no dia 18 pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres.

RODRIGO BESSONE BASTO

FALECEU

A DIRECÇÃO DO SPORT ALGÉS E DAFUNDO cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do sócio fundador deste clube, prestigioso nadador e dirigente, cujo funeral se realiza, amanhã, pelas 11 horas, da Rua de António Granjo, 25, 2.º, Algés, para o cemitério de Carnaxide.

DESPORTO

COM O «RALLYE» NOCTURNO DO SPORTING

INICIOU-SE O CAMPEONATO NACIONAL

O «Rallye de Monte Carlo» iniciou ontem o Campeonato Europeu de Rallyes. O «Rallye Nocturno do Sporting» fez principiar, hoje, o «Nacional» do mesmo tipo de competições.

É evidente que, em valor absoluto, o «Nocturno do Sporting» não se pode comparar (nem por sombras!...) á prova monagasca, muito embora para os pilotos portugueses, a noite que se aproxima seja pior!...

Com efeito, o Campeonato Nacional de Rallyes inicia-se, este ano, com uma prova «em grande»: em extensão e em nível competitivo.

Depois de uma prova complementar, no Estádio de Alvalade e da partida do mesmo local, ás 14 e 31 (para o primeiro concorrente) os carros têm um «passeio» até ao centro do País, onde nas zonas do Cabril, Arganil e Coja (a partir das 21 e 03, Pampilhosa da Serra)(sofrerão enormes dificuldades para conseguirem aproximar-se do cumprimento da média ideal exigida (60 km/h) em estradas florestais, de areia e lama, com buracos ou relevos de piso, mais ou menos pronunciados. Mas os «cratos» não ficarão por aí! Já depois da meia-noite, as estradas de Campo de Besteiros, Caramulo, Buçaco, Espinheira e Poiares manterão a competição ao «rubro», antes de uma merecida neutralização — hora e meia em Vila Nova de Poiares (chegada cerca das 2 horas da madrugada) — que além de permitir á Organização dispor os «contrôles» para o resto da prova, dará um pouco de descanso aos concorrentes ainda «sobreviventes» (mas nenhum aos mecanicos que terão muito que fazer...).

Ás 3 e 31 inicia-se a segunda parte do «rallye», cujas dificuldades foram aligeiradas pela supressão da florestal de Trevim (tal como a de Arganil, na primeira parte), dado que o piso se encontrava intransitável.

Todavia, as florestais de Arganil e Lousã permitirão definir muitas posições até aí ainda, porventura, não resolvidas. De Miranda do Corvo, até Lisboa, voltar-se-á, de novo, ao «passeio» desta vez já menos agradável...), devendo os concorrentes chegar ao Estádio de Alvalade, pouco depois das 11 e 30 de amanhã.

AVELAS COELHO

CONCORRENTES INSCRITOS

1 — Gomes Pereira-N. N. (Volkswagen 1300); 2 — Luís Neto Garcia e Costa (Austin Cooper S); 3 — Francisco Santos-Botelho Tomé (Ford Escort TC); 4 — Carpinteiro Albino - Silva Pereira (Saab 96 V4); 5 — Américo Nunes-Nascimento Costa (Porsche 911 S); 6 — César Torres-António Morais (Austin Cooper S); 7 — Eng.º Heitor Morais-José Bernardo (Morris Cooper S); 8 — Manuel Sim-Sim-João Sim-Sim (Ford Cortina Lotus); 9 — Miguel Correia-Francisco Teixeira (BMW 2002 TI); 10 — Fernando Baptista «Nani» (Austin Cooper S); 11 — N. N.; 12 — Jorge Nascimento-Manuel Coentro (BMW 2002); 13 — N. N.; 14 — Rogério Beatriz - Livraghi (NSU TT 1200); Carlos Moura Pinheiro-N. N. (Fiat 125); 16 — N. N.; 17 — «Onimrif-Carmo dos Santos (BMW 2002); 18 — Sarmento Rebelo-Rodrigues Ferreira (NSU TT 1200); 19 — Rodrigues de Carvalho-A. Cabaço (NSU TT 1200); 20 — N. N.; 21 — Lamy Viçoso-Batalha de Almeida (NSU TT 1200); 22 — João Couto Fragoso - F. Castello Branco (BMW 2002); 23 — Giovanni Salvi - N. N. (NSU TT 1200); 24 — Manuel Coelho Pinto - Oliveira Nabais (Fiat 124 S); 25 — N. N.

OS JOGOS DA 3.ª DIVISÃO

Vários jogos de amanhã, constantes da 12.ª jornada do «Nacional» da 3.ª Divisão, revestem-se de marcado interesse, no que respeita ás classificações principais das quatro provas.

Assim, na Zona A, temos o Lamego (13 pontos)-Chaves (12); Vila Real (9)-Riopele (16); Vianense (13)-Gil Vicente (15) e Fafe (14)-Régua (12). O «leader», Riopele, tem uma saída difícil.

Jogos mais importantes da Zona B: União de Coimbra (18)-Gonçalense (3); Lusitania de Lourosa (18)-Sporting da Covilhã (18); Pinhelenses (2) - Vale-Cambrense (15) e Alba (16)-Penalva do Castelo (7). Entre todos avulta o Lusitania-Covilhã.

Na Zona C: Portalegrense (16)-Ferroviários (13); Caldas (11)-Sacavenense (16) e Estoril Praia (17)-União de Coimbra (17). Este domina em expectativa.

Na Zona D: Beja (16)-Vasco da Gama (16) e Olhanense (15)-Juventude (11). Bejenses e Sineenses deverão travar despique curioso.

Em AZEITÃO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por José Augusto Sacramento & Filhos, Lda.

DOMINGO DESPORTIVO

ANDEBOL DE SETE — Campeonatos regionais de juniores e juvenis, respectivamente, nos pavilhões de Campo de Ourique e da Ajuda, a partir das 9 horas.

ATLETISMO — Torneio Aberto de Corta-Mato, provas femininas, nos terrenos do hipodromo do Campo Grande, ás 10 horas.

AUTOMOBILISMO — «Rallye» Nocturno do Sporting (2.ª jornada) conclusão.

BILHAR — Campeonato Nacional a uma tabela, na A. L. A. B., na Rua Gonçalves Crespo, 28-B: 4.ª sessão, ás 15 horas; 5.ª sessão, ás 21 horas.

GOLFE — Taça «António Casanovas» (2.ª jornada), no campo do Estoril (de manhã e á tarde).

HÓQUEI EM CAMPO — Torneio Aberto: Atlético-Benfica, na Tapadinha, ás 9 horas (reservas) e ás 10 e 30 (honra).

RAGUEBI — Campeonato Nacional de Juniores: Acad. Coimbra-C. D. U. P. (10 h.); Direito-C. D. U. L. e Técnico-Belenenses, no Estádio Universitário, ás 16 e ás 11 horas.

— Torneio Nacional de Reservas: Económicas-Técnico e Agronomia-Ac. Coimbra, no Estádio Universitário, ás 9 e 30 e ás 16 horas.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Amadora-Reg. Agr. de Coimbra no Campo Grande, ás 15 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Individual de Infantis, nas mesas dos Combatentes, Rec. Apolo, S. L. Águias, Arte e Sport, Arroios e Intendente.

— Campeonato Individual de Meninas, na mesa da Recordação de Apolo.

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Passos Manuel-Técnico, Belenenses-Almada e C. N. O. C. A.-Benfica, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão: Ateneu-S. L. L. Águias, Sp. Penha Mirantense e Caramão - Amadora, no pavilhão do Estádio Universitário, a partir das 20 e 30 horas.

BILHAR — Campeonato Nacional, a uma tabela, na A. L. A. B., na Rua Gonçalves Crespo, 28-B: 3.ª sessão, ás 21 horas.

CICLISMO — Distribuição de prémios das provas organizadas pela Federação Portuguesa de Ciclismo, na sua sede, ás 22 horas.

LUTA GRECO - ROMANA — Campeonato Nacional, por equipas, 2.ª jornada: Mercês-Baixa da Banheira, Belenenses-Académica da Amadora, Benfica-Runa e Ateneu-Sporting — nos recintos dos primeiros, ás 22 horas.

NATAÇÃO — Torneio de Inverno, na piscina do Areeiro, ás 21 e 15.

Basquetebol

COMEÇA ESTA NOITE

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

● FAVORITOS: SPORTING, BENFICA, ACADÉMICA, B. P. M. E F. C. PORTO

Começa esta noite com jogos em Lisboa, Barreiro, Coimbra, Figueira da Foz, e Porto o Campeonato Nacional metropolitano de basquetebol da I Divisão. Desde já se antevê para este ano uma luta mais equilibrada e isso é devido ao facto de quase todas as principais equipas se terem reforçado com jogadores norte-americanos, nomeadamente os do Norte do País: Figueirense (dois), Académica (dois) F. C. Porto e Académico (um cada).

No Sul segue-se o mesmo caminho e Benfica e Belenenses apresentam também um basquetebolista americano.

As duas primeiras jornadas são:

HOJE — Sporting-F. C. Porto, na Ajuda, ás 21.30 h.; Barreirense-V. Gama, no Barreiro, ás 21.30: Académica-Benfica, em Coimbra ás 21.30; G. Figueirredo-Cuf, na Figueira da Foz, ás 21.30; B. P. M.-Belenenses, no Porto, ás 21 e Académico-Marinhense, no Porto ás 22.30.

AMANHÃ — Sporting-V. Gama, na Ajuda, ás 18 h.; Barreirense-F. C. Porto, no Barreiro, ás 18; Académica-Cuf, em Coimbra, ás 18 h.; G. Figueirense-Benfica, na Figueira da Foz, ás 18 h.; B. P. M.-Marinhense, no Porto, ás 17.30 e Académico-Belenenses, no Porto, ás 16

Z.

PRODUÇÕES LANÇA MOREIRA

● RELATOS DOS JOGOS DE GUIMARÃES COIMBRA E RESTELO

Produções Lança Moreira, com a colaboração do «Diário de Lisboa», programaram para amanhã os relatos directos e integrais dos seguintes encontros do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão:

Vit. Guimarães-Benfica — Através do emissor de Lisboa de Rádio Clube Português.

Académica-F. C. Porto — Pelo emissor do Porto de Rádio Clube Português.

Belenenses - Varzim — No horário dos Emissores do Norte Reunidos.

Durante estes relatos, Produções Lança Moreira estarão em permanente contacto com a redacção do nosso jornal, de onde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, incluindo resultados *em cima da hora* dos jogos que se efectuam nos outros campos e, ainda, a *chave* do Totobola.

No intervalo, P.L.M. apresentam mais uma edição da rubrica «O caso da semana», um apontamento como sempre cheio de interesse e oportunidade.

Revista Desportiva «Golo!...»

Ao meio-dia e pelo emissor de Lisboa de Rádio Clube Português, estará *no ar* mais um numero da revista desportiva «Golo!...», que apresenta rubricas oportunas sobre a actualidade desportiva: comentários, entrevistas, apontamentos, notícias, etc.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

OFERTA ÚNICA
TRÊS OBRAS DE LUXO AO PREÇO DAS SÉRIES DE BOLSO

ESTES TRÊS VOLUMES ENCADERNADOS
COURO VERDADEIRO
OFERTA LIMITADA A UMA SÓ REMESSA POR LAR
PARA ENCADERNAÇÕES DE LUXO SÓ O COURO
TÍTULOS E MOTIVOS EM OURO E PÚRPURA PRENSADOS A QUENTE AO BALANCÉ - INÚMERAS ILUSTRAÇÕES EXTRA-TEXTO - PAPEL "PLUMA" DE LUXO
SÒMENTE POR 147$50 OS TRÊS
PORQUÊ ESTA OFERTA ANORMAL
OBTER 3 LIVROS ENCADERNADOS EM COURO VERDADEIRO, PROFUSAMENTE ILUSTRADOS, NESTAS CONDIÇÕES, SEM OBRIGAÇÃO ALGUMA DE COMPRA POSTERIOR, É TALVEZ UMA COISA NUNCA VISTA. TRATE DE APROVEITAR. AO OFERECER ESTE VERDADEIRO PRESENTE, OS AMIGOS DO LIVRO, EMPRESA LIGADA À MAIS FORTE ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE AMADORES DO LIVRO, ESPERAM CHAMAR A SUA ATENÇÃO, NÃO SÓ PARA O VALOR LITERÁRIO DAS EDIÇÕES, COMO TAMBEM PARA A SUA ALTA QUALIDADE E APRESENTAÇÃO. V. SERÁ MANTIDO, DE FUTURO, AO CORRENTE DAS NOSSAS ACTIVIDADES, MAS NÃO CONTRAIRÁ QUALQUER OBRIGAÇÃO AO APROVEITAR ESTA OFERTA ÚNICA NA HISTÓRIA DO LIVRO, DADO O IMENSO INTERESSE QUE IRÁ SUSCITAR ESTA NOSSA OFERTA, VAMOS RECEBER UMA AVALANCHE DE PEDIDOS, OS PRIMEIROS A RESPONDEREM-NOS SERÃO, EVIDENTEMENTE, OS PRIMEIROS A SER ATENDIDOS.
MAIS APAIXONANTES que o melhor romance policial, visto serem compostos por episódios verdadeiros.
1º VOL. OS GRANDES ENIGMAS DA GUERRA SECRETA
Os episódios mais decisivos e mais estranhos da guerra na sombra: Estará o chefe da Abwher a soldo da Inglaterra? Terá a Mafia ganho a guerra na Sicília? O inimaginável caso Cfeero. A verdade sobre o caso King Kong.
2º VOL. MAO TSÉ-TUNG
A longa marcha até ao Poder, plena de peripécias, de dramas, de aventuras sangrentas ou gloriosas... Os primeiros tempos em Pequim, a luta clandestina, a proclamação da República Popular da China, a ruptura com Moscovo... A bomba atómica chinesa. Mao Tsé-tung em breve chefe de um bilião de chi... proclamação do seu herdeiro.
3º VOL. A AMÉRICA FACE AOS GANGS
V. descobrirá Chicago dos anos vinte e trinta, a proibição, a actividade dos "ganga", Sindicatos do Crime, políticos corruptos... Al Capone, Jim Colosimo, Dillinger, são os personagens desta história verdadeira do banditismo, mais apaixonante que o melhor romance policial.
AMIGOS DO LIVRO
PARIS
BRUXELAS
GENEBRA
LISBOA
MADRID
MILAO
MONTREAL
CUPÃO-ENCOMENDA a enviar a Amigos do Livro - Editores, Lda. - Rua Azedo Gneco, 56 - Lisboa - 3
Queiram enviar-me à cobrança os 3 volumes encadernados em couro. Liquidarei 147$50 mais 9$00 de portes e embalagem.
Se as obras não me agradarem serei reembolsado do preço - 147$50 - devendo fazer a sua devolução dentro de 8 dias.
NOME:.....
ENDEREÇO:.....
ASSINATURA:..... DL-B
esplêndidas obras para a sua biblioteca

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Campeonato de Lisboa de reservas

Prosseguiu ontem, no Pavilhão da Tapada da Ajuda, o Campeonato de Andebol de Lisboa, na categoria de reservas. Os resultados apurados foram os seguintes:

Passos Manuel-Técnico, 8-31; Belenenses-Almada, 24-19, e C. N. O. C. A.-Benfica, 15-33.

VOLEIBOL

Campeonato de Lisboa de juniores

Em desafio a contar para o Campeonato de Lisboa de voleibol, na categoria de juniores, disputado ontem, á noite, o Lisboa Ginásio venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15-13, 15-8 e 15-3).

SALDOS DE ARTIGOS DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES e TAPETES

Artigos sem defeito — HOJE CONTINUA O SUCESSO — GRANDIOSO LOTE

CARPETES, desde 100$00 TAPETES, desde 15$00 TERILENES, desde 10$00 TECIDOS desde 30$00

RAUL NETO, LDA. — Praça da Figueira, 18 - 2.º, c/ elevador (esquina Rua da Prata — Junto ao sinaleiro)

CIDLA

COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, S. A. R. L.

CAPITAL: 250.000.000$00

SEDE SOCIAL: PRAÇA MARQUES DE POMBAL, N.º 12
LISBOA

DIVIDENDO ANTECIPADO DO EXERCÍCIO DE 1969

CUPÃO N.º 40

Por conta do dividendo de 1969, estará a pagamento a partir do próximo dia 19, na Sede da Companhia — Secção de Títulos —, a importância, cativa de impostos, de 200$00 por acção.

O dividendo líquido a pagar por cada acção é o seguinte:

ACÇÕES NOMINATIVAS..... 173$59,8

ACÇÕES AO PORTADOR

Registadas ..... 177$54,6
Não registadas ..... 132$50,48

Lisboa, 10 de Janeiro de 1970

PEL'O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PORTO» a sair em 19 de Janeiro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 17 de Janeiro de 1970.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 7 de Fevereiro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 2 a 5 de Fevereiro.
«BAILUNDO» a sair em 14 de Fevereiro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e NACALA. Carrega de 8 a 12 de Fevereiro.
«GANDA» a sair em 23 de Fevereiro	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, (se necessário), LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Fevereiro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Fevereiro às 18 h.	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

LOTES PARA MORADIAS EM CASCAIS, TIRES E S. JOÃO DO ESTORIL (junto ao Liceu e Est. C. Ferro)

Em óptimos locais, urbanizações com água, luz, esgotos, transportes colectivos, etc.

Preços: desde 80.000$00

O PRÓPRIO — JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C
Telefs.: 282345 - 282388 CASCAIS

FERRAGENS

Empregado de Balcão com bastante prática

Precisa-se: E. I. E. L.

Rua da Boa Vista, 84.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FUNDÃO

ANÚNCIO

O DOUTOR JOSÉ MARQUES, JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DO FUNDÃO:

FAZ SABER que por sentença proferida em 17 do corrente, na Acção especial de Justificação em que é requerente José Marques Inácio, casado, residente na Orca, e requerido JOSÉ DA CRUZ GEADA, que teve o seu ultimo domicílio conhecido na freguesia de Orca, deste concelho, foi declarada a morte presumida do requerido José da Cruz Geada a partir do ultimo dia do ano de 1917, data das ultimas notícias, a qual começará a produzir efeitos, decorridos quatro meses após a publicação deste anuncio, nos termos do artigo 1106 do Código de Processo Civil.

Fundão, 19 de Dezembro de 1969.

O Juíz de Direito
a) JOSÉ MARQUES
O Escrivão,
a) JOSÉ GERALDES DE BRITO

CASAMENTO

Cavalheiro, nativo de Angola, com cultura universitária e boa colocação, deseja corresponder-se com menina de 18 a 25 anos, para fins matrimoniais. Resposta a este jornal, ao n.º 888.

FORÇA AÉREA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA E CONTABILIDADE

1.ª Secção-B

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE ARTIGOS DE EXPEDIENTE À FORÇA AÉREA PORTUGUESA

Faz-se público que, no dia 30 de Janeiro de 1970, pelas 15 h., na Direcção do Serviço de Intendência e Contabilidade da Força Aérea, sita na Rua Pedro Nunes, n.º 10, na cidade de Lisboa, se procederá à realização do Concurso Público para a adjudicação do fornecimento de Artigos de Expediente á Força Aérea Portuguesa no ano de 1970.

As propostas deverão dar entrada nesta Direcção, em sobrescrito fechado e lacrado, até ás 19 h. do dia 29 de Janeiro de 1970.

O CADERNO DE ENCARGOS encontra-se patente na 1.ª Secção-B desta Direcção, todos os dias úteis, das 14 h. ás 18 h.

O DIRECTOR INT.º
JOSÉ ANDRÉ DA SELVA
Coronel Tir.

FIOS DE TRICÔ

DELEGADOS DE VENDAS DISTRITAIS

Admitem-se Delegados distritais para venda à Comissão de fios de tricô. Comissão nas vendas directas e indirectas. Óptimas perspectivas.

Escrever enviando «curriculum vitae» para:

GITLA — Sociedade de Iniciativas Têxteis, Lda.
Apartado 225 — COVILHÃ.

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00, 18.15 e 21.30
EM 5.ª SEMANA

GOODBYE, MR. CHIPS

com Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA

Nada fascina tanto como um crime misterioso e uma mulher provocante...

QUE IMPORTA MORRER

TECHNICOLOR
Kirk Douglas e Sylvia Koscina
Metro: Estação Picoas

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30, 18.30 e 21.45
. SEMANA

Um policial de alto nível

MUITO PARA VIVER... POUCO PARA MORRER

com Cláudio Brook — Daniela Bianchi
Technicolor — Techniscope

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 15.15, 18.15 e 21.30

Quem é Jack? Temido pelos reis, adorado pelas cortesãs, idolatrado pelo povo

ONDE ESTÁ O JACK?

STANLEY BAKER e FIONA LEWIS

CONDES

(M. 1. anos) T. 522523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30

Um desafio aos seus nervos... Uma aventura no topo do mundo

MISSÃO NO ÁRTICO

Panavision Metrocolor
com Rock Hudson, Ernest Borgnine, Jim Brown
70 mm

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21.30 horas

O melhor filme do ano no «écran»-gigante — 70 mm

GUERRA E PAZ

3.º episódio — O INCÊNDIO DE MOSCOVO

Espectacular versão inglesa

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas

O DETECTIVE
AFASTA-TE QUERIDA

CASINO ESTORIL

Às 21.30 h. (M. 12 anos)

O LIVRO DA SELVA

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
4.ª SEMANA
KATHARINE HEPBURN é

A LOUCA DE CHAILLOT

com Danny Kaye, Giulieta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer e Richard Chamberlain

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 2.ª SEMANA

TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE

com Annie Girardot

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Telfs. 54153/4
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Oscar para o melhor realizador)

THE GRADUATE

(A PRIMEIRA NOITE)
com Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross

ROMA

(M. .. anos) Tel. 727778
Às 15.15, 18.30 e 21.30

Uma aventura no topo do mundo

MISSÃO NO ÁRTICO

Panavision - Metrocolor
com Rock Hudson, Ernest Borgnine
Panavision — Metrocolor

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18,30 e 21.45
9.ª SEMANA

A espantosa comédia de PIETRO GERMI

DIVÓRCIO À ITALIANA

com Marcello Mastroiani

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 h

A revelação de uma grande actriz
Um espectáculo de qualidade

SOU EU, A NATÁLIA

com Patty Duke e James Farentimo

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas

ESCANDALO AO SOL
PROJECTO APOLO

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas

007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
SINFONIA DA VIDA

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) Tel. 327172
As 15.15,18.15 e 21.30
2.ª SEMANA

O regresso de INGRID BERGMAN que com WALTER MATTHAU forma o par mais sensacional do momento!

A FLOR DO CACTO

A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
As 15.45, 18.30 e 21.45
Technicolor

o regresso de Ingrid Bergman que com Walter Matthau forma o par mais sensacional do momento

A FLOR DO CACTO

a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

VOX

(Adultos) Tel. 720803
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA

QUE IMPORTA MORRER

com Kirk Douglas, Sylvia Koscina e Eli Wallach
num filme de amor, violência e imprevisto!

R. Bulhão Pato (á Av. Roma)

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50505
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
EM 5.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY

UMA MARAVILHA

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
4.ª SEMANA TRIUNFAL!
do filme de grande classe espectacular

A PELE DE UM MALANDRO

com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD

...Nem os lábios de uma linda mulher o desviaram do seu maior desejo...

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Technicolor — Techniscope

O perigo e o imprevisto em cada segundo!

ALDO RAY em

COMANDO SUICIDA

com Hugh Smith e Vira Simenti

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
ÊXITO TOTAL
UM VENDAVAL DE PAIXÕES PROVOCADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR

MARIA ISABEL

com Silvia Pinal e José Suarez

A odisseia de uma jovem presa ao segredo de um pecado de uma amiga...

— EASTMANCOLOR —

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017
(Maiores de 17 anos)
HOJE E AMANHÃ
às 16 horas e às 21.45 horas
DOMINGO ÚLTIMO DIA
a preços baixíssimos
Balcão: 10$ e 25$
Plateia: 30$, 40$ e 50$
a vibrante peça de
AQUILINO RIBEIRO

TOMBO NO INFERNO

Dirigida por
IGREJAS CAEIRO
(Maiores de 17 anos)
BREVEMENTE
em teatralização de
Sttau Monteiro e Artur Ramos
«A RELIQUIA»
de EÇA DE QUEIROZ
(Adultos)
Bilhetes à venda

OUTROS ESPECTÁCULOS

COLISEU

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» 17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21.45: «A Forja» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Zorro, o rebelde» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O dia mais longo» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A vingança do condenado» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Quem guarda o tesouro?» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Com os olhos vendados» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Khartoum» (12 anos).
PROMOTORA—Às 21: «Ninguém foge para sempre» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Ofício de matar» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Viuvo mas alegre» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Os 3 super-homens em Tóquio» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Colt, a lei do Oeste» (12 anos).
LUMIAR — Às 21: «Romeu e Julieta» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Leão de Tebas» e «Armadilha para um foragido» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Repulsa» e «Garotas do outro mundo» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Se o meu carro falasse» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A pele de um malandro» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Rocco e os seus irmãos» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Armadilha Istambul» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY Às 21 e 30 «Tarzan encontra um filho» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «A grande aventura de Hannibal» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O Vilão do Arizona» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Quando beijas um desconhecido» e «Livre á 4.ª-feira» (17 anos); CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Dois contra o Texas» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTISTICA — Às 21 e 15: «Os libertadores» e «O último duelo» (12 anos)

O «PROSCENIUM» NO BARREIRO

Integrado nas comemorações do 100.º Aniversário da Sociedade Democrática União Barreirense (Os Franceses), o Grupo «Proscenium» do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório, apresenta esta noite, ás 21 e 30, a 37.ª representação da «Silva Vicentina», recolha de textos de Gil Vicente, seleccionados e encenados por Pedro Lemos, em forma de revista popular.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — **Lopes Ribeiro**, R. do Cruzeiro, 17 (633288) ✽ **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — **Lisbonense**, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (712070) ✽ **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✽ **Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710131)
AREEIRO — **Vera Cruz**, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus) (724941) ✽ **Onilda**, Av. João XXI, 3-A (726848) ✽ **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465).
ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av. Sacad. Cabral) (770776). ✽ **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✽ **Sagres**, Aven. Luís Bivar, 69-7. (47213) ✽ **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — **Nobel**, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental, lado Sul) (842152).
BAIRRO ALTO — **Labor**, R. Diário de Notícias, 81 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40 (841122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, P. das Casas Novas, 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romana**, Rua B, 7, á R. Marquês de Olhão (383800)
BAIXA—**Estácio**, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067 - 324224) ✽ **Morão**, Rua da Assunção, 17-19 (321289).
BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 - E (702532) ✽ **Sousa**, Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — **Porfirio** R. Franc. Metrass, 59 (663349).
CAMPO GRANDE — **Neoterápia**, Campo Grande, 188 (774682)
CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R. General Taborda, 7 (680304) ✽ **Ivone, Lda.**, Rua Silva Carvalho, 282-C (650760).
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — **Jaime José da Costa**, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — **Universal** R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — **Paivas & Parente**, R. de Santo António á Estrela (849448) ✽ **Martins** — Calç. da Estrela, 167 (660823).
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara** — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 2511234).
GRAÇA — **Arnail**, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✽ **Morão**, L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — **Intendente**, L. Int. Pina Manique, 50 (47838).
LUMIAR — **Alameda**, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✽ **S. Tomé**, Est. do Desvio, lote, 12-C (790704).
MADRAGOA E SANTOS — **Fonteura de Carvalho**, Rua de Santos-o-Velho 2 (662075).
OLIVAIS — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (381612) ✽ **São Paulo**, R. 2, Lote 823, á Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (310711) ✽ **Higiene**, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B, n.º 4, L. 43, Zona Poente (3 0026).
PEDROUÇOS — **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, J P M 8 (610256)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç. da Picheleira 40-B-C (720703 e 728395)
RATO — **Soares**, Av. Alvares Cabral, (684282)
REGO — **Prates & Mota**, Rua da Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — **Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (611814) (á encosta do Restelo próximo dos Malnhos)
S. PAULO — **Central**, R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (á Av. D. Afonso III) (843439) ✽ **Martins, Lda.**, Rua Fernão de Magalhães, 83

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Combatentes**, Av. Comb. G. Guerra, 66 (213953)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade de Brás** — Rua Costa Pinto, 86 (Tel. 2432034)
OEIRAS — **Godinho** — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — **Grincho**, Av. da República, 87-C (2471204).
ESTORIL — **S. João**, S. João do Estoril (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — **Lopes**, Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — **Cordeiro**, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280 170) ✽ **Nova** — Est. de Alvide (Fontainhas) (Tel. 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Melo**, P. D. João I, Lote 146, Bairro Janeiro (Telef. 932756) ✽ **Central** Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) ✽ **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✽ **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja X-1, **Reboleira** (Tel. 938424)
DAMAIA — **Lemos** — Rua de Goa, 8-A (Tel. 971121).
QUELUZ — **André** — Av. Elias Garcia, 15 (Tel. 950043). **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 951841).
CACEM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456).
SINTRA — **Marrazes** — L. Rainha D. Amélia (Tel. 980058).
COLARES — C... — ... (Tel. 299088

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 5 (Telef. (234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis, 3... (...240.0)
ALMADA — **Magalhães** — R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est. Nacional ... (Telefone 224302)
BARREIRO — **Central** — Av. Alfredo da Silva 48 (T. 273207).
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues**, ... — 270 ...
MOITA — **Silva Rocha** — R. da Republica, 6 (Tel. 239029)
MONTIJO — **Moderno** ... Pato ... 1230 56
SESIMBRA — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — **Marques** — R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783); **Bonfim** — Av. Rodrigues Manitta, 2 (Tel. 24558)
SEIXAL — **Soromenho** Rua Paiva Coelho ... 256 ...

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas**, 861353 ✽ **Companhias Reunidas**, 537011 ✽ **Gazcidla**, 538821 ✽ **Gazcidla**, idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — **Sapadores** 322222 **Voluntários**, 538524
POLICIA e G N R — **Serviços de emergência**, 115 ✽ **Segurança Publica**, 866141 ✽ **Judiciária**, 535380 ✽ **Marítima**, 326456 ✽ **Internacional** 362721 ✽ **Viação e Trânsito**, 42205 ✽ **G.N.R.** (área rural) 36865
SAÚDE — **Cruz Vermelha**, 865342 ✽ **Enfermagem permanente**, 766161 ✽ **Enfermagem de urgência**, 43738 ✽ **Hospital de Santa Maria**, 775171 ✽ **Hospital de S. José**, 860131 ✽ **Sangue, oxigénio e soros**, 771168 e 771169 ✽ **Transfusões, soros e oxigénio**, 538524 ✽ **Centro de Intoxicações (informativo)**, 767777 761176 e 763450
TRANSPORTES—**Aeroporto**, 720111 ✽ **Caminhos-de-ferro**, (C. P.), 869029 ✽ **Caminhos-de-ferro (Estoril)** 861121 ✽ **Estação fluvial (T. Paço)** 325345 ✽ **Estação marítima de Alcântara**, 663195 ✽ **Estação Marítima da Rocha**, 672445 ✽ **Estação fluvial (Belém)** 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
(Maiores de 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 e 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.as-feiras)

RESTAURANTE
O POSTO SHELL - AZEITÃO
Telef. 228243/4 — na Estrada LISBOA, SETÚBAL e MONTIJO-ALGARVE
RESTAURANTE ● SALÃO DE CHÁ ● CAFÉ-BAR
ABERTO DESDE ÀS 7 HORAS ÀS 2 DA MADRUGADA
AOS DOMINGOS ACTUARÁ UM CONJUNTO MUSICAL
PREÇOS ESPECIAIS NO CAFÉ-BAR PARA CAMIONISTAS DURANTE A SEMANA
MARCAM-SE MESAS PARA A PASSAGEM DO ANO E RESERVAM-SE SALAS PARA CASAMENTOS, BAPTIZADOS E FESTAS DE CONFRATERNIZAÇÃO

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 03 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

OJUKWU TERIA SIDO DERRUBADO POR UM GOLPE DE ESTADO

LAGOS, 17 — (F. P.) — O general Philip Effiong derrubou o «leader» biafrense, general Odumegwu Ojukwu com um golpe de Estado sem efusão de sangue e em seguida pediu para ser recebido em Lagos para uma cerimónia de reconciliação nacional, revela hoje uma fonte autorizada nigeriana.

Esta declaração foi feita no momento em que o antigo presidente Namdi Azijiwe, membro da tribo dos ibos, se preparava para ir á região oriental a fim de exortar os ibos a trabalharem pelo reforço da unidade nacional.

JORNALISTAS EXPULSOS

LAGOS, 17 — (R.) — Foram detidos ésta manhã nesta cidade pela Polícia, nos seus hotéis, quatro jornalistats britanicos por tentarem alcançar antigo território secessionista.

Informações posteriores dizem que os quatro jornalistas londrinos, foram esta manhã expulsos da Nigéria, depois de serem conduzidos para o aeroporto de Ikeja, sob escolta, e colocados a bordo de um avião que partiu para Accra.

Lagos viu chegar 200 jornalistas, fotógrafos e homens da Rádio vindos da Europa e da Nigéria desde a rendição de Biafra secessionista.

As autoridades federais preveniram que qualquer deles que tentasse deslocar-se independentemente para a região reconquistada, seria severamente punido.

RODÉSIA

UMA PATRULHA SUL-AFRICANA ATACADA POR GUERRILHEIROS

SALISBURIA, 17 — (F. P. e R.) — As forças de segurança perseguiram hoje uma unidade de guerrilhas nacionalistas africanas que atacou ontem á noite uma patrulha da Polícia sul-africana junto á fronteira da Rodésia com a Zambia.

O Q. G. das forças de segurança anunciou que foram também disparados tiros contra as instalações do pequeno aeroporto de Victoria Falls.

O comunicado não falava em baixas de nenhuma das partes, mas afirma que os prejuízos no aeroporto foram de pouca monta.

A primeira informação rodesiana referindo-se a empenhamentos com elementos infiltrados, data de 5 do corrente, quando se anunciou ter passado a fronteira do Zambeze um grupo de terroristas. O ultimo incidente do género deu-se há cerca de 18 meses.

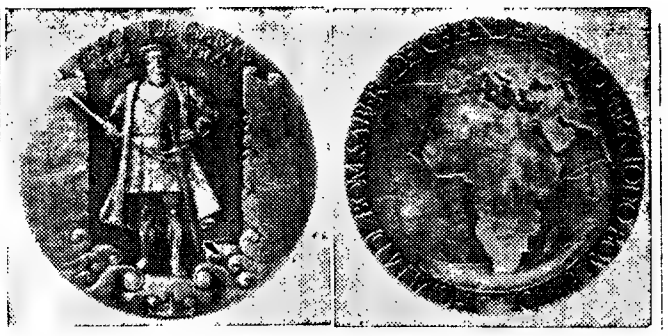
Há pouco mais de um ano, Salisburia e Pretória concluíram um acordo nos termos do qual os polícias sul-africanos viriam reforçar as forças de segurança rodesianas na luta contra a infiltração de rebeldes em território da Rodésia.

Está descoberto o autor do crime de Pombal que anda a monte?

POMBAL, 17 — Em 27 de Dezembro findo, como o «Diário de Lisboa» noticiou, quando seguia de bicicleta para sua casa, foi assaltado, entre os lugares da Fonte Nova e Santorum, o sr. Raul Rodrigues da Costa, de 38 anos, casado, residente no lugar do Degolaço, foi assassinado com um golpe de navalha no pescoço e roubado da quantia de 800$00 em dinheiro, bem como de todos os documentos que possuía.

Segundo informações que nos chegam, parece estar descoberto o autor do crime. Trata-se de Cassiano Vítor, de 22 anos, cigano, natural da Lourinhã. Apresenta como sinal particular a existência do lábio superior rachada. Anda a monte e é procurado por um grupo de ciganos.

A G. N. R. desta vila, que muito se tem esforçado nas investigações, solicita a quem tiver conhecimento do seu paradeiro que lho comunique imediatamente.



Da autoria do prof. António Duarte, mandou a Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama cunhar uma medalha alusiva do acontecimento. Tem 80 milímetros. O anverso representa o navegador transpondo as portas dos mares do Oriente, que abrem a Idade Moderna á civilização. Neste movimento pisa um símbolo dos génios do mar desconhecido. Aí se lêem os dizeres: Vasco da Gama 1469-1969. O reverso representa as rotas de ida e volta de Vasco da Gama á India, com o continente africano como centro da composição e os dizeres Portugal e India nos locais próprios. Em moldura circular, está gravada a frase: «Homem de bom saber de grande ânimo pera todo bom feito»

DESMENTIDO EGÍPCIO

CAIRO, 17 — (F. P.) — Os círculos responsáveis egípcios desmentiram esta manhã as informações de Tel-Aviv segundo as quais um comando israelita teria dinamitado a noite passada postes de suporte de linhas eléctricas e telefónicas na estrada Cairo-Suez, anuncia a agência do Médio Oriente.

As comunicações telefónicas entre o Cairo e Suez são normais e a corrente eléctrica é regular em todas as regiões da República Árabe Unida, conclui a agência citando os mesmos círculos.

AGRAVOU-SE O ESTADO DE RUDOLF HESS

LONDRES, 17 — (F. P.) — Agravou-se, nas ultimas duas semanas, o estado de saude de Rudolf Hess, actualmente internado no Hospital Militar Britanico de Berlim — anuncia hoje o «Daily Express», citando o filho do ultimo recluso de Spandau.

Segundo essas declarações, Hess teria agora contraído uma pneumonia. Por outro lado, as ulceras de estomago que motivaram a sua hospitalização seriam de natureza maligna, precisa o jornal.

LIVRARIA-GALERIA EM BENFICA

Abriu hoje ao público uma nova livraria-galeria — «ULmeiro», na Avenida do Uruguai, 13-A, a Benfica. Dentro de dias será ali inaugurada uma exposição de pintura de Filipe Blanc Diniz.

Com um segundo coração novo

ANN ARBOR (Michigan), 17 — (A. N. I.) — Gerald Kenneth Reotor, de 44 anos, passou desde ontem a ser a terceira pessoa da História a deixar a sala de operações de um hospital depois de lhe ter sido implantado, pela segunda vez, um coração novo.

Rector, antigo operário da construção civil, foi submetido a uma intervenção cirurgica de oito horas no hospital da Universidade de Michigan, em Ann Arbor.

Informações do hospital consideram «muito delicado» o período pós-operatório. Rector recebeu desta vez o coração de Hildrid Judy, de 35 anos.

INSTITUTO DE ODIVELAS

Antigas e actuais alunas do Instituto de Odivelas reunem-se, ali, esta noite, numa festa de confraternização. Assiste o Chefe do Estado.

A estrada Lisboa-Santarém ficou livre no lugar de Asseca

Durante a manhã de hoje caiu sobre Lisboa chuva persistente, verificando-se as habituais inundações nas zonas mais alagadiças. Em todo o País prossegue a invernia, mas no Porto, por exemplo, não chovia esta manhã.

Ao longo da costa o mar continua embravecido. Ontem, os faroleiros do Bugio — isolados há vinte dias — foram rendidos com o auxílio de um helicóptero da Força Aérea, o que sucedeu pela primeira vez. Recorda-se que em 1954 os faroleiros ali de serviço chegaram a estar isolados 22 dias, até que ali pudesse chegar o barco da Direcção dos Faróis.

De qualquer modo, embora haja ainda estradas cortadas pela cheia do Tejo, o nível das águas continua a descer lentamente.

Continua a baixar o nível do Tejo

SANTARÉM, 17. — Embora o tempo continui a apresentar-se de mau cariz, as escalas hidrométricas de Ródão, Abrantes e Barquinha acusam uma sensível descida de nível enquanto em Santarém as alterações são mais lentas. Não obstante, o aspecto geral da cheia mantém-se.

Leituras feitas ás 3, 6 e 9 horas de hoje acusavam, respectivamente: em Ródão, 4,30 metros, 3,70 metros e 5,20 metros; em Abrantes, 6,72 metros, 5,56 metros e 4,66 metros; na Barquinha, 6,72 metros, 5,62 metros e 4,55 metros. Em Santarém, as marcas estavam, ás mesmas horas, em 7,29 metros, 7,26 metros e 7,19 metros.

Reaberto ao trânsito o Dique dos Vinte

O Dique dos Vinte (que serve de estrada entre a Chamusca e a Golegã) foi hoje reaberto ao transito. Também a estrada Santarém-Lisboa ficou livre, no sitio de Asseca, tal como a estrada de Benfica do Ribatejo a Almeirim. Entretanto, já ontem haviam sido abertas as estradas de Rio de Moinhos a Abrantes e de Abrantes a Arrifana do Barro.

Mantêm-se cortadas ao transito as estradas de Santarém a Ponte de Celleiros e a Almeirim, da Tapada a Alpiarça e da Ribeira de Santarém a Alcanhões.

Encerrados os portos do litoral nortenho

PORTO, 17 — De novo agitado, o mar não permite o movimento normal das embarcações nos portos do litoral nortenho, o que já vem sucedendo há algum tempo, com excepção do dia de ontem em que, como noticiámos, se verificou a saída da frota pesqueira de Matosinhos.

Na barra do Douro não há movimento e apenas saiu o navio «Minho», dadas as suas características. O rio Douro, na Régua, encontrava-se esta manhã a 5,89 m acima do normal, com tendência estacionária.

O mau tempo no Algarve

FARO, 17 — Durante os últimos dias, o mau tempo tem-se feito também sentir no Algarve, tendo-se verificado a queda de granizo e chuvas torrenciais.

Trovoadas e fortes rajadas de vento têm acompanhado a presente invernia. A frota pesqueira tem estado retida nos ancoradouros.

NOVO CASINO ESTORIL
AMANHÃ
«MATINÉE» ÀS 17 HORAS no SALÃO RESTAURANTE
ANNIE BRIGHT
● THE KIMS
● LÍDIA RIBEIRO
● STARLIGHT SHOW
Música para dançar:
CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITICA FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA FILARMÓNICA FRAUDE
Maiores 17 anos
PREÇOS
Chá completo — 40$00 (taxas e impostos não incluídos)
No CINEMA
Hoje, às 17 h.
Matinée infantil
(Maiores 6 anos)
e às 21 e 30
«O Livro da Selva»
(Maiores 12 anos)
Amanhã, às 17 e às 21.30 h.
«Jogos perigosos»
(Maiores 17 anos)
Ambiente climatizado

LICENCIADO.
EMPRESA DE GRANDE PROJECÇAO, PARA LUGAR DE RESPONSABILIDADE, PRETENDE:
— Licenciado em Matemáticas ou Ciências Económicas e Financeiras
— Com boa formação matemática e capacidade de chefia
— Serviço militar cumprido
— Idade não superior a 35 anos
Enviar carta a este jornal ao n.º 983, indicando nome, endereço e qualquer esclarecimento que possa ser considerado de utilidade.

PREPARATÓRIO E LICEAL ● INSTITUTOS
CRISFAL
AVENIDA DA REPÚBLICA, 83 E 52 ● TELS. 77 90 47 - 76 96 20

2 HABITAÇÕES
Ou escritórios, perto da Baixa, a estrear
Tel. 66 38 78

PATENTE/ EUA,EUROPA

EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 B/C
LISBOA

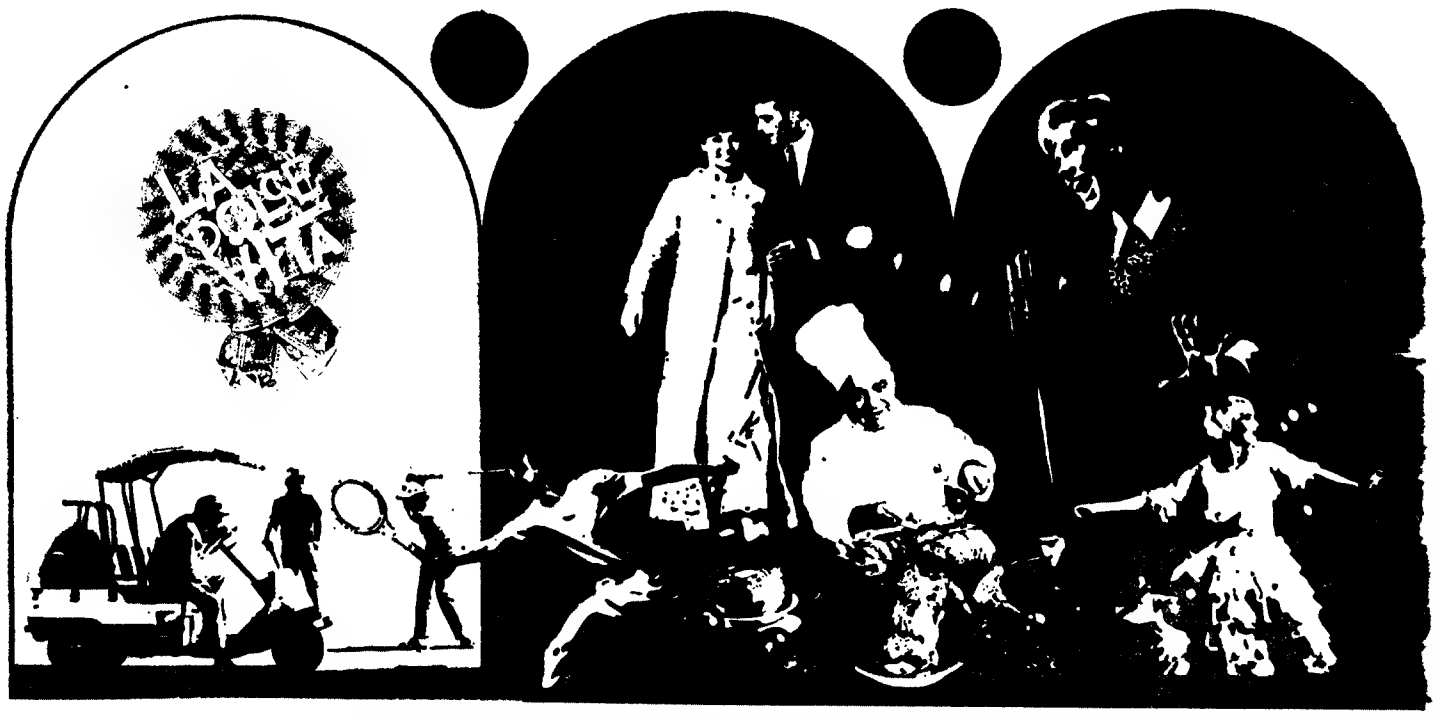
41

DEI À LUZ!

A MOSCA

UMA EXPLICAÇÃO

A MOSCA LAMENTA QUE ESTE NÚMERO NÃO ABRA COM A NOTA EXPLICATIVA QUE ESTAVA PLANIFICADA, MAS ESSA NOTA FALTOU À ÚLTIMA DA HORA, COMO SE PROVA PELA CARTA ABAIXO PUBLICADA, QUE CHEGOU À REDACÇÃO JÁ DEPOIS DO NÚMERO PAGINADO



Exmo. Senhor Director
de «A MOSCA»:

Pediram-me no outro dia, aliás na outra noite, porque o «pedido» foi de noite, que escrevesse uma nota de abertura para um número que esse suplemento vai dedicar à «dolce vita».

Não sei porque é que me escolheram havendo tanta gente mais habilitada do que eu para tratar do assunto e digo deliberadamente «escolheram» porque estou convencido de que nada do que passo a relatar aconteceu por acaso.

O que eu quero dizer é que não percebo porque é que me escolheram a mim pessoalmente, que sou um homem de trabalho e de responsabilidades, havendo tanta gente por aí que não serve para nada. Se eu não tivesse um forte sentido da honra nem sequer escrevia esta carta a recusar o estranho convite que me foi feito e a mandar os redactores da Mosca para um sítio que a educação que recebi de meus pais me impede de mencionar.

O que eu quero dizer é que estava muito bem no Ibéria à espera duns amigos que tinham combinado vir ter comigo para irmos jantar a Cascais com umas pequenas descomplexadas, quando chegou um tipo de «A MOSCA» que eu conheço não sei ao certo de onde.

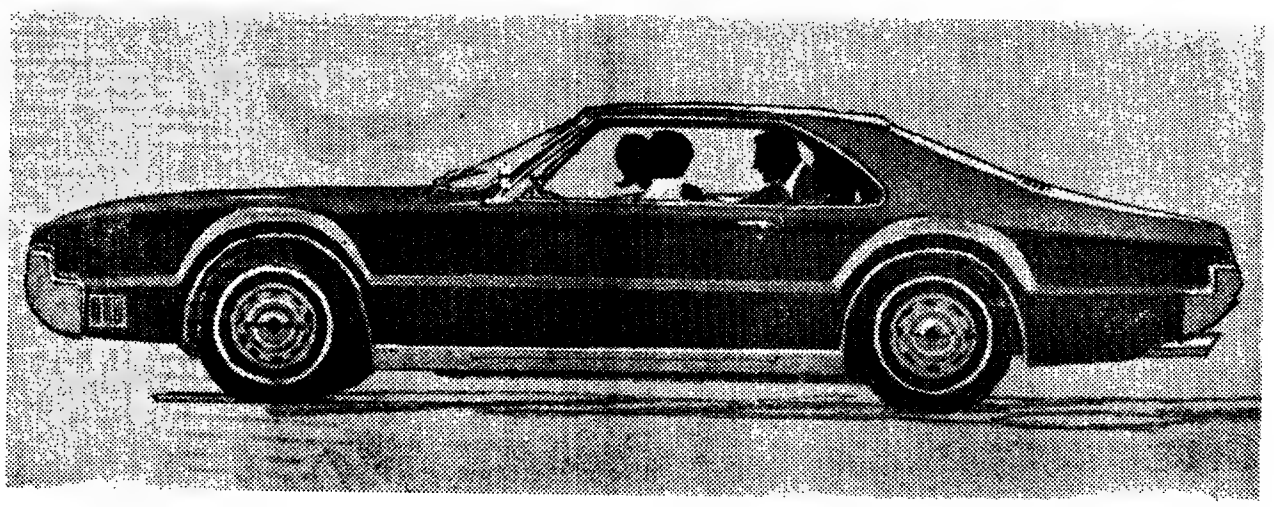
Palavra puxa palavra, começámos a brincar com uns dados para matar o tempo e, daí por um bocado, eu deitei quatro reis e ele perguntou-me se eu queria jogar uma «nota de abertura» para a tal Mosca dedicada à «dolce vita». Com quatro reis na mesa só se eu fosse parvo é que não jogava ao que ele quisesse, mas tive tanto azar que ele deitou quatro ases que eu ainda estou para saber como é que foram feitos.

O que eu quero dizer é que é por causa disso que estou agora a escrever esta carta a dizer-lhe que não escrevo a tal «nota de abertura». É que, depois do jogo, os meus amigos chegaram com as tais pequenas descomplexadas — elas ficaram lá fora porque não entram em bares senão particulares — e fomos para Cascais. A que foi no meu Porsche tem estudos porque andou a estudar não sei para quê antes do Tozé a descobrir — é um amor: muito bem vestida, muito civilizada, muito divertida e cheia de gosto. Para matar o tempo contei-lhe a história dos quatro reis, dos quatro ases e da nota para o número da «dolce vita» e ela deu por paus e por pedras.

O que eu quero dizer é que ela foi aos arames e até me chamou burro, o que é uma desconsideração, mas depois explicou-se que os tipos da tal Mosca são terríveis e têm a mania de que gozam toda a gente e que o que eles queriam era gozar-me e que se eu me metesse com eles ao menos que não escrevesse o nome dela no artigo e, sobretudo, que nunca falasse no nome dela em frente deles.

Parámos no Mónaco para beber um copo ou dois e ela sempre a dar-lhe: que os tipos da Mosca iam extrair implicações sociais do que eu escrevesse, que se iam meter com a minha família, que eu escredá-la No caminho ela contou a história ao Tó e eu, é claro, confirmei-a. Em casa do Carlos Manuel voltámos ao assunto e todos foram de opinião que eu não devia escrever a tal nota porque um ou dois conheciam «A Mosca» de ouvir falar e achavam que não era de confiança.

O que eu quero dizer é que se tivesse confiança na Mosca, não me importava de escrever a tal nota e até deixava que um repórter fotográfico tirasse fotografias às casas das minhas herdades, e aos meus cavalos, mas como toda a gente me diz para não confiar na MOSCA, o que eu quero é não me sujeitar a vexames. Isto, apesar de não perceber o que é que podiam



via mal e que se fosse nisso cometia uma traição para com os meus amigos e para com a minha classe. Devo dizer que tenho muita confiança nesta rapariga e que pesei os seus argumentos, já que não quero que me chamem traidor nem que me pensem capaz de atraiçoar pessoas e coisas que respeito porque «noblesse oblige», como dizia o meu Pai — cada um tem os deveres da cama em que nasceu.

Mesmo assim, eu talvez escrevesse a tal nota porque jogo é jogo e porque apesar de muito esperta ela sempre é mulher, mas a verdade é que as coisas complicaram-se quando os meus amigos souberam da história.

O que eu quero dizer é que depois de jantar fomos para casa do Carlos Manuel matar tempo e que eu tive um furo no Porsche e tive de ir até lá com a minha amiga no Jaguar do Tó, porque não estive para mudar de roda àquela hora podendo andar no dia seguinte no Lancia e mandar lá o chauffeur mudizer de mim porque a verdade é que há agora a mania das coisas sociais e que mesmo assim ninguém me pode apontar uma falta e olhe que eu não tenho uma vida fácil.

O que eu quero dizer é que nos tempos que vão correndo as responsabilidades são terríveis e eu aposto que tenho mais responsabilidades do que o tipo da Mosca que me queria gozar.

Antes de se acusar o próximo deve-se fazer um exame de consciência.

No dia seguinte àquele em que isto aconteceu, estava eu a matar o tempo na piscina do meu amigo Filipe, que é aquecida enquanto que a minha não é, só agora é que vou mandar aquecer, quando chegou um amigo meu que é filho dum administrador bancário por parte da mulher e que é muito inteligente. Contei-lhe tudo e ele ficou muito agitado e afirmou-me que não devia tocar na Mosca nem com uma vara de dez metros, mas que se insistisse na asneira que tomasse o maior cuidado em não mencionar um só nome que fosse dum amigo ou duma amiga.

O que eu quero dizer é que nenhum dos meus amigos e nenhuma das minhas amigas quer que o seu nome seja mencionado no tal número da «dolce vita» e que eu não acredito que isto seja por acaso.

O que eu quero dizer é que não acredito que todos me peçam para não falar neles por acaso. Há-de haver uma razão e essa razão só pode ser uma: a Mosca não inspira confiança às pessoas com quem eu me dou. Custa-me muito dizer isto porque é muito desagradável, mas os senhores ainda estão a tempo de arripiar caminho desistindo da «dolce vita» e dedicando o número a uma província portuguesa pouco conhecida, como o Minho, por exemplo de que ninguém fala e que tão bonito é. Isto é que seria um gesto honrado que, ainda por cima, nos levaria a rever o que pensamos da Mosca. O que eu quero dizer é que não colabora no tal número

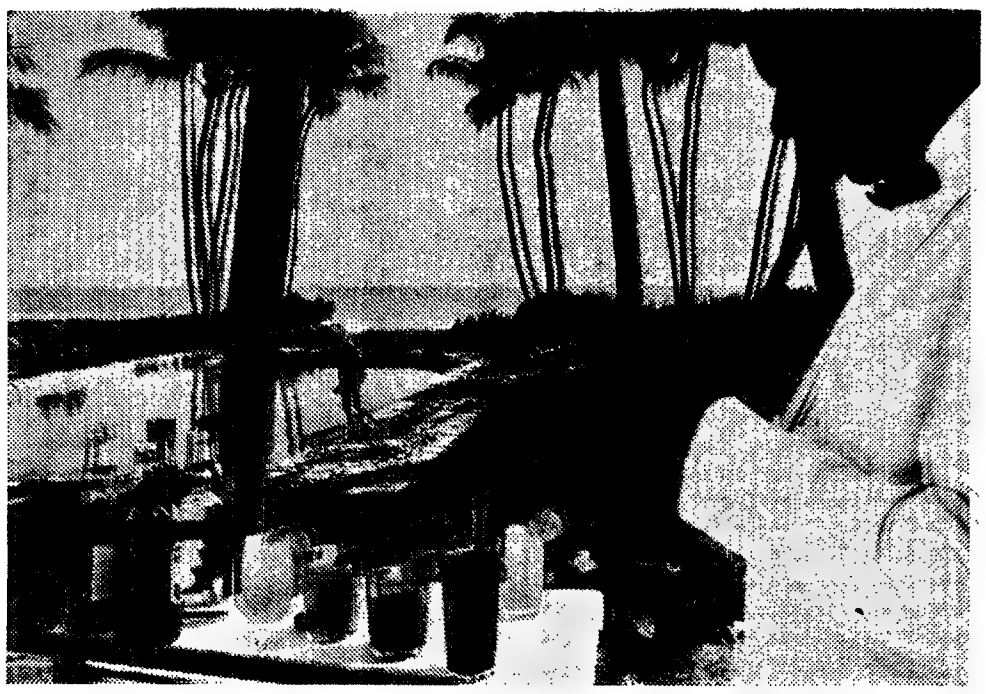
Não creio que haja motivo para nos voltarmos a corresponder, mas se quiser acusar a recepção desta carta, faça-o para o Hotel Crillon, de Paris, onde irei descansar uns dias.

Com a consideração do
Nuno Duarte de Menezes e Alvor

P. S. — Preocupa-me o facto de não pagar a jogada que perdi com o tal tipo de «A Mosca». Junto envio um cheque de 1.000$00 que peço lhe faça chegar às mãos dizendo que são para ele beber uns «whiskies» em subtituição da nota que não quero escrever. O que eu quero dizer é que não me agradava que ele andasse para aí a dizer que eu não paguei uma dívida de jogo.

O MEIO AMBIENTE

«dolce vítico»



A «dolce vita» ingere-se. Encontra-se nas garrafas e na saliva das mulheres

Os da «dolce Vita» não têm um «habitat» especial. Nisto, distinguem-se dos leões, que têm a floresta por meio ambiente natural e dos peixes que morrem mal saem da água. Mesmo assim, têm preferências na medida em que lhes é aplicável a lei de Newton: os da «dolce vita» atraem-se mutuamente na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distâncias — entenda-se, aqui, por massa, «dinheiro», «rendimento», «caroço»...

Não é, certamente, difícil entender este facto: que há de comum entre quem tem «yachts» e quem nunca andou senão de cacilhiro? Que diabo sabe das desvantagens do Ferrari quem só conhece os inconvenientes do Volkswagen a prestações?

Os da «dolce vita» juntam-se portanto porque vivem a mesma vida e têm os mesmos interesses. O leitor não frequenta os cafés onde sabe que vai encontrar os seus amigos? E se lhe saísse a taluda e deixasse o emprego, continuaria a ser o companheiro de todas as horas do seu amigo Silva, que entra ás 9, sai ás 6 e tem de escolher, todos os dias, entre a bica e o jornal da tarde? Pense, estimado leitor, pense e verá que a natureza tem leis a que é difícil escapar: não é por acaso que os leões preferem a companhia dos leões á dos simpáticos «Jaquinzinhos» que a gente come com feijão-frade. (Como não é por acaso, lá por isso, que são os jaquinzinhos e não os leões que acabam «fritos»...)

No que se refere á segunda parte da lei de Newton, porém, há que fazer uns reparos porque os da «dolce vita» vivem em alcateias mais ou menos vinculadas a fronteiras. Há, evidentemente, uma «dolce vita» internacional que de quando em quando atinge as páginas da «Life» ou do «Paris Match» mas essa tem menos importância do que parece, porque se destina a espantar pardais como o estimado leitor e o autor destas linhas. Os Rubirosas que os Chiles e as Balucias deste mundo de vez em quando produzem são os profissionais da «dolce vita», e os membros autênticos da fraternidade nunca são mencionados nos jornais e têm um salutar horror á publicidade. Digamos que os Rubirosas são o folclore da «dolce vita» e o leitor compreenderá a questão — acha, sinceramente, que as minhotas verdadeiras andam vestidas «á moda do Minho»?

Nunca notou que nas corridas de automóveis, quem anda vestido de «corredor de automóvel» são os espectadores e não os pilotos de competição? E já que falámos de automóveis: nunca notou que os carros que se vêm na rua com tiras desportivas e montes de acessórios desportivos são sempre Vauxhais, Opeis e Volkswagens e nunca Maseratis Ferraris e Aston Martins?

Estimado leitor, confundir um «jaquinzinho» com um salmão, não é próprio de quem já dobrou os 21 anos...

A «dolce vita» internacional de qualquer forma é minuscula, raras vezes atinge as páginas das revistas e tem por «habitat» na Europa, as cidades de Londres e de Paris. Cada país, porém, tem a sua «dolce vita» própria. É que apesar das excepções e por maiores que sejam as fortunas dum ou de outro ricaço e os milionáros, regra geral, são proporcionais aos países que os geraram. (Não venha com os milionários do petróleo, estimado leitor, já dissemos que havia excepções e de qualquer forma, quando as fortunas atingem essas proporções, a vida dos seus detentores assemelha-se mais á dos grandes chefes militares do que ás dos amantes da «dolce vita»...) O que isto quer dizer é que há na Europa países—provincianos e, portanto, fortunas provincianas que não podem «bater-se» com as dos senhores dos capitais. Assim como o ricaço de Unhais da Serra só em Unhais da Serra bota figura, o ricaço português dificilmente aguentaria a «dolce vita» de Paris e os que tentaram aguentá-la viram-se forçados, passado tempo, a voltar «á terra» para viverem durante uns anos em regime de recuperação.

É verdade, estimado leitor, por mais que isso nos desgoste, os nossos ricaços são, do ponto de vista europeu, subdesenvolvidos. Há que fazer um esforço para os compreender, há que ter pena deles e há, sobretudo, que lhes criar a possibilidade de botarem figura lá fora. (Uma sugestão da Mosca: porque não uma Federação Nacional dos Amantes da Dolce Vita? Devemos ou não á Federação Nacional do Futebol grande parte do prestígio de que desfrutamos no mundo?

É, realmente, por imperiosas necessidades impostas pelas circunstâncias económicas dos países pequenos, que os da «dolce vita» se vêm forçados a permanecer nos seus países. Em terra de cegos quem tem um olho é rei e em terras de pobres quem tem um pouco de pilim faz o que lhe dá na gana.

BONS PRÉDIOS EM BENFICA

VENDEM-SE
A RENDER 6% COM
RENDAS MODERNAS
E ANTIGAS

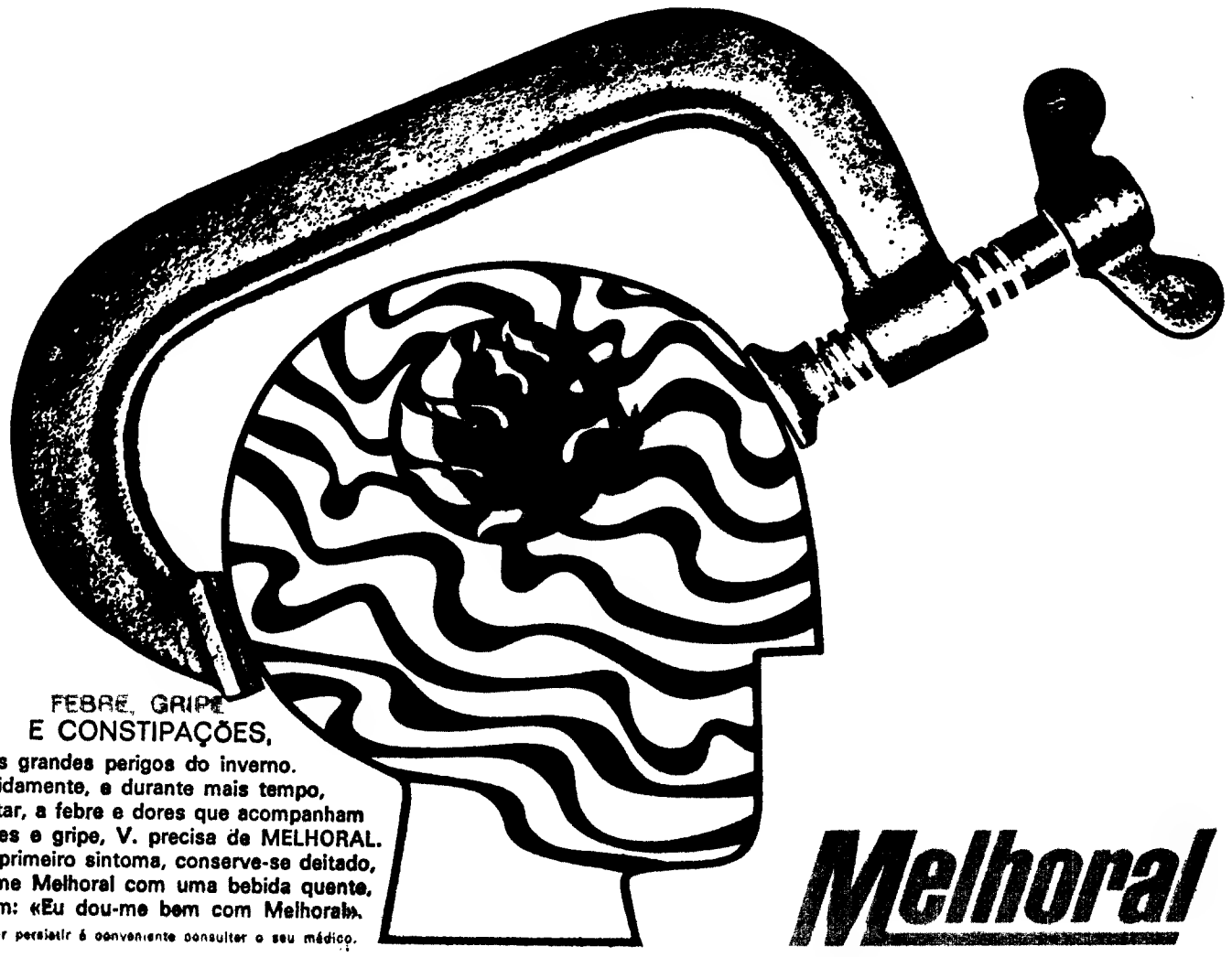
TRATA:
FERMIN GALLEGO
Av. 5 de Outubro, 23-1.º
Telef. 4 59 34

CAMINHOS DE FERRO
LEILÃO

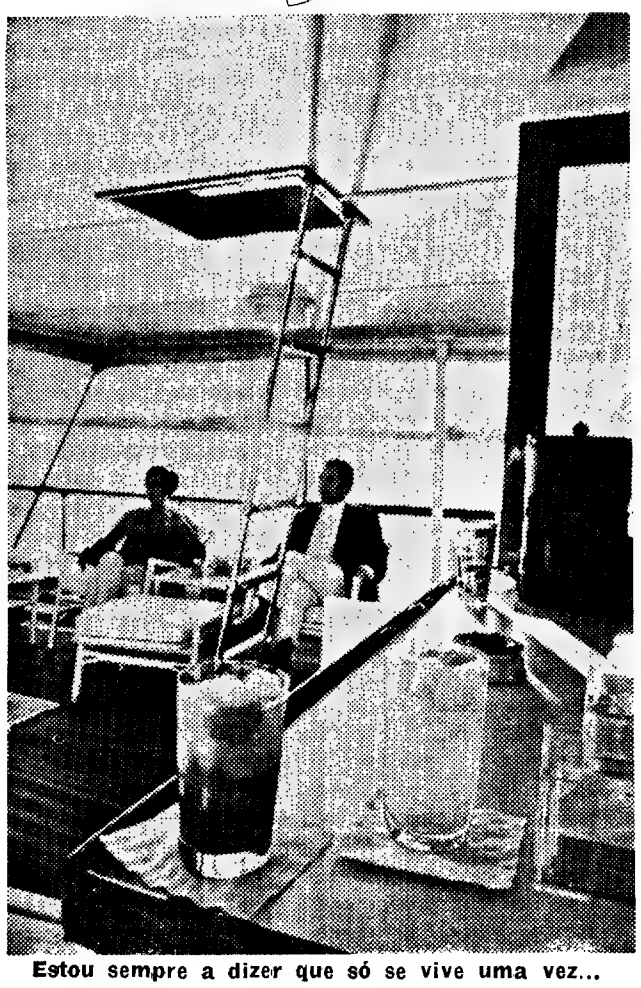
Em 12 de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 8 de Janeiro, das 10 às 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.



O MEIO AMBIENTE



Estou sempre a dizer que só se vive uma vez...

Como é evidente, uma pessoa que pode viver como um rei no seu país não vai deliberadamente viver como vassalo de segunda num outro, até porque não foi educado nem treinado para ser vassalo de segunda. (Então uma mãe rica anda a criar um filho nove meses para ele ser vassalo de segunda? Era o que faltava!!!)

A «dolce vita» portuguesa não ocupa, pelas matérias apontadas uma posição de destaque na escala da «dolce vita» europeia e os lusos amantes da «dolce vita» são obrigados a valer-se da prata da casa para se valorizarem (não se preocupe, estimado leitor: a casa tem muita prata...) como são obrigados a dolçar a vita, na medida do possível, neste jardim da Europa á beira mar plantado. (Diga-se de passagem, que podiam ter pior sorte...)

Dum modo geral, o centro da «dolce vita» portuguesa é uma zona muito limitada que começa no Guincho e acaba no Poço do Bispo — embora em matéria de doçura estes, como todos os extremos se toquem...

A «dolce vita» cobre assim uma área que vai da Parada de Cascais (o Sporting Clube de Cascais) ao Grémio Literário da Rua Ivens, (eles lá sabem porque é que lhe chamam literário...), passando pelo turf e por outras pastagens privativas da espécie. Deve dizer-se aliás, que a espécie também frequenta locais publicos, como o Ibéria — muito util para comprar, trocar e vender automóveis — o Tavares e, actualmente, os bares de certos hoteis mais ou menos afastados dos olhos do publico.

Os bares destes hoteis, diga-se de passagem, são utilíssimos para os primeiros copos da noite, tanto mais que o ambiente favorece a conversa de XAXA própria de tais ocasiões: *«Estás dia a dia mais bonita. Era, capaz de me apaixonar por ti. És a mulher mais bem-vestida que eu conheço. Nunca vi uma coisa assim. Olhei para ti e preciso rápidamente duma bebida. One for the road? Mas onde é que você andou escondida estes anos todos?*

Acresce que as paredes apaineladas a pal — imitação-de-madeira destes bares valorizam os sorrisos — imitação - de - sorrisos necessários á criação do ambiente «dolce vita» de segunda classe que a praxe exige para o «laveless love» (amor sem amor, amor fingido) que é a ocupação favorita e necessária da espécie a que nos vimos referindo. (Este «laveless love»—nada de confusões—é a ginástica cerebral, a prova de existência de que a espécie carece para se convencer de que está viva.

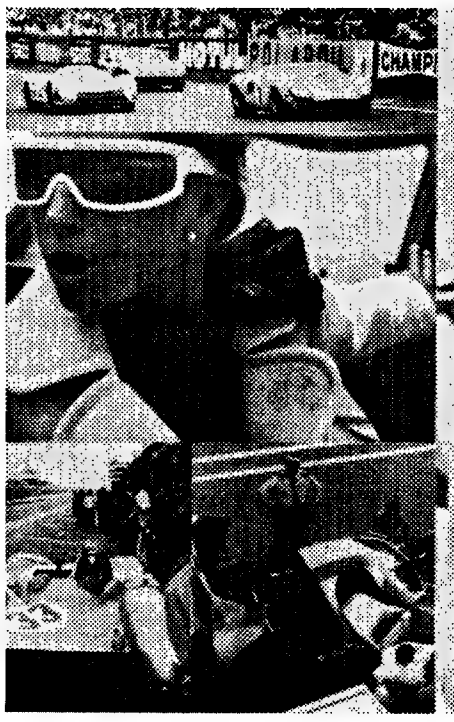
Nos ultimos anos, porém, a cidade tem evoluído. A espécie, menos popular do que o era há coisa duns anos, criou pastos privativos, coutadas próprias, que dão pelo nome de clubes-bares ou de bares-clubes. Passou-se, aliás, o mesmo em várias cidades europeias, de forma que esta evolução tem de considerar-se «progressiva» no sentido burguês da palavra. (Progressivo, isto é, mais á moda lá de fora, mais plástico, mais civilizado. Civilizado também no sentido burguês da palavra, isso é, mais engravatado por dentro mais verde-azeitona, com mais sofás cómodos...) Estes clubes-bares — em Madrid, por exemplo, há muitos mais — não estão, evidentemente, abertos ao publico...

Lisboa e aquilo chamar «a linha» são, in'contestávelmente, o centro da «dolce vita» portuguesa, como qualquer leitor de «A Mosca» descobrirá sem dificuldade, se tiver de passar umas semanas em qualquer das outras cidades do país ou nos arredores das mesmas.

Fora da cidade, próprimente dita, a «dolce-vita» localiza-se onde quer que haja piscinas particulares, grandes propriedades susceptíveis de servirem para caçadas, bares «civilizados» (vidé, atrás, o significado da palavra) e clubes de ambiente marítimo ou campestre.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que há poucos. A «dolce vita», portuguesa é pobre quase ridícula quando comparada com a europeia e, toda ela, mais feita de aparências do que de realidades.

Lá fora, no tal «lá fora civilizado», dão aquilo a que chamamos «dolce vita» outro nome aquele que nós também lhe damos na intimidade.



A FAUNA

«dolce vítica»

Os dolcevíticos são fáceis de distinguir por quem tenha os olhos e os ouvidos treinados, mas só por quem tenha os olhos e os ouvidos treinados. É que as televisões, os jornais e as publicações periódicas, permanentemente necessitadas de «personalidades» mais ou menos vistosas para as suas colunas mundanas, bombardeiam o público com notícias e fotografias de damas e de cavalheiros que o público toma por dolcevíticos, mas que, na realidade, não o são. Os verdadeiros dolcevíticos não têm nada de comum com as «vedetas» da vida mundana a que as revistas ilustradas recorrem para incendiar a imaginação das burguesas e dos burgueses de ordenado certo e de prestações garantidas para letras avalizadas. Só muito raramente é que os dolcevíticos se deixam apanhar pelas malhas da imprensa popular: se não fosse um incidente imprevisível, quem é que alguma vez teria ouvido falar no respeitabilíssimo dolcevítico Profumo? Acresce que a vida dos dolcevíticos autênticos não têm o «glamour» necessário para catalisar os sonhos do público consumidor de vedetas sintéticas e que os dolcevíticos, como já se disse, têm horror à publicidade. Deste conjunto de circunstâncias resulta que o grande público toma o cobre por ouro e a folha-de-flandres por prata, o que não espanta: o pavão é mais vistoso do que a águia e tudo leva a crer que a águia só tem a lucrar com esse facto. Cão que ladra não morde, dizem os entendidos em matéria de dentadas e nós podíamos acrescentar que, dum modo geral, o que é vistoso ou é falso ou é barato. Compare o estimado leitor as garridas gravatas dos Grandes Armazéns do Chiado com as gravatas sóbrias e quase neutras da Sabóia e chegará a conclusões úteis para a compreensão deste problema. Excepções? É claro que as há. A vida dos duques de Windsor atinge de quando em quando os cabeçalhos dos jornais (morreu, há dias, na Califórnia, o mais idoso dos cães da duquesa), as proesas da milionária Bárbara Hutton continuam a dar que falar (está a divociar-se do príncipe Raymond Doan Vinh Champassak, o seu sétimo marido) e, para mal dos pecados de toda a humanidade, o que a senhora Onassis faz e não faz continua a ser «notícia» (segundo o Record American, de Boston, o encantador casal gastou cerca de vinte milhões de dólares em artigos domésticos no decorrer do primeiro ano do seu casamento. A lista dos artigos domésticos inclui nove casas e nada é mais doméstico do que um «lar» senão, evidentemente, nove lares).

Os dolcevíticos citados tiveram o azar de atrair as atenções dos jornais, mas esse azar foi involuntário — todos se recordam, certamente, duma tentativa recente que a sr.ª Onassis fez para não ser fotografada á saída dum cinema onde se exibia o filme sueco «Eu sou curioso» (O reporter do Daily News, Mel Finkelstein, encontra-se, felizmente, de saude).

A verdade, estimado leitor — e já estamos a repetir-nos — é que as águias tendem a esconder-se nos ramos altos das árvores enquanto os pavões se pavoneiam...

Olhando para a «dolce vita» nacional, porém, temos de confessar humildemente que nos faltam personalidades equiparáveis às acima citadas. Somos um povo pobre e como os nossos dolcevíticos com uma espada numa mão e uma enxada na outra, faltam-lhes mãos para empunhar taças de Veuve Clicquet, para conduzir Rolls Royces (os que por aí andam estão muito velhos) e para atirar por terra qualquer jornalista abelhudo que ousasse fotografá-los à saída dum cinema onde se exibisse um filme pornográfico sueco (que, aliás, teriam de ir ver do outro lado dos Pirinéus). Os nossos «dolcevíticos» nacionais por ou-

tras palavras têm mais sangue de pavão do que sangue de águia, estimados leitores, e as suas actividades condizem com o sangue que lhes corre nas veias. No fundo, bem no fundo, a fauna dolcevítica portuguesa custa-nos confessá-lo — ocupa o seu tempo «matando-o» tristemente em folguedos que são de terceira ordem quando comparados com os dos dolcevíticos estrangeiros. Por mais que nos custe dizê-lo, a verdade, é que eles ainda não ultrapassaram o nível da «patuscada» Queirosiana, embora a Calçada de Carriche tenha sido substituída por outros locais e o «jantar fora de portas» seja agora antecedido dumas bebidas que não se confundem com a água-pé. Nas suas linhas gerais, a fauna dolcevítica portuguesa é composta por homens e por mulheres (há excepções, bem o sabemos) que apenas têm de comum o facto de não terem nada de comum. Não se espante, estimado leitor — está amplamente demonstrado que o espanto pode, em certas circunstâncias, provocar dores de cabeça, enxaquecas várias e outros inconvenientes. Poupe a saude, que no próximo sábado sai outra «Mosca» e vai precisar de todas as suas forças para a ler até ao fim. De qualquer forma, se continuar a ler este artigo, acabará por comprender que temos razão ao afirmar que os dolcevíticos e as dolcevíticas portuguesas apenas têm de comum o facto de não terem nada de comum. Para melhor lhe explicarmos a questão passamos a examinar, muito, muito, muito superficialmente, e nas suas linhas muito, muito, muito gerais, a fauna masculina e feminina da «dolce vita» portuguesa.

ELES

1) Do ponto de vista de origem social, os dolcevíticos são da média burguesia ascendente (médio burgueses endinheirados e dotados da «dolce» esperança de que a vida não lhes impeça os netos de virem a pertencer à alta burguesia). A sua aristocracia normalmente é de origem industrial, hipotecária e bancária, mas alguns há que se gabam de títulos nobiliárquicos de origem papal ou liberal. O título nobiliárquico, porém, interessa-lhes pouco — o único título que lhes interessa é o de «civilizado» ou de «evoluído» e esses conferem-nos eles próprios a si mesmo e á meia duzia de amigos que gosta das mesmas marcas de «whisky», que frequenta os mesmos locais e que se dá com as mesmas civilizadíssimas «pequenas».

2) Do ponto de vista cultural, há vários tipos mas, dum modo geral, a cultura de todos eles é altamente especializada: sabem de ninhos, de comidas, do que se faz «lá fora», de automóveis, de golfe e, ainda que superficialmente, dum «objet d'art» de que gostam e que coleccionam. Em matéria de política e de economia, têm o Time Magazine» e o Newsweeck» por bíblia, mas passam os olhos pelo «Match» e pela «Life» e acham graça ao «Playboy» e ao «New Yorke». Arranham mal o inglês e fazem cócegas ao francês, isto é, falam-no de ouvido e com menos erros do que seria de esperar. Não vão ao teatro, mas frequentam os cinemas e têm opiniões definitivas sobre os filmes que vêem.

Só raras vezes compram livras «sérios» e, mesmo assim, tendem a comprar os que dão para fazer conversa de xaxa e dão para fazer conversa de xaxa, os últimos «best sellers», os livros sobre a última guerra, as memórias dos políticos célebres e, dum modo geral, todos os livros de que os amigos conhecem os títulos e que é, por isso, «socialmente» compensador ter lido. Não dão para fazer conversa de xaxa os livros efectivamente sérios. Em matéria de livros, deve acrescentar-se que os dolcevíticos lêem romances policiais — as suas mesas de cabeceira estão repletas deles. A grande «ciência» dos dolcevíticos, porém, é a da «conversa dolcevítica».

O que é a «conversa dolcevítica»? Digamos que é uma conversa de xaxa com pózinhos do que meio passar por «civilizado». (Já se viu o que deve entender-se por esta palavra). O dolcevítico que se preza — e todos se prezam (é uma condição «sine qua non» do jogo) é capaz de conversar durante horas com qualquer «descomplexada» bem vestida sem dizer uma só coisa de interesse seja para quem for, mas deixando-lhe a nítida impressão de que um e outro são especialmente civilizados, cultos, modernos e técnicos na arte de viver. A conversa «dolcevítica» é repleta de sugestões e de insinuações mais ou menos «picantes» (nada de «ordinário», está de ver...) destinadas a conferir ao diálogo um tom «descomplexado», o que é facilitado pelo facto da cultura das dolcevíticas ser do tipo paleolítico e delas se encontrarem, por isso, vinculadas a raciocínios do tipo «glandulare». Que podem elas opor a conversas que as lisonjeiam — elas que, no fundo, muito no fundo, conhecem as regras do jogo e precisam de se convencer de que não são aquilo que sabem muito bem que são?

E ainda há quem se queixe?

3) O dolcevítico não ama a dolcevítica. A regra é esta e ninguém lhe escapa. O jogo é de «loveless love» e nada mais. O que interessa é sair ileso e convencido e o dolcevítico tem de convencer-se de que é interessante, giro — a palavra é giro — e profundamente desejável. Amar seria cair na armadilha, seria dar-se a conhecer, seria sair do jogo. O estimado leitor conhece algum caçador que esteja disposto a deixar-se caçar pela perdiz? Não se esqueça, estimado leitor, de que o dolcevítico faz tudo o que faz para se convencer de que é uma pessoa de «excepção», um indivíduo civilizado obrigado pelas circunstâncias a viver nesta aldeia portuguesa. O dolcevítico não vive, estimado leitor, para «epater le bourgeois» senão na medida em que, «epatando-o», tenha sentido de humor, esti mado leitor») se «épata» a si mesmo.

4) Os acessórios dos dolcevíticos são discretos, muito discretos, muitíssimo discretos. Em matéria de automóveis, boas marcas e cores sóbrias. Mesmo quando têm Maserattis, optam por cores que não dão nas vistas — vermelhos cardinalícios, cinzentos prateados e, agora, uns cremezinhos discretos. Em matéria de vestuário, a mesma regra: tecidos importados, gravatas importadas e camisas de seda —mas nada que dê nas vistas, nada que leve alguém a confundi-los com novos-ricos ou com «play-boys». Os cortes de fatos dos dolcevíticos são quase clássicos (quase, porque têm uma sugestão de modernidade, apenas uma ligeira sugestão...) e de forma nenhuma se confudem com os fatos dos «play-boys» ou dos burgueses ansiosos por serem notados. Quando vir um homem «bem vestido» na rua, estimado leitor, pode estar certo de que não é um dolcevítico — por esses só dará se os souber reconhecer mas, se os souber reconhecer verá a diferença...

Não se esqueça: os verdadeiros dolcevíticos não têm o menor interesse em ser notados ou reconhecidos.

ELAS

1) São de origem modesta — da pequena e da média burguesia que faz contas á vida — e só raras vezes da alta burguesia. As da alta burguesia, porém, não andam em «festinnas» e não vão aos locais frequentados pelos dolcevíticos acima descritos. Vivem num outro mundo. A história é sempre a mesma, sempre a mesma, sempre a mesma, sempre a mesmo — as dolcevíticas são discos de baixa fidelidade, de baixa fidelidade de baixa fdelidade, rachados até se torna monótono contá-la: são giras por fora por fora por fora por fora por dentro é que é o gato o gato o o gato o gato. Isso é grave porque o lado de fora gasta-se muito depressa muito depressa muito depressa mas para que há-de a gente pensar nisso e ficar triste triste triste triste quando a verdade é que logo á noite há um jantarinho «civilizado» «civilizado» «civilizado» «civilizado» «civilizado»?

Origem modesta — já se disse — e mesmo essa repudiada pelo desejo de viver como julgam que vivem os modelos da Elle. Por outras palavras: um desejo de carros desportivos, ambientes plásticos, luzes indirectas e um tipo de vida incompatível com o ca-

A FAUNA

«dolce vítica»

pital mental e financeiro da família. Casamento—quando o houve desfeito logo no início da corrida pela modéstia do marido, que entrava às 9, e saía às 6 e não se sentia á vontade sempre que ela o obrigava a gastar num dia o que lhe levava uma semana a ganhar. Na linguagem actual dela: «um tipo complexado, tacanho, provinciano— um chato! O mesmo tipo, na linguagem que vai ser dela daqui a uns anos, «bom homem coitado, mas não me soube compreender — mesmo assim é quem me vale porque me paga a renda sem obrigação nenhuma de o fazer...»

2) Culturalmente, as dolcevíticas não existem porque em crianças não tiveram tempo para estudar, de entretidas que andaram a ver montras, da Loja das Meias, a seguir o evoluir da moda nas revistas estrangeiras e a namorar. Como é evidente, as dolcevíticas, agora também não têm tempo para aprender seja o que for, de entretidas que andam a ver as montras da Loja das Meias, a seguir o evoluir da moda nas revistas estrangeiras e a namorar de acordo com as regras do «loveless love». Que o estimado leitor, porém não se deixe enganar: as dolcevíticas conhecem os títulos dos best-sellers, os nomes dos realizadores de filmes mais em voga e — pelo menos algumas — sabem que o presidente Mao não é norte-americano. Aprenderam estas coisas no cabeleireiro e leram-nas na Elle, na Marie Claire e no Paris Match. Mesmo assim têm uma vida cultural intensa, já que aguentam uma conversa de duas horas sobre o Marx, (aquele alemão da política, não é?) o Moliére (aquele do teatro, não é?) ou o Sócrates (aquele que no filme era amigo do Zorba não é?) sem que os seus amigos dêem pelo facto de que para elas Marx, Molliére e Sócrates não passam de nomes como os de Anthony Quim, (aquele que é bestial, não é?) o Marlon Brando (aquele que é giro, não é?) e o Charlot (aquele que anda com os pés para fora, não é?) Sabem, porém, que as azeitonas se colocam no fundo dos copos dos «dry martinis» e não nos dos «gin tonics» e que não se bebe «whisky» com laranjada, não precisam, evidentemente, de saber mais nada para singrarem nos ambientes plásticos em que têm de singrar. De modas, porém, sabem tudo: «Oh filha, ela vinha ridícula, com coisas que não se usam desde o ano passado... Isso já não se usa. Agora usam-se calças sem aberturas».

E lá vão, cantando e rindo, até um dia. Nesse dia é que é o gato o gato o gato o gato o gato.

3) A dolcevítica não ama o dolcevítico — acha-o giro e, ao mesmo tempo, tem pena dele, uma pena secreta, íntima, que nem a si mesma confessa — é que lhe conhece o jogo tão bem como conhece o seu. E tem pena dele, como tem pena de si mesma, mas não tem outro remédio outro remédio outro remédio. Para não ouvir a voz da pena que tem de si mesma, bebe outro «gin tonic» outro «gin tonic» outro «gin tonic» e ri-se das complexadas que' não chegam a viver a vida a vida a vida a vida. Elas é que a vivem, elas elas elas elas elas «outro «gin tonic» depressa, que estou deprimida não sei porquê não sei porquê não sei porquê não sei porquê».

4) Os acessórios da dolcevítica, ao contrário dos acessórios dos dolcevíticos, não têm de ser muito sóbrios. É que elas são, elas mesmas, acessórios e não personagens da «dolce vita». Desde que não atraiam os olhos do público para «eles», (o que seria «gauche») podem andar à vontade. À vontade, «sem um trapo»...

O que interessa é estarem à moda, à última moda. É que há muita concorrência, é que há cada vez mais meninas «à la Elle» para almoçarem, jantarem e beberem com eles...

«Hoje, estou deprimida, não sei porquê não sei porquê não sei porquê. «A Mosca» sabe.

A MINHA VIDA COM «AÇUCRE»

Para alguns extractos da população lisboeta a *doce vida* é aquilo que o ajudante de cortador Vitalino Silva, por alcunha o «Acém Comprido», chama a *vida com açucre*.

«E o que é a vida com açucre, Vitalino?»

«Ora, é a minha Ermelinda gostar de mim e eu fazer-lhe fitas e depois acabar tudo no restolho. Eu até digo que a Ermelinda é o meu torrãozinho d'açucre».

Para além disso, a *doce vida* de Vitalino inclui algumas colheradas de tinto no Tagarro, quando está com frio, e outras tantas de fado vadio e desoras, sobretudo se aparece o Grande Aufredo.

A filosofia do açucre tem que se lhe diga. Diz Vitalino:

«Coisinhas doces não são para toda a gente. Por exemplo: o meu vizinho Nicolau ateima que um homem para ser um homem deve ir do emprego para casa e da casa para a cama e da cama para o emprego. Leva o que eu chamo uma vida azeda, não lhe bota açucre.»

«E o que é o tal açucre?»

«O açucre é a minha Ermelinda desinquietar-me e a gente ir estonricar cens a ouvir fado. Cens porque sou conhecido do porteiro, senão...»

Açucre, pois, com conta, peso e medida. À Vitalino, nosso exemplo de hoje.

AÇUCRE EXISTENCIAL

Vitalino nunca leu os existencialistas. Se acaso leu alguma vez qualquer coisa, deve ter-se ficado pelos problemas do Salgueiros, seu clube desde que nasceu nas barbas do campo Vidal Pinheiro e aprendeu de cor a vituperar em bom português a má actuação dos árbitros. Mas tem Vitalino um frio espiritual, uma náusea dos transportes e similares que verdadeiramente o aparentam de Sartre, Merleau — Ponty ou mesmo Gabriel Marcel.

«Sou um chateado», diz. «Só estou bem a desinquietar a Ermelinda.»

«E ela?»

«Ela é uma boa rolha. Também só está bem a desinquietar cá o rapaz. É o fado, é as cadelinhas com molho picante, é o arroz de frango — e eu que me avie.»

Daí volta e meia parar no Tagarro, possuído por incomensuráveis peristaltismos da imaginação, e secar dois de três ou três de dois ou ainda um de dois e um «martelo», que é para secar os azeites.

«A Ermelinda aceita essas atitudes?»

«A Ermelinda não tem nada com isso. Ela que experimente. Dava-lhe uma amêndoa que se punha três dias no ar às voltas.»

O AÇUCRE E DEPOIS

Depois do açucre Vitalino é um homem calmo, respeitador do bem estar próprio e alheio, temente a Santo António, sócio do Salgueiral e utente da Carris. O seu método consiste em dominar os açucres.

«É difícil?»

«Ó filho, se a gente está sempre agarrado aos açucres trama-se. Os açucres são só para o sábado á noite e para o domingo á tarde. A Ermelinda já sabe.»

«Opinião da Ermelinda?»

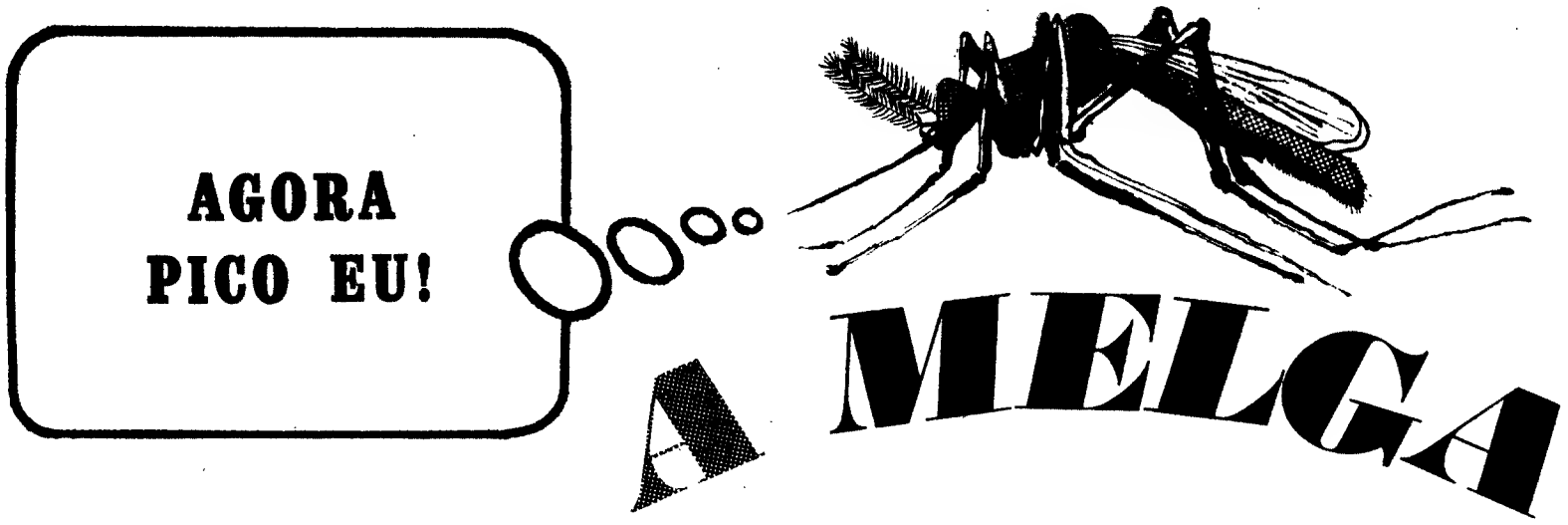
«Ri-se. Ri-se e diz assim: Vitinho, és um desenxabido. Tá bem, deixa andar. Sem mim é que ela não passa.»

«?»

«Cá por coisas. O açucre da Ermelinda sou eu, Vitalino Soares Miranda da Silva, natural do Porto. Ou bem que a gente é doce ou acaba tudo á solha.»

Vitalino prometeu que ia ler «A Mosca» desta semana. Acha que não contamos a história como ela merece e que além do mais não conhecemos o açucre que faz o açucre dele, isto é, Ermelinda, vendedeira de frangos no mercado do Saldanha.

«Os senhores parece que só falam estrangeiro. É para chatear o Camões ou quê?»



Hoje, dia 17 do corrente mês de Janeiro, «A Mosca» dá à luz «A Melga», na esperança de fazer história jornalística, isto é, na esperança de ser o primeiro suplemento a ter o seu próprio suplemento. «A Melga» é, como todos sabem, um animal infernal, odioso e sádico que não nos deixa dormir em paz nas noites quentes e abafadas de Verão. «A Melga» vive onde quer que haja água estagnada, onde quer que os rios interrompam a sua marcha para se transformarem em lagos, onde quer que haja poças. «Se há lama, há melga», reza um velho provérbio popular inventado neste momento e esta «Melga» que «A Mosca» hoje dá à luz com o respeito devido pelas leis da natureza (levou 9 meses a conceber) tem por objectivo morder a vida. As críticas de coisas correntes que têm, até agora, aparecido na Mosca passam a partir de hoje a publicar-se nesta nova «Melga» que desejamos venha a picar e a morder furiosamente nas partes mais expostas de quantos «satisfeitos» haja neste reino. Estreia-se, assim, «A Melga» com as secções mais ou menos permanentes de «A Mosca»: «A Mosca no mundo»; «Os 5 pontos»; «A Mosca no prato»; «Pop»; «Redacção da Guidinha»; À «Melga», os nossos desejos duma vida longa e aguerrida

O MUNDO DA MOSCA

Só depois da Segunda Guerra Mundial é que o Pai Natal entrou na vida italiana. Até então este símbolo natalício, considerado indesejável dada a sua natureza pagã, era praticamente desconhecido nesse país. Actualmente, porém, o BABBA NATAL destronou todos os outros símbolos e instalou-se definitivamente em Itália. O Natal de 1969 foi um autêntico festival do Pai Natal, que inspirou a iluminação das ruas e a decoração das grandes lojas. Um pormenor curioso: inicialmente magro e ascético, o Babba Natal tem vindo a engordar de ano para ano...

A popularidade de que goza o Pai Natal, porém, não é universal. Em Detroit, um dos maiores cortejos natalícios norte-americanos foi detido por agentes da polícia que investigaram cuidadosamente o trenó em que seguia a imagem do Pai Natal. Porquê? Porque fora avisada de que alguém colocara uma bomba no trenó para fazer explodir o simpático velhote. Não há dúvida, também, de que a população negra dos E. U. A. se recusa a aceitar como símbolo natalício um branco barbudo de origem nórdica e que o está a abolir das suas festas eliminando-o ou substituindo-o por um negro. Os primeiros sinais deste movimento já se sentiram, segundo informa a Imprensa norte-americana, em Detroit, Cincinnati, Chicago e outras cidades do país. Um inquérito levado a cabo nos E. U. revela que parte da juventude julga necessário desmistificar este velho símbolo que já nada lhe diz, mas que, na sua grande maioria, os jovens não acatam esta tese e que o comércio faz e fará tudo para o aguentar — trata-se de um símbolo que, bem tratado, dá muito lucro...

«A MOSCA» comenta: **business is business**... e o Natal é **big business**, mesmo muito **big business**...

Só nos E. U., por exemplo, vendem-se anualmente cerca de 40 milhões de árvores de Natal obtidas de sementes francesas da região de Auvergne. O negócio é tão lucrativo que os serviços florestais ingleses, franceses, espanhóis e noruegueses iniciaram uma série de actividades destinadas á produção duma árvore de Natal ideal. Se a conseguirem — e conseguem-na — a árvore de Natal fica, mesmo que o Pai Natal se vá. **Business is business**...

Apesar dos esforços do business, porém, a reacção da juventude contra a comercialização do Natal — reacção que tem de considerar-se integrada num movimento muito mais amplo — fez-se sentir em muitos pontos dos E. U. Um dos casos mais curiosos desta reacção ocorreu em Akron, no Estado de Ohio, onde, na noite de Natal, o jovem David Bullock, acompanhado de uma mulher grávida, declarou ao dono de um hotel chamar-se José e ter chegado naquele momento da Galileia, sem dinheiro. O dono do hotel, com grande espanto do moço, entregou-lhe a chave de um quarto e ofereceu aos viajantes uma refeição que eles não aceitaram por não terem fome e bebidas que eles aceitaram por lhes apetecer beber. «Estou certo de que isto não aconteceu há doi mil anos», declarou o jovem Bullock, francamente perturbado.

O que espanta «A MOSCA» é o espanto do jovem que, apesar de bem intencionado, lhe parece dotado de uma ingenuidade quase imbecil. José não chegou á estalagem na noite de Natal — chegou numa noite igual ás outras e não era «o José» — era um carpinteiro pobre de quem ninguém ouvira falar. E tinha fome, muita fome.

Para que a experiência do jovem Bullock fosse válida, ele teria de chegar de fato-macaco, a meio da noite, a um Ritz qualquer e pedir um quarto declarando-se carpinteiro e sem dinheiro. Mais: devia pintar-se de negro. Há, quer se queira quer não, uma tal falta de vivência e de preparação cultural nestes jovens americanos da geração revoltada, que um europeu dificilmente os pode tomar a sério mesmo que simpatize com os seus objectivos e com a sua revolta. Custa ver estes jovens empenhados em desperdiçar a vida em combates que não podem deixar de dar vontade de rir aos seus inimigos. Tanto o jovem Bullock como a rapariga que colaborou com ele na experiência falhada, pertencem a uma igreja clandestina da cidade, cujos membros se dedicaram, este ano, á tarefa de descomercializar o Natal. Para esse efeito, andaram pelas ruas distribuindo folhetos em que pediam aos transeuntes para não gastarem mais de $2.50 por presente e para entregarem a diferença entre esta quantia e o que tencionavam gastar a organizações de caridade.

Pobre Bullock! Não saberá ele que, em matéria de caridade, qualquer grande empresa norte-americana bate fácilmente todos os cidadãos de Akron, Ohio? E que, por isso mesmo, a sua atitude é perfeitamente conservadora e ajustada ás necessidades do **big business** americano? Esta ingenuidade faz lembrar a dum dramaturgo português que nos aconselha, para curar os males desta nossa época, que abramos as mãos.

ESPANHA

A decisão está tomada; a partir de agora, as mulheres que figurarem nos programas da televisão espanhola não poderão usar saias acima dos joelhos. A ordem, a julgar pela notícia do Herald Tribune, pôs termo a um período de confusão gerado pelo aparecimento da Sadie Shaw na TV do país vizinho, há coisa de quatro anos. Bravo, hermanos, assim e que é! Ou vocês acabam com a imoralidade das minis ou lá se vão os princípios. Para além disso é preciso defender as matronas cinquentonas de pernas gordonas a quem, por motivos evidentes, não convém a mini-saia. Já tínhamos a Europa dos sete e, agora, ficamos com a Europa do 1. A Espanha fica gloriosamente só!

FRANÇA

O problema levantado pelo «arrumar» dos espectadores que vão assistir á peça «ET ILS PASSERENT DES MENOTTES AUX FLEURS» foi resolvido. Para os que não conhecem o problema, convém explicar que os espectadores, levados aos seus lugares pelos actores, ás escuras, queixavam-se de ser maltratados e mordidos no caminho, o que levou a empresa a ordenar que se conservasse a luz acesa até o pano subir. Arrabal queixou-se desta decisão que, em seu entender, prejudicava o clima necessário á compreensão da sua peça e o tribunal decidiu que se fechassem as luzes desde que Arrabal se comprometesse a impedir os actores de morderem nos espectadores.

Arrabal—a Impresa francesa já lhe chama «Le Dali du Théatre» — assumiu a obrigação que lhe foi exigida, de forma que já é possível ir ao pequeno teatro d'avant garde EPÉE DE BOIS em segurança.

«A MOSCA» lamenta esta decisão judicial porque se a moda pegasse e chegasse até cá, o nosso panorama teatral animava-se muito. Homens há que passariam a ir ao teatro, quanto mais não fosse para levarem dentadinhas desta ou daquela...

em 5 PONTOS

A África é uma coisa muito séria. Tem 30 500 000 km², cerca de 240 milhões de habitantes e muitas outras coisas: árabes ao Norte, negros ao Sul e brancos (i. e.: europeus) um pouco por toda a parte. Para a África, «le continent le plus massif et le plus plat» — dizem as enciclopédias — não há «dolce vita». Desta afirmação não decorre evidentemente que não haja «africanos» (brancos, alguns árabes e alguns negros) que não se dediquem á doce, dulcíssima, muito doce, vida.

Nigéria, Biafra. Nas margens do Níger, a Inglaterra ensaiou nos anos 60 do século passado uma experiência-piloto. Ao serviço de Sua Majestade, Lord Lugan, o aristocrático governador britânico, deparou com falta de homens de confiança aptos ao enquadramento das massas indígenas — numa palavra: deparou com falta de brancos. Os ingleses, dizem os manuais, são avessos aos trópicos; as indústrias, diz a História, já absorviam no século passado a mão-de-obra inglesa.

Lord Lugan recorreu pois a quadros locais e ousou dar-lhes participação na empresa colonial. Os chefes haússas da parte norte da colónia a que foi dado o nome de Nigéria tornaram-se as correias de transmissão do poder britânico.

Ibos e yorubas foram (para Lorde Lugan, para os seus sucessores e para os vice-cônsules indígenas) — simples e carteslanamente — os objectos da colonização.

Nas margens do Níger, nascia o «indirect rule», isto é, a colonização com interposição de pessoas e grupos sociais autóctones. Isto é, o neocolonialismo.

A experiência iniciada há um século expandir-se-ia por toda a África e por outros e também terceiros continentes; mas seria precisamente no local onde nasceu que daria os seus frutos mais espectaculares. A secessão biafrense, e a guerra que se lhe seguiu são efeitos necessários da política inglesa nas margens do Níger. E não só inglesa: as contradições entre haússas por um lado, ibos e yorubas, por outro, foram convenientemente aproveitadas pelas grandes potências. O neocolonialismo, tal como o arqueo, só pode conduzir á guerra.

AMADEU LOPES SABINO

A M no

DOMINGO — Uma coisa é certa: impera entre os nossos burgueses o mandamento **Ao domingo passearás pacatamente a família no automóvel que andas a comprar a prestações.** Cultiva-se a família, por outras palavras, também a prestações — as chamadas prestações dominiciais. Há, porém, qualquer coisa de triste, de muito triste, nestas prestações. assista, ao domingo, à passagem de centenas de automóveis atulhados de gente que vão a caminho de Sintra, de Cascais ou da Ericeira, fica necessàriamente deprimido. Dir-se-ia que as «famílias» estão a acompanhar um enterro ou pelo menos, que vão visitar um moribundo. Eles, tristes, de olhos na estrada, sonham com a segunda-feira. Elas, ainda mais tristes, se calhar já nem sonham. As crianças, apertadas umas contra as outras no banco traseiro, dormitam, digerindo os bolos que comeram durante o dia. O domingo é incontestàvelmente um dia que o burguês sacrifica no altar dum Deus que ninguém sabe ao certo quem seja ou o que seja. Nobre, se vivesse agora não escreveria: «Georges! Anda ver o meu país de marinheiros, o meu país das naus, de esquadras e de frotas!» — o que ele escreveria era: «Georges anda ver o meu país de burgueses tristes, o meu país de Volkwagens, de Fords Vauxhais! Oh os carros dos burgueses a saírem de Lisboa cheios de sogras e de filhos! Que estranho é!»

SEGUNDA — Almoço no «Polícia», um restaurante onde se come bem. As obras — que já têm alguns anos — não melhoraram o ambiente da casa: a sala permanece fiel à portuguesíssima regra de que os restaurantes têm de assemelhar-se a salas de espera de estações de caminho de ferro — oh, o amor que o pequeno-burguês tem ao azulejo branco! De qualquer forma, as obras não pioraram o serviço — o que é raro — e o «Polícia» pode classificar-se de restaurante «honesto». Comida simples e abundante — ainda que a nível de messe de sargentos — por preços razoáveis. Os «pivetes» são uma delícia, a «chispalhada» tem ajudado muito comerciante a esquecer temporàriamente as letras protestadas e a cabeça de pescada é imbatível pelos entendidos.

TERÇA — Jantar no restaurante do «António», sim senhor, do «António do Toni dos bifes», agora auto-promovido a «restaurateur grand fino». A situação do restaurante é óptima e o serviço é bom. A comida não é — felizmente — apenas destinada a por o macho lusitano em êxtase mas não vem, lá por isso, mascarada com nomes franceses e disfarçada com molhos de cores variadas. Nnm tanto ao mar nem tanto à terra. Recomendamos o bife panado de atum e a feijoada.

QUARTA — De vez em quando não se pode evitar o «snack». Não há nada a fazer. Pratos em série e em «technicolour». O que interessa é encher o olho do cliente porque quando a comida lhe chega à boca já está encomendada e ele tem mesmo de pagá-la. Chama-se a isto industrialização — tínhamos de começar por qualquer sítio e, para mal dos nossos pecacomida. O resultado é o «snack» ou, na gíria de quem gosta de comer, a «manjedoura», que, ainda por cima corresponde ao conceito que a nossa pequena e média burguesia têm do que é um restaurante «lá de fora». Fui ao «snack» do «Ritz» — pelo menos é assim que ele é conhecido, embora possìvelmente tenha nome próprio — aquele que fica na Rua Castilho. Tudo certinho. Encostadas ás paredes modernas, meninas «moderrrrnas» tiradas do mesmo molde aguardando a sua vez: «Oh, filha como é que se pode viver sem o «Último Figurino»? Não me fales da montrra dos Porrfirrrrrios... aquilo já não se pode verrrrr...». Repetimos: tudo certinho — cada restaurante tem a freguesia que merece. Uma atmosfera de plástico para meninas de plástico, com uma cultura de plástico e uma concepção também de plástico da vida «moderrrrrrna». A «pizza» que comi talvez não fosse de plástico, mas lá do que era não sei. Lisettes, Odettes, Elisabettes e Violettes: Lisboa já tem um estabelecimento «alimentício» à vossa cltura. Quem é que lhes disse que Lisboa não é uma grande cidade? Mais dia menos dia «tá tão mo-derrrrrrna como Parrrrris...».

QUINTA — Almoço machão, viril, comido à sombra na másculo atmosfera que mais convém à lusa gente. Pão e jarro de tinto sobre a mesa e ao longe, fiscalizando o serviço, um proprietário de proporções que honram a cozinha da casa. Tudo isto no Parque Mayer, está de ver, ou mais pròpriamente ainda, no «Xico Carreira», um restaurante onde certamente almoçaram, a julgar pelo ambiente, António Vargas Herédia, Geraldo Geralde (na intimidade, o «Sem Pavor»), Manolete, o marquês de Marialva e outras personagens ilustres da nossa História cultural. Esqueci-me da Lola. A Lola não pode deixar de ter ido almoçar ao «Xico Carreira». Todas as Lolas foram almoçar ao «Xico Carreira». A comida é francamente boa — nada de «civilizações», note-se, mas em matéria de bifes, de entrecosto, de «jaquinzinhos» com feijão frade e de boas postas de bacalhau, ninguém leva a palma ao «Xico Carrreira». Conta-se, á gargalhada, que certo dia uma personagem conhecida da nora praça entrou no «Xico Carreira» e pediu «linguado ô bananes». (Não se espantem com o «ô» — o francês do «gentleman» em questão é anterior ao Linguafone e, de qualquer forma ele também é um «homem ô bananes»). Comentário dum presente: «Se o banana quer banana no linguado que lhe ponha a mão em cima... aqui não se servem drogas...».

SEXTA — Fiquei em casa. Há duas marcas populares de sais de frutos e experimentei as duas. Ainda estou para saber qual delas é que resultou.

SÁBADO — Água das Pedras e, à noitinha, uma torrada. Apesar do seu alto nível de vida, uma coisa há que os ingleses, os franceses e os alemães não têm: Água das Pedras. Alguém já ouviu falar

Mosca prato

de «Stone Water» ou de «Eau des Pierres»? É claro que não — trata-se duma coisa que é só nossa. A Água das Pedras é nossa. Se no decorrer da história voltarmos a ser invadidos, é por causa da Água das Pedras — não pode haver outra razão.

O que interessa é encher o olho do cliente...

Certa rádio está a contribuir efectivamente para uma educação do gosto musical, via musica popular. Uma rádio que coexiste, no espaço, no tempo e na onda, com a conversa balofa e desprovida de senso, com o som dormente e com a ausência de critério, com o comodismo fácil e com a falta de senso. Uma rádio que terá escolhido um caminho menos cómodo, talvez menos lucrativo. Uma rádio compenetrada do papel formativo e informativo que lhe compete. Uma rádio para a qual a musica popular representa algo mais que um separador entre dois canais de publicidade, ou um som alienatório, despreocupado e despreocupante, uma dolce musica sem outra função que o fundo para a conversa, o ampiente para a bebida. Certa rádio com critério.

Por exemplo, para Carlos Cruz (Tempo-Zip, R.C.P.-R.M.F., 11 ás 13), o disco de 1969 terá sido o album Crosby, Stills and Nash, e o pior disco Posteard de Mary Hopkin. Com isto está de acordo Nuno Martins (idem), para quem a melhor gravação foi o ultimo Lp dos Mody Blues, To Our Childrens's Children's Children, e a revelação de língua portuguesa a gente e a musica do Tropicalismo, particularmente Caetano Veloso e Gilberto Gil (em directo na 24.ª Mosca), Rita Lee Jones e Tomzé.

Num outro comprimento de onda (RR, 19.30 ás 20.30) ficam a Página 1 e José Manuel Nunes, para quem os Moodies, pela sucessão ds seus quatro Lps merecem uma distinção especial; outro tanto para Dylan, o poeta e o cantor de Nashville Skyline. Para a Pág. 1 os Creedence Clearwater Revival terão sido o melhor agrupamento de 1969 e Fausto a revelação portuguesa.

Para Mendes Martins (Impacto, R.C.P., 21.30 ás 22.30), a escala começa no album Crosby, Stills and Nash (o melhor) e termina em Sugar, Sugar dos Archies (o pior).

EM ÓRBITA

Responsável pela invenção de uma linguagem radiofónica, detentor de uma tradição de critério, de lucidez, de bom gosto: «Em Órbita» (R.C.P.-R.M.F., 19, ás 21 e 0 á 1). A sua cotação merece uma quase oficialização.

Singles:

1.º, Atlantis — Donovan.
2.º, The Boxer — Simon e Garfunkel.
3.º, Watching and Waiting — The Moody Blues.
4.º, Spinning Wheel — Blood, Sweat and Tears
5.º, Helplessly Hoping — Crosby, Stills and Nash.
6.º, Living in the Past — Jethro Tull.
7.º, A Salty Dog — Procol Harum.
8.º, Whole Lotta Love — Led Zepelin.
9.º, Kosmic Blues — Janis Joplin.
10.º, Genesis Hall — Fairport Convention.

Atlantis é um acto de conquista. Cruzada maravilhosa empreendida por novos guerreiros que partem na certeza antecipada de uma vitória final, empolgante e decisiva. É um ritual de mágico encantamento, que nos transporta até ás diluidas fronteiras de um nobre e novo país, onde tudo se sublima em atmosferas de transbordante paixão. Fascinante sussurro de um Deus perfeito que, mordido pelo fogo de uma eterna insatisfação, se projecta ao assalto de metas sempre mais longínquas. Subtil murmurio que em brusca e prodigiosa metamorfose se transforma no grito visceral e puro de um novo sol a nascer. Atlantis é todo o fascínio de uma Nova e Desconhecida Aventura. Atlantis, é um dos mais belos momentos de toda a história da musica popular. Atlantis, é a melhor gravação de 1969.

Albuns:

1.º, Crosby, Stills and Nash.
2.º, Songs from a Room — Leonard Cohen.
3.º, On the Threshold of a Dream — The Moody Blues.
4.º, Blood, Sweat and Tears.
5.º, Salty Dog — Procol Harum.

Um conjunto de três personalidades que marcou de forma decisiva todo o processo sonoro do «Em Órbita» de 1969. Temas que reflectindo as origens diversas dos seus criadores, constituem exemplos acabados da melhor musica popular de sempre. Notável e perfeito ajustamento na forma de inserção das líricas nas linhas melódicas desenvolvidas, atributo que lhes confere uma das suas mais marcantes características. Crosby, Stills and Nash, são os responsáveis pelo melhor album de 1969.

Pior gravação do ano: ...

Para a escolha da pior gravação do ano de 1969, de entre um numero inquietante de produções perigosamente más (perigosamente pelo impacto fácil e imediato que obtêm junto de espíritos pouco esclarecidos) foi nossa preocupação apenas considerar aquelas que partindo de nomes com responsabilidades criadas e assentes em sólidos pilares de talento e seriedade, por esse mesmo facto se salientam e se revestem de maior gravidade.

A pior gravação do ano: «Ballad of John and Yoko»

E assim deparámos com uma que logo nos chocou pelo que representa de cabotinismo gratuito, de exploração malsã da enorme divulgação que o nome dos responsáveis necessáriamente facilita.

A pobreza confrangedora de uma melodia repetitiva no mau sentido, justapôs-se uma lírica em que a ironia saudável e a crítica esclarecida cedem o lugar a uma manifestação negativa de abdicação, de derrota e de desencanto.

Esta atitude de fria maquinação, ao assumir um carácter de pedantismo inconsequente da parte de personalidades cujo mais autêntico valor residia na capacidade de criarem musica e líricas acima de tudo belas e ricas de conteudo, levou-nos a resistir ao apelo aliciante que, para esta escolha, representavam para nós gravações como Dizzy de um Tommy Roe, Sugar Sugar de uns Archies ou ainda Daydream dos Wallace Collection.

Desses, nada nos surpreende porque nada deles se esperava.

Não é esse o caso dos Beatles.

Justifica-se assim a escolha de Ballad of John and Yoko como a pior gravação de 1969.

POP

A DOÇURA DA VIDA

Fui ao Diário de Lisboa e disseram-me para escrever uma redacção sobre a doçura da vida ora vejam como isto está antigamente eu escrevia sobre a minha vida e agora obrigam-me a escrever sobre a vida dos outros sim porque se há doçura na vida é com certeza na dos outros que na minha não há nenhuma qual doçura qual carapuça a unica coisa doce que eu apanho de borla são uns rebuçados que me dá um senhor vou-lhe comendo os rebuçados na pastilha para ele me dar mais coitado do velho deve ser muito triste perder uma pessoa de quem se gosta a mim nunca me aconteceu porque só perdi o meu Avô de quem eu não tinha de gostar porque não era meu Pai era Pai da minha Mãe e por isso ela é que sofreu de qualquer forma eu sou Guidinha não sou Lolita cada um tem o nome que tem e o resto é treta outra doçura que eu ás vezes também tenho á socapa é quando a D. Rita do rés-do-chão direito faz biscoitos e põe-nos a secar no vão da janela que dá para o pátio e eu passo e saco logo meia duzia mas isso era antigamente porque agora ela quase nunca faz biscoitos anda nas economias para o marido comprar uma gabardina que nunca mais pára de chover é que as coisas agora andam muito más mesmo muito más em minha casa também entraram nas tais economias este ano a minha Mãe não fez marmelada diz o meu Pai que temos obrigação de fazer sacrifícios para mantermos o escudo forte e para não haver uma coisa muito má chamada inflação que é haver muito dinheiro nos bolsos da gente e pouco ouro num banco que se chama Banco de Portugal quando ele diz estas coisas vê-se logo que não é muito esperto que se eu tivesse muito pilim no bolso havia de me ralar muito com a falta de ouro do Banco de Portugal é por estas e por outras que o meu Pai nunca tem pilim e que no fim do mês tem de pedir sempre á minha Mãe para lhe dar vinte escudos do dinheiro da casa também a verdade é que nunca leva mais de sete e quinhenos e vai com muita sorte que eu se não fossem estas redacções no fim do mês ia para o liceu a butes que nem dinheiro me dão para o autocarro a tal do escudo forte é que não se entende porque apesar da minha Mãe não ter feito marmelada andam para aí agora uns escudos castanhos muito mais fracos do que os antigos eu sei porque fiz um buraco no meio de um com um prego e consegui furá-lo com quatro marteladas os antigos levavam vinte e duas e era preciso saber dá-las isto de andarem a falar de escudos fortes e de mandarem as fábricas fazer destes escudos castanhos só mostra que a gente grande não é tão esperta como pensa se calhar é porque o tempo amolece e os miolos então não querem saber que hoje fui dar com a minha Avó sentada no penico a chorar e quando eu lhe perguntei porquê disse que estava com saudades do tempo em que tinha a minha idade é mesmo parva a ter saudades do tempo em que levava bumba no toutiço eu hoje se me quisesse sentar no penico não conseguia por causa das dores de manhã para fazer o que tinha a fazer tive de pôr o ravesseiro em cima da retrete e de me sentar sem tocar com o toutiço no tampão porque o meu Pai ontem foi-se a ele e deixou-o num estado desgraçado só porque veio cá o chefe da repartição em que ele trabalha buscar uns papéis e eu perguntei-lhe se ele estava melhor da ressaca eu é que levei bumba no toutiço mas quem tinha dito que ele estava com uma ressaca que nem abria os olhos tinha sido o meu Pai ao jantar para verem como a vida é doce basta dizer que eu de manhã tinha levado uma descasca da minha Mãe por me ter esquecido de perguntar á D. Rosa se ela estava melhor da gripe a minha vida é mesmo como a história do velho do rapaz e do burro aconteça o que acontecer fico sempre com o toutiço a arder isto até rima se não tomo cuidado ainda acabo a fazer versos mas digam lá se a minha avó não é mesmo parva a chorar com saudades do tempo em que tinha a minha idade a minha vida só tinha a tal doçura que me disseram no Diário de Lisboa se o meu Pai fosse maneta mas não é e se os senhores do Diário de Lisboa quiserem redacções sobre a doçura da vida que as escrevam eu não posso escrever mais nada porque tenho de ir pôr vaselina no toutiço.

GUIDINHA

A MÃO ENLUVADA

Nota de ALICE NICOLAU

Imagine, minha querida senhora de casaco animal e anéis faiscantes, que a sua delicada mãozinha era uma planície à beira da via férrea. Essa veia azul e bem tratada, no sopé da sua suave sinistra, pode funcionar, perfeitamente, como via férrea, e o fecho da pulseira, como comboio, na linha donde nascem os quatro canudos a que chama dedos, situa-se o bairro amoroso, como lhe chama, quando lhe impõe os seus olhares espelhados de bem viver. As casas arrumam-se todas, em perfeito alinhamento recto — exigências da urbanização — para descerem depois, meigamente, a encosta que do indicador leva ao polegar. E aí, mesmo à beira do polegar, morre o bairro — por uma questão de segurança, agora.

A pequenez iguala a graça. Na sua mão, senhora, o rectangularismo arquitectónico mais puro. Cada uma dessas «villas» — com equivalente em todas as capitais dignas desse nome — é um paralelipípedo «mignon» e vário. A originalidade é tanta que é raro uma casa aceitar material pré-fabricado todo igual. Os telhados, de composição mais homogénea, escolheram a simplicidade: telha solta, presa por calhaus e por uma ou outra roda de borracha (em homenagem à «roda da vida», deusa agora da sua mão). Cá fora, um espelho, para fazer a barba, e um tanque para toda a casta de barrelas. Aqui e ali, telhas de madeira, encostadas às vedações, anunciam a febre de construir.

Ai, senhora, nessa febre é que está o perigo. Por enquanto, dado o alinhamento e a pequenez do bairro, V. Ex.ª pode ainda disfarçar com uma luva — não diáfana — o que lhe vai na mão. (Bem sei que os anéis já não cabem, mas tem toda a pureza imaculada da destra para os exibir).

Porém, senhora, enquanto o perigo não aperta, aproveite da estadia dos que na sua mão escolheram domicílio. A moda é exigente, mas pouco imaginativa, e, por vezes, nem a «Vogue», nem o «Elle», nem a «Buda» nem o Chiado conseguem a fantasia que o acaso põe num pau de roupa a secar. Abra a sua mão e olhe: talvez desse caos, V. Ex.ª retire a ideia salvadora para a festa com que não contava. Os cabeleireiros, «madame», não conseguem, quase nunca, a criadora desarmonia de uma cabeleira desarrumada e suja. Contemple essas mulheres e dos desenhos casuais dos cabelos delas, retire o penteado com que há muito sonha. Por estranho que lhe pareça, o próprio amontoar do lixo pode, se observado com miúda atenção, em cuidado pormenor, dar uma ideia para um colar, um «pendentif»; questão está no material utilizado.

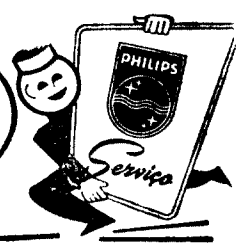
Entretanto, deixe-se de egoísmos excessivos e fabrique um pouco de maná para essa gente que vive na sua palma da mão: aproveite dos docinhos que comer as migalhas, e, em casa, lance-as em chuva benéfica sobre o bairro. Assim compensará com doçura os bens que dessa gente colheu.

Mas aceite um conselho amigo: se o bairro começar a invadir as linhas da sua mão, se a linha da vida, se a linha do amor, se a linha do destino estiverem ameaçadas, não se deite a perder: aperte a mão com força e reduza tudo, pessoas, casas e objectos a cacos estridentes. Antes que seja tarde.

Depois é só lavar a mão e restituí-la à sua função mais nobre, torná-la, de novo, em suma, uma digna montra de anéis.

SERVIÇOS TÉCNICOS
PHILIPS

REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS
LISBOA — 38 28 44 [illegible] 56 02 00
PORTO 8 50 68
FARO — [illegible] 9



MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA
ACESSÓRIOS DE ORIGEM

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

RÁDIO TRIUNFO, LDA., tem o prazer de registar que na classificação dos **melhores discos de 1969.** elaborada pela equipa do programa radiofónico **«EM ÓRBITA»,** transmitido pela rede de F. M. do Rádio Clube Português, alcançou, com as suas edições, os seguintes lugares:

SINGLES: **1.º — 2.º — 4.º — 5.º — 8.º e 9.º**
(6 nos 10 melhores!)
LP's: **1.º — 2.º e 4.º**
(3 nos 5 melhores!)

MAIS UMA PROVA DA ALTA QUALIDADE
DAS NOSSAS EDIÇÕES DISCOGRÁFICAS

RÁDIO TRIUNFO, LDA.
EST. MELODIA
LISBOA — PORTO

A DOLCE VITA AO SE[illegible]

Oiço constantemente dizer: se eu pudesse fazia isto, se eu pudesse fazia aquilo. Não acredito nas pessoas que seriam capazes de fazer alguma coisa, se pudessem. Fico-me naquelas que são capazes de a fazer já.

«A Mosca», por exemplo, vai entrar em muitas casas de repente — e entra mesmo sem convite, não há nada a fazer — para conversar com as donas dos mesmas. Bem, donas de casa, é como quem diz. Escusam de

ser esposas de construtores civis, ou de pertencerem ao J. Pimenta, para serem donas das vossas casas. Basta que paguem as rendas das mesmas prontamente e terão direito a uma mosca lá dentro.

É desagradável ter moscas dentro de casa é sim senhora, mas não pense em matar-me. Não sou das que morrem com «sheltox» e além de ser «A Mosca», sou uma mosca feminina, o que torna as coisas muito piores. Eu, quando quero, posso mesmo e já estou dentro da sua casa.

Minha senhora não resmungue mais. Quando optou pelo casamento como sendo a carreira mais capaz de lhe proporcionar uma «dolce-vita», sem trabalhar, deu mostras de ser uma mulher inteligente. Não podia ter escolhido melhor pois que casar e, ainda por cima com um homem rico, é ter o futuro garantido.

Mas continue a ser a mulher inteligente que deu provas de ser ao escolher a sua profissão e tire o máximo partido dela.

Deixe de estar azeda com a vida por ela não ser exactamente como a tinha imaginado e lance mão duma nova filosofia, capaz de lhe dar todas as delícias que a fizeram optar pelo matrimónio.

Tire da cabeça essa ideia louca do divórcio que já estava a vislumbrar no horizonte porque essa não é a solução.

Aceite um conselho desta mosca experiente, que não teve uma palavra amiga de ninguém, no momento preciso e por isso fartou-se de fazer disparates. Mas enfim, estou conformada. Na vida tudo se aprende à nossa custa e eu aprendi, com a experiência dos meus quatro casamentos, que devia ter ficado pelo primeiro.

De marido em marido fui aprendendo que os homens são todos iguais e que não me valeu a pena ter mudado de casa quatro vezes, passando duma mobilada no estilo Luís XV, muito ao gosto do primeiro, para vários estilos intermédios, até chegar a sem estilo definido em que vivo hoje, só porque a minha estupidez me fez perder o quarto D. Maria, que fazia as delícias do meu último marido. Farto das minhas incompreensões, esse também acabou por encontrar uma saída, emigrando. Não lhe guardo rancor, nem aos seus antecessores, mas o certo é que fiquei sòzinha na vida.

O que eu passei para compreender que não se pode combater aos homens! Se apanhasse um quinto marido... Mas não, já perdi as esperanças e até já não tenho paciência para fingir que não dou pelas mentiras que eles têm absoluta necessidade de nos dizer, lá por coisas que querem defender der por onde der. Faça você isso, você que está a debutar, este sistema dá um resultadão.

Não me importo de lhe revelar toda uma imensidade de técnicas que adoptaria se voltasse a casar. Peço-lhe que as utilize com peso e medida em cada momento de vida e garanto-lhe uma «dolce vita» quase Eterna, na paz de Deus Nosso Senhor, com o homem que Ele lhe deu e que por isso ninguém lhe tira.

Não pense que já está tudo perdido ou, que o seu casamento não tem solução. Se seguir os meus conselhos verá que tudo vai mudar.

Nas suas relações com o seu marido utilize, técnica. Não faça nada que não tenha sido pensado, nada que se afaste das regras que eu lhe vou indicar.

Não fique mal disposta logo de manhã só porque ele saíu a bater com a porta sem sequer tomar o pequeno-almoço, deixando-a perplexa. Não procure perceber. Descanse, que entenderá tudo quando ele lhe telefonar daqui a bocado para lhe dizer que não pode ir almoçar. Percebeu agora? O bater da porta foi à procura da força que ele não encontrou em si próprio logo de manhã, para lhe dizer o que vai dizer daqui a bocado.

Em vez de lhe fazer as queixas do costume, hoje diga-lhe que isso não tem importância e até calha bem porque combinou encontrar-se com uma amiga para almoçarem num restaurante.

Repare que ele perguntará de seguida a que restaurante vão.

Ria-se para dentro e encontre uma frase mais ou menos como esta: — «Ainda não sei pois ficámos de nos encontrar, para decidirmos».

Com esta resposta garanto-lhe que ele vai telefonar daqui a bocado para lhe dizer que desistiu de almoçar fora, e que o tal almoço de negócios foi por água abaixo.

Você comentará num tom de voz suficientemente audível através do fio. (Convém não manifestar grande alegria):

«— Que engraçado! A amiga com quem eu ia almoçar partiu uma perna quando ia a subir para o eléctrico e por isso também almoço em casa.»

Não me pergunte por que tem que fazer assim. Veja os resultados.

O seu marido almoçou hoje em casa, mas não conte com ele para jantar. Nem todos os dias são dias de festa e para começar, hoje já teve uma vitória. Com a minha técnica que será a sua, no fnturo, você chegará a comer todas as refeições com ele. Tem é que ter paciência e calma e não se deixar nunca vencer pela emoção, que é a sua pior inimiga. Se você se zangar ele tem à mão a porta da rua e você ficará a ferver, reduzida à sua impotência, acumulando ódios que não a levam a nada. Ponha a sua cabecinha a trabalhar e a sua «dolce vita» está garantida.

Repare em si quando se levanta da cama e tenha a coragem de se achar horrorosa. Arranque da cabeça, de repente, esses rolos de arame presos por palitos e dispa essa maldita camisa de dormir às florzinhas verdes, mal tapada por esse desesperado robe amarelo. Nunca mais se apresente assim ao pé dele. Não é que ele não saiba que você usa esses objectos, mas disfarce.

Use o robe horroroso se lhe dá prazer, deixe estar os cabelos presos por palitos, mesmo a contragosto, besunte a cara com creme, enfim, tudo o que quiser, mas só na ausência dele. Ponha-se bonita quando o seu marido estiver para chegar a casa. Seja então muito feminina, sorria feliz e dê mesmo a sua gargalhada quando ouvir a chave dele na fechadura, mas mantenha-se de pé firme, dentro de toda a sua graça feminina, olhando-o sempre de alto da sua superioridade. Os homens nunca gostaram de ver mulheres por terra. Querem encontrar nelas um mundo repleto de ternura, querem senti-las suas, muito queridas, muito tudo, mas está perdida a mulher que lhes meta todos os trunfos na mão.

É preciso deixar sempre no ar qualquer coisa que eles não entendam. Essa qualquer coisa pode até não ser nada, se você não tem imaginação e se isso não for do seu carácter. Mas deixe-o pensar que há qualquer coisa. Faça teatro.

Esteja ao pé dele sempre bem maquilhada, bem penteada, pois para além da porta o seu marido vai encontrar mil mulheres que têm a seu favor o não viverem com ele (que é o que liquida tudo) e principalmente nunca lhe impuseram o mau hábito matinal. São desvantagens, é verdade, cá estou eu para lhe ajudar a dar um jeito nisso. Não se desmaquilhe nem desmanche a sua mise de noite. Para a conservar arranje uma tábua e durma com a cabeça em cima dela. Garanto-lhe que acordará no dia seguinte com o penteado impecável.

Contra o mau hálito use... técnica. Ofereça-lhe, no dia dos anos, um frasco com um líquido verde que tenha o seguinte rótulo: «Contra o contágio do mau hálito». Ele perceberá logo, que o mau hálito é dele e não seu.

Aprenda a preencher a sua vida de modo a não se sentir dependente dele. Ganhe confiança em si e passe a considerá-lo mais como um acessório, do que como fazendo parte integral da sua vida. Tire todo o partido dele quando o tiver à mão e quando não o tiver, continue ainda a tirar.

Repare que biològicamente o seu marido é diferente de si e não se choque com a vossa disparidade de interesses. Você nunca mais se sentirá diminuída se considerar que as tendências dele são puras manifestações animalescas de que você está longe e, contra um macaco não vá você querer lutar! Para se rir, até de si aproveite uma destas noites e leia «O macaco nu», de Desmond Morris Perceba que tudo o que o Morris diz é com o seu marido e não lhe diz respeito a si. Sinta a sua superioridade e seja compreensiva e terna. O seu marido precisa de amor, não lhe faça guerra. Diga-lhe a tudo que sim, convença-o de que concorda com as suas ideias e de que não se dá conta das suas fraquezas. Depois faça tudo, como lhe parecer melhor, porque ele não dará por isso. É você quem tem sempre razão, portanto o seu papel tem de ser bastante benevolente.

Não bata num homem caído se fizer o que eu lhe digo, você vencerá e surgirá então o perigo de se sentir muito independente e superior a ele. Comece a reparar melhor e a dar-se conta de que o seu marido já não é aquele homem bonito e cheio de interesse com quem você casou. Então ajude-o a rejuvenescer. É a sua obrigação!

Faça-lhe uma mise. Com todo o amor de que você é capaz, enrola-lhe o cabelo nos rolos, prenda-os com palitos e ponha-os a secar.

Garanto-lhe que assim você terá acertado numa «dolce vita».

Adeus, até ao meu regresso!

MARIA MARIONETTE

Conhecem a Pi?

Flash de PEDRO ALVIM

Pi é menina de mini-saia. E fica-lhe bem. Se fica! De mini-saia e meias lavradas. Lê romance francês, come ao balcão do «snack» e vai à segunda «matinée». Compreende tudo, tudinho, até porque aqueles com quem lida

tudo compreendem. Tudo — e mais alguma coisa. E é precisamente essa alguma coisa a mais que lhe dá o direito de olhar o mundo de cigarro entre os dedos e óculos de traça intelectual.

— Pi!

— Olá!

— Que lindo xadrês!

E ela fica-se nas pernas altas a oscilar a malinha de mão entusiasmada com o elogio, a tentar o equilíbrio na borda do passeio. Sente-se uma flor na cidade, nas artérias elegantes, nos autocarros de dois pisos.

— Ah! se as ruas tivessem espelhos em vez de pedras! — suspira um poeta complicado à porta da Brasileira, os olhos na mini-saia, nos joelhos sem rugas, na perna revestida de flores brancas.

Pi ouve, p'cebe a intenção, mas não se atrapalha. Atravessa para o passeio oposto, entra na Bertrand, já sabe o que vai comprar: o Astérix. Está na moda, na roda já todos o leram, ainda o andam a ler — tem montes de absolutamente!

— Pi!

— Pó!

Duas amigas queridas: Pó e Pi. Um encontro inesperado. «Ai, ai!» Isto e mais aquilo, mais aquilo e isto, pois claro, pois, pessoas atrasadas, não compreendem nada, tudo é mudança, zangas é que não. Quanto a ciúme...

— Ó filha!

— Filh'ó!

E Pi e Pó dão-se um beijo e vão-se embora. Seguem o mesmo caminho por caminhos diferentes — mas fingem que não é assim, e ninguém, «absolutamente ninguém», tem nada com isso...

Astérix debaixo do braço, malinha de mão a tiracolo, pernas altas, Pi vai tomar uma «bica». Vai tomar uma «bica» para ficar nervosa. Todos na roda falam de **angústia** — e ela entende que angústia é ter a palavra precipitada, as mãos ligeiramente trémulas, um certo mal-estar na espinha. Bebe, pois, café para ter personalidade. E o Necas, verdade seja dita, aprecia-a assim. É um tipo de bigodes muito calmos, empregado numa editora, que a estima como a um tremoço para uma cerveja que mais tarde há-de beber...

— O meu Necas — maravilha-se Pi — trata-me com um carinho! E é tão enigmático! Que nomes esquisitos não me dá! Ùltimamente — ai, ùltimamente! —, ùltimamente chama-me...

Pi pensa um pouco, nunca entendeu nada de números, hesita duas piscadelas, «mas é isso mesmo», e diz para a malta toda:

— Ùltimamente chama-me...

— O quê?

— 3,14!

VENDE-SE TERRENO

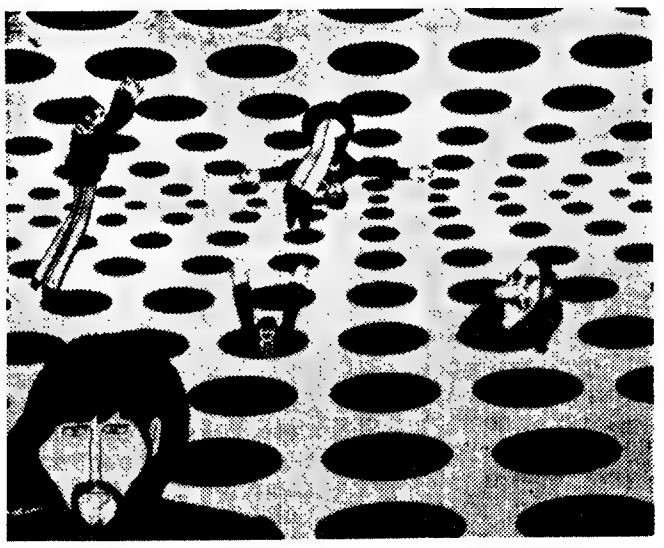
PARA HOTEL RESIDENCIAL

No melhor local do Estoril, com 154 quartos, com projecto e caderno de encargos aprovados e pronto a iniciar construção. Resposta a este jornal ao n.º 410 ou ao telefone n.º 40922.

SE EU TIVESSE UM SUBMARINO AMARELO

Once upon a time...

Era uma vez uma terra chamada Pepperland. Terra da promissão ou não, a verdade é que em Pepperland as pessoas eram felizes. O sol, a música, a alegria, o amor: eis os valores que se preservaram incólumes. O paraíso perdido, dirão os tradicionalistas; uma terra que não existe, afirmarão os péssimistas. Um ideário a cumprir, asseveram os Beatles no seu último filme, um desenho animado de longa metragem. *Yellow Submarine*.



Pepperland atinge-se. Não sem luta, não sem esforço. Pepperland é obra de gente de boa vontade. Pepperland, enquanto obra de vontade, é igualmente terra assediada por cataclismos humanos. Assim foi que, um dia, as forças hostis do mal se lançaram contra as costas desprotegidas de Pepperland. E Pepperland foi invadida por monstros enraivecidos que vão petrificando em azul todos os habitantes de tão afrondosa felicidade. *The Blue Meanies are Coming!* Inimigos do amor e da música, derrotam a fraca oposição encontrada e aprestam-se a ditar as leis da monotonia: o *slogan* será «um mundo sem música é um mundo azul». O azul é proclamado cor universal. Pepperland: sinfonia em azul do tempo parado.

Mas, antes de sucumbir perante os invasores, o presidente da câmara de Pepperland envia o ajudante, Fred, em busca de auxílio. Ele partirá num submarino amarelo. Liverpool é a meta. Paul MacCartney, John Lennon, Ringo Star e George Harrison o objectivo. Os Beatles: uma lição de grupo, de amizade. Uma proposta de amor. A sua música irá libertar Pepperland, animar as estátuas cinzentas de um quotidiano desabitado.

De *Yellow Submarine* que se estreou recentemente em França com invulgar sucesso, transcrevemos seguidamente algumas considerações de Robert Benayoum:

Desde início que começamos a esperar de cada novo segundo do filme uma abertura total para o sonho mais delirante. Liverpool e um amontoado de ruínas fotográficas onde os corações solitários, segundo o ar dilacerante de Eleanor Rigby, meditam a sua desgraça. Mas, no centro deste trágico no man's Pand *do abandono e do suicídio, os Beatles habitam corredores truncados onde o insólito reina: museu do* comic-strip *onde se entroniza o Fantasma de Bengela e Mandrake; janelas armadilhas por onde passa King Kong de cabeça inquietante; laboratório de sábios loucos onde o monstro de Frankenstein se transforma no próprio John Lennon; salas de consumo onde os* hamburgers *de Claes Oldenbourg, as garrafas de coca-cola e as salsichas gigantes são outros tantos stands de feira visitados por Toulouse Lautrec. George levanta-se do fundo do seu apartamento como um vento alíseo transportando todas as Índias na sua barba lincolniana («Que dia é hoje?») pergunta* Fred. «Hoje é *sitardy*», *responde-lhe, num trocadilho típico de Lennon). Mágicos benéficos, cujos automóveis se transformam como as abóboras dos contos de fadas, os Beatles aceitam subir para o submarino amarelo de Fred e logo se inicia o périplo.*

O elegante e improvável engenho, minusculo do exterior, mas imenso no interior, como um sonho de glória de Nemo, penetra num oceano de monstros flácidos dalinianos ou de cubos azuis de Magritte. É o mar da Musica, o mar dos Produtos Domésticos, o mar do Tempo. Os Beatles viajam em aneis temporais, diminuem como bebés ou então envelhecem sem nunca mais acabar, desenvolvendo-se em quatro comprimentos individuais de barba, antes de reencontrar, na sua passagem, vários submarinos amarelos, onde eles se vêem a si próprios em mundos paralelos recomeçando o filme.

Numa determinada altura é a fauna que prevalece com uma liberalidade fantástica. O Mar dos Monstros esconde criaturas fabulosas saídas directamente de Hieronymus Bosch, do Doctor Seuss ou de Jean de Mandeville: um polvo de nuvens coloridas, um monstro cheio de chá, um irredutível atirador de línguas, duas criaturas punching-ball, *botas esmagadoras, o cacarejar de um* cocktail party *um ice-*cream *corredor e sobretudo, um monstruoso aspirador que aspira tudo á sua passagem, incluindo o submarino amarelo, a paisagem, e, melhor ainda, a si próprio, reduzindo o* ecran *ao vazio bressoniano. No fundo deste oceano sem idade, reconhece-se subitamente o vale dos Monumentos aos nossos* westerns *e quando os Monstros corredores índios raptam Ringo a cavalaria do coronel Custer galopa em seu auxílio. Nunca estivemos tão longe de Snark, de Boojum ou de Pooble sem dedos de pés tão caros a Carrol e Lear. Em testemunho, o Homem de Nenhum Sítio,* o Nowhere Man, *pequeno homenzinho encrespado e clownesco, espécie de Pogo omnisciente que representa um pouco a cultura enciclopedica: físico, botânico, pianista, dentista, ele sabe tudo, tudo quer saber («Há tantas coisas para conhecer, diz ele, e tão pouco tempo»). Este* Nowhere Man *chamado Jeremy («Não é um pouco como todos nós?», pergunta uma canção) será dai em diante, o seu cumplice mais fiel, e um dos grandes heróis da aventura. Ele repara o submarino amarelo, ao mesmo tempo que escreve sábios tratados com os pés («footnotes», explica).*

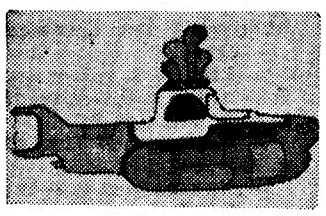
A viagem continua, ao longo da Terra dos Cérebros, onde vão encontrar Einstein, Freud e Shakespeare, depois sobre o Mar Verde e o Oceano dos Buracos, espécie de gruyère *musical cujo estranho labirinto os leva enfim até Pepperland. Este mundo de belas damas 1900, de oficiais de bigodes e de* hippies *está envolvido no cinzento da mais definitiva estatuária. Aprendemos então a conhecer o inimigo. Os* Blue Meanies *são Mickey Mouse diabólicos de mãos em forma de garra e com as pernas rodeadas de polainas, cujo rei, um histérico Schikelgruber, sofre de periódicos ataques de raiva. Está rodeado por um sinistro personagem, de nome Max e por tropas tenebrosas: os Esmagadores de Borboletas armados de sapatos gigantescos, os lançadores de Maçãs e os Turcos cagarolas, sem falar de uma criatura terrível, a Luva Voadora, uma mão dentada que aponta para as pessoas um index petrificante. Todos projectam o Azul e reinam sobre Pepperland, transformado num deserto de recordações gélicas. Os Beatles chegam a um quiosque abandonado, reencontram os uniformes e os instrumentos de musica da velha orquestra do famoso sargento Pepper, e declaram uma contra-ofensiva fulminante.*

Aqui o combate transforma-se, á letra, no da

OH!

Palavra e da Imagem. Com efeito, as palavras das canções que os Beatles lançam, «All you Need is Love», materializam-se no écran, invadindo a paisagem, oferecendo aos habitantes de Pepperland novos bastiões para a sua resistência. A Luva Voadora bem poderá escoucinhar, o chefe Meanie multiplicar-se, porque a força ficará do lado das palavras gigantes, que florescem e se instalam no écran: AMOR, MÚSICA, ALEGRIA ou, mais prosaicamente O. K. Uma ultima canção, e os Beatles que até aqui haviam aparecido unicamente sobre a forma de desenho animado, aparecem-nos em carne e osso para nos pedirem para cantarmos com eles: «Todos juntos agora!» Convidam-nos a consolidar pelo amor a derrota inevitável dos imprudentes Meanies que ousarem aventurar-se na sala onde nos encontramos, como o Tingler no final de um filme homónimo de William Castle.

Visualmente e vocalmente Yellow Submarine *é um enorme calambuco. Para combater um gigante (GLOVE), convoca-se a palavra amor (LOVE). Reencontrando uma escola de Baleias (school of Whales), os Beatles perguntam se elas vêm da universidade de Galles (Universite of Wales). «Um ciclope», grita Ringo. «Nada disso tem dois olhos!» «Então é talvez um Biciclope», sugere George. Tudo o resto mantem o mesmo tom, como essa canção do* submarino amarelo *que, originàriamente, era uma mensagem de sentido duplo, dirigida aos consumidores de pilulas interditas, e que se transforma numa mensagem de sentido ainda mais global, inscrita sobre a própria matéria do filme, uma espécie de odisseia espacial numero dois, onde o tempo desta vez é melralhado por uma prática de optimismo, onde a cultura se torna uma aliada do prazer e do destrambelhamento.»*



Considerado pela crítica de quase todo o mundo como um dos melhores (senão mesmo o melhor) desenhos animados da história do cinema *Yellow Submarine* teve uma génese complexa. Tudo principiou, primeiramente, por uma dos destinados á televisão e baseados num determinado numero de canções dos Beatles, entre as quais a célebre *All you Need is Love*, que tinha musica e letra de John Lennon e Paul McCarthey.

Em vista do êxito desta série mediocre o produtor Al Brodax pretendeu conceber uma longa metragem com o mesmo espírito e, para tanto, contratou artistas como Fred Wolf (autor de um famoso desenho: *A Caixa*) e Robert Balser. Encarregou-os de redesenhar os quatro populares cantores de Liverpool, inspirando-se para tanto unicamente nas suas vozes gravadas. Quem ficou a orientar o empreendimento, porém, foi o notável George Dunning (de quem os portugueses conhecem duas obras-primas de inspiração exemplar, exibidas no I Festival de Animação de Lisboa: *The Wardrove* e *The Flying Man*). Dunning, todavia, não contente ainda com a qualidade do trabalho dos seus coadjuvadores directos, resolveu chamar para a equipa de *Yellow Submarine* um cartoonista prestigioso que até essa altura se mantivera afastado do mundo da animação cinematográfica.

Foi assim que surgiu no genérico de *O Submarino Amarelo* o nome de Reinz Edelmann, alemão de 35 anos, natural de Dusseldorf, colaborador regular da revista *Twen*, e que teve sobre a publicidade contemporanea uma considerável influência, fazendo convergir em si elementos vindos da Pop arte e do psicadelismo. De novo Robert Benayoun, fazendo agora o elogio deste «homem-milagre»: *«As suas ilustrações, os seus cartazes, a sua utilização do espaço e da tipografia repercutiram-se em Inglaterra no trabalho de Alan Andridge e nos Estados Unidos no de Milton Glaser e no famoso* Push Pin Studio. *Pode dizer-se que todo o grafismo que impregna actualmente a geração pop, este sentido do milagre caleidoscópico, das perspectivas loucas e da simetria barroca, vem de Heinz Edelmann.»*

Ligado ao projecto, depois de ter apresentado quatro desenhos considerados sublimes, Heinz Edelmann constituiu uma equipa formada por 40 animadores e 140 técnicos que trabalharam cerca de 500 000 desenhos que representam a mais perfeita e completa conjugação das formas e das cores, a que por seu turno se iria aliar a música dos «Beatles» (e do maestro George Martin no restante fundo musical) para lograr-se assim a concepção do mais espantoso testemunho de alegria materializada em audácias visuais e riqueza plástica e sonora.

Com uma mensagem aparentemente simples de fraternidade e amor, os Beatles prosseguem a sua carreira, justificando novamente os maiores elogios. Enquanto a sua musica vai permanecendo indestrutível, ganhando progressivamente novas e inusitadas repercursões, numa depuração de elementos que nunca enfraquecem o seu significado nem a sua contemporaneidade, enquanto isso, os Beatles prosseguem um caminho de intransigente procura estética por vias diferentes que os têm levado ao cinema e ao teatro. Verdadeira instituição publica, os Beatles refletem certamente um universo tumultuoso, mas carregado de promessas de generosa participação humana, de fraternal convivência e admirável adesão a algumas palavras-chaves. Palavras-chaves que eles não mantêm unicamente no plano das camente no plano das opções teóricas, mas no das realidades assumidas com plena convicção. Desta entrega total a um ideário cumprido quotidianamente fazem os Beatles a sua grandeza. Grandeza que é mantida igualmente num nível de intransigência estética e musical.

LAURO ANTÓNIO

NOTAS: As citações de Robert Benayoun são transcritas, com a devida vénia, da excelente revista de cinema francesa Positif, **n.º** 103, página 26/32

— Yellow Submarine, **cuja cópia cinematográfica já se encontra em Portugal, pertencendo á lista de** Rank Filmes, **e contando ser estreada na próxima temporada no cinema S. Jorge, possui uma banda sonora gravada num** long play **de 33 rotações da marca** Odéon. **Nesse disco podem-se ouvir seis canções dos «Beatles»** (Yellow Submarine, Only a Northern Song, All Togetter, Key Buldog, Itis all too Much e All You Need is Love), **bem assim como todos os restantes trechos do fundo musical da película, e que são da autoria de George Martin** (Pepperland, Sea of Time, Sea of Holes, Sea of Monstrees, March of the Meanies, Pepperland laid Waste e Yellow Submarine is Pepperland).

— **Em edições da New American Library (E. U. A., 1968) e da Ed. Julliard (Paris, 1968), encontram-se igualmente á venda as novelizações de** Yellow Submarine **(da autoria de Max Wilk), sendo ambas as obras profundamente ilustradas com desenhos extraídos do mesmo filme.**

OS SAPATOS DE MILLY ALCOFORADO

ONTEM, no *foyer* do Santo Ildefonso. Muita gente. Quase não se podia dar passo. Os sapatos, um tanto *démodés*, da Milly Alcoforado sentiram-se demasiado à vontade. E o salto fino demais para o que se usa, rompeu-me a meia direita. Umas «Berkshire». Caríssimas. Elegantíssimas. *Dégoûtant!* Arriscamo-nos, assim, à ruína nestas reuniões PMIs (1), porque as Alcoforados não sabem o que se usa. Pretexto dessa reunião *snob*, chique: uma venda de caridade. Objectos raros. A utilidade que se redescobre. A riqueza da nossa antiga dona de casa: uma caixa pintada para guardar o ferro de carvão. Luxo só acessível a quem tenha criadagem. Um pequeno *bijou* para guardar rapé. Bom para quem faça espiritismo. Uma faquinha de aparar penas de pato. Lembra-me um certo escritor. Não digo o nome: assim muitos se poderão sentir atingidos.

Vendeu-se pouco. A caridade não vai sendo precisa, dizia-se no *foyer* — supremo horror: houve quem afirmasse isso, deitando uma chusma de gafanhotos e de pequenos miolinhos de pão. Também não digo nomes. Foram muitos. E alguns, de bem soantes. Mas não será precisa a caridade? Parece-me antes que o dinheiro é que não vai sobejando...

OS PMIs que estiveram à noite no Santo Ildefonso já se tinham encontrado todos (e a mim também) à tarde na *avant-première* do Elíseo. Muitos não tiveram tempo, coitados!, de mudar de fato. A Cittó, a Bittó, a Fittó e a Gittó apareceram todas de igual. Pareciam gémeas. Estavam «verdós» de raiva Um gozo! Fugiram, antes do fim: a Bittó e a Fittó, de autocarro. A Cittó arranjou boleia: deu-lha o Necas Pamplones (que casaco o do Necas!) e a Gittó que mora perto, foi a pé. Claro: já não apareceram no Santo Ildefonso.

FALANDO de coisas mais sérias: o escritor francês Jean-Jacques (não Rousseau, que esse até era suíço) Roseau veio proferir uma conferência. Salão: o dos Menezes, muito dados ao galicismo. Convidados: os mesmos PMIs do Santo Ildefonso e do Elíseo. Data: anteontem de manhã. De manhã, porque Roseau tinha avião às 20 e não podia perdê-lo. Os PMIs tinham o Elíseo à tarde. E não podiam perder o Roseau. De manhã ninguém está receptivo. E a língua francesa prefere a

TERRENO EM SESIMBRA

NO MELHOR LOCAL DA VILA COM FRENTE PARA A PRAIA E EM CONDIÇÕES DE INICIAR CONSTRUÇÃO DE HOTEL, BLOCOS DE APARTAMENTOS E MORADIAS. VENDE-SE NAS MELHORES CONDIÇÕES E COM FACILIDADES DE PAGAMENTO.

Resposta a este jornal ao n.º 406 ou ao Telefone 40922

mornidão da tarde, o sortilégio da noite à proletária condição da manhã. Tema da conferência: A paisagem em George Sand.

O Liquinhas Manzanés, quando ouviu falar em George Sand explicou a origem da palavra sanduíche. Um rapaz tão culto, tão filólogo! E foi esse o único proveito da conferência. Porque Roseau falou, falou, bebeu água, bebeu água, mas não passou do idioma francês. Uma peninha! A assistência estava tão interessada na paisagem!

Uma pequena nota humorística: o Menezes quando apresentou Roseau, fê-lo em português (claro!) o que é um alívio. Só por isso a conferência não morreu no ovo, com um escândalo que daria brado. É que o Menezes falou da grácil figura de Heloísa. Da psicanalítica personalidade da Hamn. E até dos filhos atinados à «roda da fortuna» (ih! ih! ih!). E até (o cúmulo!) da intolerância do mundo que obriga um rapaz a converter-se ao catolicismo!

Fui a última a sair. Tinha que castigar o Menezes. Corou, titubeou e, por fim, depois de um «whisky» simples, confessou: não atentara na grafia do apelido! A culpa era do Prático Ilustrado.

LÁ volto aos PMIs. Deixem-me agora contar o meu encontro desta tarde com os intelectuais. Gosto muito dos intelectuais. Sou mais deles que dos PMIs. A estes aturo-os por dever de ofício, àqueles por consanguinidade. Era um pré-recital (poesia e música, mas não sonho: realidade, bem dura, por sinal) A sala era a do Atlas. Devo dizer que não é uma sala gigantesca. Mas carrega nos seus ombros o peso da lusitana inteligência. Isso sim. Estreava-se uma peça sinfónica com poesia, a meio. O que é novo e bem português. Porque a poesia era declamada. Começava com a 5.ª de Beethoven. Mas só o V. Depois o silêncio. (Eu ia de gabardina e cada vez que me mexia quebrava a música. Um fiasco! A propósito, estava tudo de coelho disfarçado em bicho mais rico. É a degradação dos intelectuais! E eu que comprei a gabardina para estas ocasiões!) Então apareceu o grande actor (um pouco trôpego já) Valdez. Vinha de capa. Parecia o homem da Sandeman.

E entra a garota prodígio, essa insuportável Luisinha, que tem 12 anos há uns 10... E recita três versos selectos do Camões. «As armas...» (como era de esperar), depois «E vós, tágides minhas...» para acabar em «Mudam-se os tempos». Seguiu-se muito tempo de música. Um *pot pourri* do nosso folclore, mas com instrumentos nobres e orquestração ajaezada. Quando eu julgava que a poesia já tinha andado, voltou o Valdez. De olhos encovados. As pernas a tremer. Recitou (durante um século!) o mar salgado e as lágrimas. Mais música. E o fim amargo. Acabou tudo outra vez no V de Beethoven.

Veio depois o escorbútico. O Guimarães. (Chamam-lhe também a sala de partos. Disse que a arte tem uma função de combate. Que o combate é que se tem de escolher. Eu estava radiante. Quanta cultura! Quanta arte! Quanto patriotismo! Que lindos meninos! Era pena que em casa não tivessem quem lhes tirasse as nódoas da lapela do casaco. Um nojo! Pior que ratos E a caspa, senhores? Ai a caspa!

GUARDO para o fim a minha vedeta. O meu caso-estrela. Outra vez os PMIs. Vocês lembram-se ainda dos sapatos da Milly Alcoforado? Ah! Vale a pena viver para assistir a coisas destas. Adoeci de riso. Foi um assombro. O pior foi o meu estômago. Positivamente parti-o a rir. E agora até o colar outra vez!

Foi assim: ali ao cais está um iate. De um inglês sòzinho. Barba loura. Cachimbo. Muito fumo. Fica emoldurado no fumo. Belo. Parece um deus grego. O Menezes diz que lhe lembra Jeová (ih! ih! ih!). Pôs os nossos PMIs numa panela e escumou-os. Depois convidou a nata assim obtida. Para um *cocktail*. (O Necas Pamplones, que já foi a Londres uma vez, andou eufórico. Gritava que ia a um rabo de galo. Tinha graça. E sai. O que falta ao Pamplones. Pobre dele!) O iate é um luxo. Muito moderno. Todo plasticizado. Os móveis são transparentes. Circulares. O chão, branco e preto. De material ultra. Moderno e (*hélas!*) sensível!

À saída, vi com assombro que havia uma passadeira. À entrada não a tinha visto. Era estreitíssima, mas assente no chão com uns pregos redondos invisíveis. Um tanto irregular, porém. Para lá direita. Para cá aos ziguezagues. Assentei a novidade nos apontamentos. Tinha *charme*. Pensei logo no corredor da quinta dos meus avós.

O *cocktail* não acabou muito bem. Veio quase tudo aos baldões e eram muitos os que vinham descalços. Descalços no iate. Mas todos nos sumimos nas boleias e nas prestações. A cidade não deu por nada.

Ao outro dia recebemos novo convite para o iate. Desta vez, só para as senhoras. Suprema gentileza do belo anfitrião. Garridas e coquetes, lá fomos. À entrada duas papuas indicaram-nos os pés. Era preciso que fôssemos *sem sapatos*. A Gittó (ainda não se tinha dado o caso Elíseo) conservava toda a sua garrulice. Rapariga *piqué de culture*. Lê os jornais. Disse: «Parece que vamos entrar numa sinagoga.» (A memória é que há-de atraiçoá-la, pobre querida! Está assim desde a guerra dos seis dias). Entrámos de pé descalço. A nata feminil lusitana sem sapatos em território aliado! Ao fundo o Príncipe esperava a Cinderella. E a Milly Alcoforado confessou-me, em jeito de a propósito: quero uma aliança de 4 centímetros de largura. (Já as deseja desde o tempo em que eram fininhas e se abriam!) Ao lado do Príncipe, uma fila de sapatos. Femininos sem par. Em péssimo luso-inglês, disse:

— Escolherr yours!

Escolheram. Eu não. Não faço economias dessas. A Milly adiantou-se então. Sorriu ao inglês, que estava selvático e camancudo. E foi buscar o malfadado. Esse tal que me rasgou a «Berkshire». Aí, foi o escândalo. O inglês solta um urro viking. Agarra-a pelo braço:

— Yours? You? Out! Get out!

Um príncipe não pede a Cinderella a gritar! E a Milly, lavada em lágrimas. Triste como o nome. De sapato debaixo do braço. Fugiu. Escorregou. Caiu. Desapreceu. Percebi então: aquela passadeira tinha sido feita pelos sapatos de infortúnio. Os sapatos *démodés* da Milly, que ameaçam não ficar por aqui. Eu já lhe disse: aqueles sapatos hão-de ficar na história. Ao lado de Nero. Ao lado de Calígula. Ao lado dos Bórgias. Ao lado de... mim.

(1) Pessoas muito importantes.

PÊRA MAGOA

VENDEM-SE

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

(JUNTO DAS PRAIAS E ESTAÇÃO DE C. DE FERRO)

Óptimos acabamentos
e grandes facilidades de pagamento.
Com extraordinária vista de mar.

PROP. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C

Telefs.: 282345 - 282388 **CASCAIS**

Tuca é grande, enorme, jovem...

TUCA, TUCA

Canta e compõe. É brasileira. Artisticamente chama-se Tuca. Porque, de verdade, seu nome é Valenisa.

Há meses, apresentou-se em Madrid com grande êxito.

Aí a vimos e ouvimos. Entretanto, tem continuado pela Europa, mormente em Paris, onde canta no «Feijoada», restaurante de jeito brasileiro.

Agora, muito em breve, poderá estar entre nós. No Carnaval? Muito naturalmente, até porque Carnaval, Carnaval «no duro», só brasileiro.

Tuca sorri. Tuca ri. Tuca deixa que a sua sensibilidade se espanda no seu sorriso. Tuca não pode, nem quer, evitar que a graça, a alegria de viver salte da canção e penetre na sua vida, à margem de pentagramas e melancolias, com saudades à mistura.

Tuca é grande, enorme, jovem.

— *Por que é que não emagrece?* — perguntam-lhe tantas pessoas (Tuca pesa quase 100 quilos).

— *Emagrecer? Para quê? Não me importo de ser gorda. Sinto-me bem, tal como sou. Há mulheres gordas, magras e assim-assim, como há morenas e loiras. Quanto a mim, sinto-me bem, tal como sou.*

— *Qual a razão deste aparecimento em Madrid?*

— *Vim para trabalhar. Mas, sobremaneira, porque a Espanha me intrigava. É um país maravilhoso e qualquer pessoa se apaixona por ele.*

TUCA EM PORTUGAL

— *E Portugal?*

— *Oh, Portugal!... Deixa isso mais pra lá... Portugal é diferente, entende?! É meu querer bem do peito, bem de dentro. Para visitar com amor. Sim. Irei lá! Quer vá trabalhar ou não. Tenho de ir ver essa gente. Se for para trabalhar, também, tanto melhor. Mas não deixarei de ir a Portugal, não. Qualquer dia lá estou.*

E estará mesmo, actuando no Casino Estoril, como grande atracção do seu aCrnaval deste ano...

Tuca canta. Canta, principalmente, samba, «bossa nova», samba tradicional Pega na viola e canta:

«Sou peregrina da poesia,
Triste donzela da flor na [mão.
Oh, cavaleiro das mãos tão [frias
planta uma flor no meu [coração...»

(Assim canta ela «Cavaleiro», uma das suas melhores canções, um dos seus êxitos).

Tuca recorda a influência dos cânticos gregorianos existente nesta música. Dos cânticos levados pelos Jesuítas até ao Brasil.

Deste estilo de balada surgiram, com modificações, necessàriamente, ritmos modernos

TUCA E VALENISA

Tuca é Valenisa. Valenisa é Tuca. Como vai Valenisa?

— *Vai bem. Está bem. Tuca trabalha e Valenisa fica a ver Tuca.*

E Tuca é grande figura da canção brasileira, da música do Brasil. Grande, alentada, de voz fina, sorriso largo, gesto aberto a vitalidade forte e algo de nostalgias secretas.

— *A minha vida privada é assim como uma balada alegre, com alguns compassos tristes. É só.*

— *Qual a grande diferença existente entre Tuca e Valenisa?*

— *Valenisa é mais clara. Com um carácter mais simples, até um pouco infantil, talvez. Tuca é artista, artista com uma luz especial. Um foco de luz especial, de cor adaptável às circunstâncias.*

AINDA NÃO É TEMPO DE AMAR

Valenisa é uma mulher muito jovem.

Que há quanto a amor?

— *Pouco, muito pouco. O amor não chega quando se deseja ou, pior ainda, não é desejado quando chega. O amor é complicado, belo, necessário, mas Valenisa não tem tido grande sorte com ele. No amor é preciso haver o homem certo, o homem que surge na hora certa, entende?!*

— *O homem ideal, Valenisa?*

— *É mesmo. No amor tudo tem que ser ideal ou então não lhe chamemos amor. Me explico bem? O tempo da vida e do amor é muito diferente daquele que marcamos, que fixamos nós próprios com o relógio. A vida e o coração têm um tempo, os relógios têm outro. E quase nunca coincidem...*

CANTAR E COMPOR

— *O que é que mais agrada a Tuca: cantar ou compor?*

— *Não sei... Sou uma intérprete que canta... E compor entusiasma-me.*

— *Valenisa tem mêdo? De quê?*

— *Ah!, de algo que nos assusta a todos. Da incompreensão. Se não somos compreendidos não podemos ser felizes.*

— *Espera muito do amor?*

— *Sim. Espero muito, mesmo. Tudo tem sua hora. E encontrarei, então, um homem que compreenderá, igualmente, Valenisa e Tuca.*

— *Qual o seu maior êxito no Brasil? «Porta-estandarte»?*

— *Sim, sim, «Porta-estandarte». Todo o mundo saiu cantando. Criámo-la, Geraldo Vandré e eu. Teve boa classificação no Festival da Música Moderna Brasileira. «Cavaleiro» também agradou muito.*

«Porta-estandarte». Tuca canta baixinho, pega do violão e canta:

«Eu vou levando minha vida assim, cantando...»

TUCA VEM AÍ

Tuca e Valenisa. Artista e mulher. Ambas se entrelaçam e se confundem. Mas há sempre uma diferença:

— *Qual é?*

— *Bem, olhe, talvez que Tuca tenha assim como 15 anos e Valenisa 24.*

— *O que é que Tuca dá a Valenisa?*

— *Algumas preocupações.*

— *E Valenisa a Tuca?*

— *Sobra sempre algo de dor de Valenisa para Tuca.*

Grande, alta e gorda e sentimental. Jovem e alegre, com laivos doloridos de velhas melancolias. Assim é Tuca, intérprete e criadora de alguns dos mais importantes temas da música do Brasil moderno. Ligada a Geraldo Vandré, a Gilberto Gil, a Caetano Veloso. Aos jovens com eles comungando, lutando pelo Brasil autêntico.

Assim é Tuca. Assim é Valenisa. Ambas estão chegando aí.

DECORAÇÃO

Bem sei que os críticos hão-de ralhar comigo. Deixá-los. Lá por não terem assoalhadas apalaçadas não têm o direito de censurar esta pequena lição decorativa. Mas, enfim! Sei também que os meus leitores são bons amigos. É para esses que falo, ou melhor, escrevo, como eu ia dizendo, vou hoje decorar um salão de solar apalaçado. É pena as pessoas deixarem o Minho e o seu salão e trocarem-no por um andar na Brandoa. Fazem mal. Vão ver que podem ter um lindo solar no Minho. Acho que todos aproveitarão com a crónica de hoje. Tenho primeiro que apelar para o princípio, que é por onde se começa, por isso se chama princípio. E o princípio são as paredes. Quer dizer: há hoje o péssimo hábito de rebocar as pedras. As paredes não ficam bem se forem brancas. Em pedra são mais de acordo com o ser humano. O homem não escolheu a cal, para viver nem a tinta. Quando o Homem era de Paleolítico. Escolheu a caverna, isto é, a pedra. Portanto, é tirar tomem era do Paleolítico. Estando o salão em pedra, é que podemos depois decorá-lo. Qualquer pessoa tem antepassados. É natural. E qualquer antepasado foi até ás cruzadas ou, pelo menos, se não quis ir dessa vez, aproveitou depois as viagens das naus. Por isso, todos os antepassados foram, pelo menos, uma vez ao Oriente. Ninguém vai fazer uma viagem dessas sem trazer recordações e levar dinheiro. Por isso, todos os meus leitores têm com certeza nos baús do sótão e em arcas, recordações orientais. Servem-nos bem para recobrir as paredes. Pregando essas tapeçarias — lindas, distintas e luxuosas — na parede com pequenos **punaises** para disfarçar, fica o grande salão muito rico, muito bem e muito confortável. Em decoração o pormenor é tudo. Aqui o pormenor são essas florinhas e esses arabescos do Oriente a dançarem com o vento de Inverno, á noite, quando está de rajadas fortes. É como se o leitor tivesse a Ásia a sussurrar, quando não a uivar aos seus ouvidos. De Verão não se mexem: são canteiros olorosos onde a sua vista se repousa e o olfacto se recria.

Portanto: por toda a parede, as tapeçarias (que até foram de graça).

Agora faltam-nos os reposteiros. Não é de bom tom pôr cortinas ao lado de tapeçarias orientais. As cortinas ficam bem só no quarto de meninas. Nestes salões assim do Minho ficam bem é os reposteiros. A propósito disto quero dizer que há agora uma má-vontade muito grande contra o veludo vermelho escuro. Faz lembrar as igrejas, dizem. Não se percebe isto num país católico. Se faz lembrar as igrejas melhor contribui para a boa formação da família. Eu sou pelo veludo vermelho o mais eclesiástico possível. Aconselho o veludo assim para os reposteiros: O veludo não é caro. Fica muito mais barato que o **vison** e é mais próprio para reposteiros. Nesse veludo devem ser bordadas as armas da família Os animais, as quinas, as cruzes. e até as barras (mesmo as pouco edificantes) dão muita graça. São artísticos e bem matizados os nossos brazões. E é uma homenagem que fica bem no salão da nossa casa. Singeleza, sim, mas requinte. Os reposteiros podem ser presos com varões dourados. O ideal seria ouro. Mas então é que os críticos mal-dizentes nunca mais se calavam. Varões dourados; uma coisa simples e económica. As argolas é que podem ser originais. Podem ser de madeira talhada, com o feitio do animal que conste do brasão. É um pequeno pormenor de grande efeito, porém. Quanto aos lustres devem colocar-se quatro, de cinco em cinco metros, no sentido do comprimento. Os lustres devem ser desses de lágrimas. Sabem como é, não sabem? Vendem-se umas imitações de plástico. Não aconselho. Nunca resplandecem tanto e estragam-se. Além disso, não são próprios para um salão. Aconselho que quando um amigo vá à Boémia, compre por lá os lustres. São de cristal da Boémia os melhores. E lá compram-se mais em conta. Agora só nos falta o chão. (Já vamos aos móveis). No chão fica bem uma alcatifa verde-garrafa. Condiz muito nacionalmente com o vermelho. E o verde dá ideia de um relvado. Como vêem, apelo sempre para a natureza. O homem é um ser natural. Sendo essa a sua natureza, não deve esquecer-se da natureza, mãe de todo o natural. Portanto: verde-garrafa no chão. Compra-se em qualquer loja de bairro. E uma alcatifa de 20x15, se por aí a uns 400 q m² é pena não poder ser persa, mas não quero persa, porque convém ser de uma só cor. E os persas têm a mania do matiz. Não é incomportável para as bolsas médias. Não. É muito mais barata que sei lá eu? Um elefante ou um rinoceronte (que são animais pouco decorativos).

Agora faltam os móveis. **Bibelots** já temos: são todos orientais e estavam naquelas arcas e nos baús donde tirámos as tapeçarias. Qualquer antepassado traz sempre **bibelots**. Nenhum leitor vai ter, portanto, dificuldades nos **bibelots.**

A toda a roda das paredes laterais (com excepção para os sítios onde haja portas e janelas) devem colocar-se maples, alternando com sofás-cama. (Os sofás-cama são muito úteis porque á noite, à hora de deitar, convertem-se em camas. Pode ali dormir muita gente. São bastante funcionais até porque as famílias agora gostam de ser numerosas, na província). O estilo dos maples pode ser Luís XVI; as orelhas têm bastante graça e a forma do maple recosta bem a cabeça. Os sofás-camas podem apresentar a forma das camas Luís XVI para condizer. Os estofos deverão ser ás riscas, umas riscas garridas, amarelas e verdes. Ficam lindos. verdadeiramente amorosos.

Nas paredes mais compridas façamos jus a D. João V: um espelho de talha dourada pregado na parede e emoldurado pelas tapeçarias, que podem cair, nesse sítio, em drapeado. Na parede oposta, outro espelho igual e igual drapeado. O salão adquirirá assim dimensões maiores. O que é sempre útil. Ainda a natureza. Assim poderá o leitor sentir-se ao ar livre e natural. Aos lados dos espelhos, cadeiras de pau preto (com estofo azul escuro) D. João V. Alternando com as cadeiras, contadores, e aos cantos, quatro cómodas de laca Luís XV. Os contadores e as cómodas são muito funcionais e bonitos: o bonito deve ser funcional e o funcional deve ser bonito. A mistura de estilos está muito na moda. Quebra a monotonia e parece-se com a natureza, que é naturalmente misturada. Nos contadores e nas cómodas podem guardar-se imensas coisas. Esses móveis dão sempre muito jeito numa casa. E são lindos!

O centro do salão é propositadamente deixado livre, para as crianças brincarem. Os adultos podem estender-se na alcatifa e contemplarem a natureza espelhada no espelho. Nos espelhos, quero eu dizer.

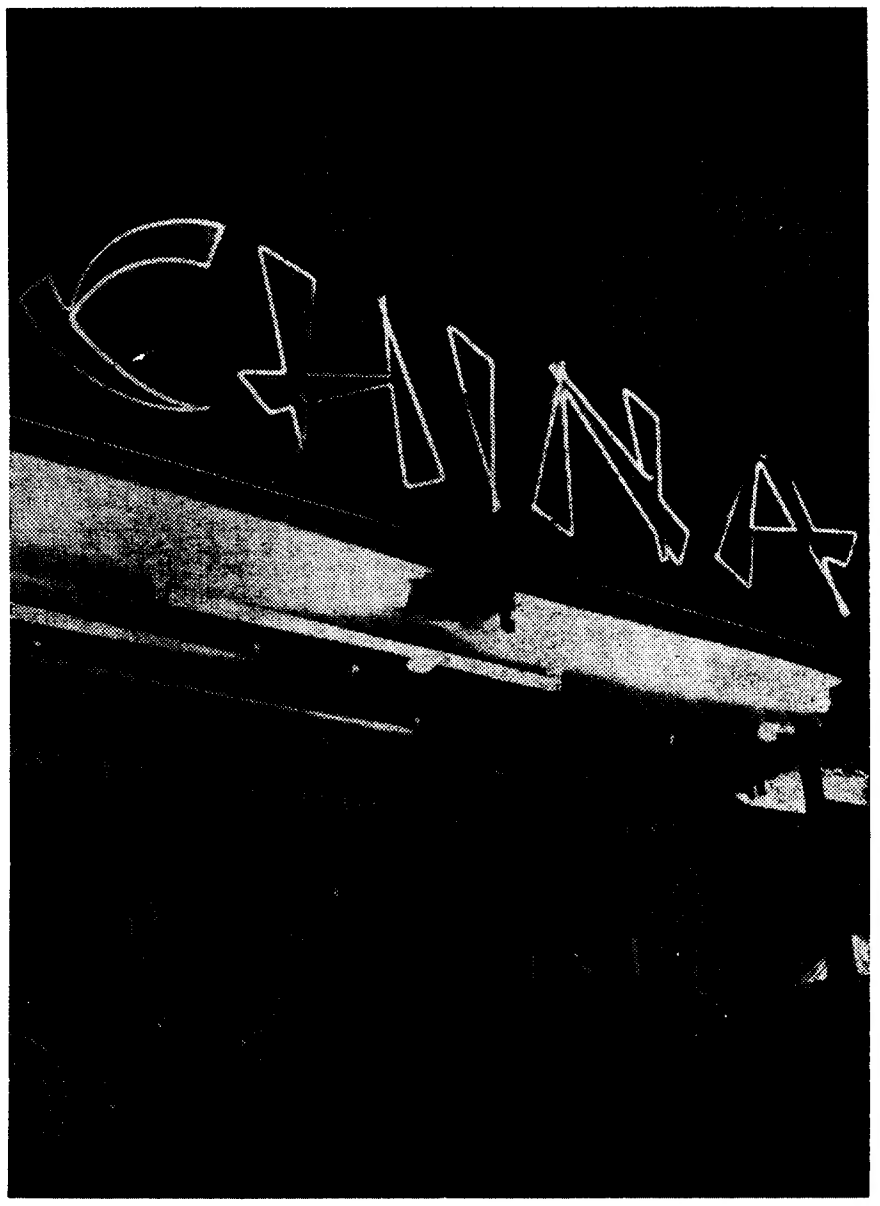
Como vêem, não é difícil nem idispendioso arranjar um interior requintado. E é uma pena, repito, sair da província, deixar tanta coisa linda, que os antepassados andaram a recolher por esse mundo fora, e trocar isso por uma vida antinatural.

Os leitores podem não seguir á risca os meus conselhos. Eu quis dar só um exemplo, o padrão.

Espero ter sido muito útil a todos os queridos amigos. E espero que os críticos gostem também do meu salão de hoje. Se não gostarem, paciência!

Madame FANCELOS

O PAPA QUE ARRANJOU UM EMPREGO EM PARIS
MANDA TODOS OS MESES À GENTE
UM EMBRULHO «DOLCE VITA»



TAC, TAC, TAC

Pedro Alvim

TODAS as soluções para as misérias deste mundo são apresentadas e discutidas nos cafés de Lisboa. Tudo, é claro, fica por resolver. «Fica adiado» — como diz Segismundo Véstias Chorrito, filho de lavrador alentejano, finalista de Direito. E passa mais um dia, e vem outro dia, e todas aquelas barbas se afadigam na busca de um remédio que não tenha antídoto.

«Tac!» — faz o taco nas bolas do bilhar.

E logo todos aqueles bem intencionados intelectuais se lembram das metralhadoras que disparam «nos pontos nevrálgicos do globo», como muito bem diz (e melhor escreve) o comentarista político mais discutido da cidade: Zarcão Querelas Felismino. Porque toda esta juventude desengonçada, de cabelo comprido numa fuga à província, não suporta a violência física. «Tac!» é insuportável. Todavia, na opinião do conhecidíssimo neutro Emiliano Garcia Hortas, «esses meninos precisam é de um bom par de bofetadas».

E Véstias Chorrito:

«Esse tipo é um fascista! Basta ser neutro para que seja fascista!»

Levanta-se imediatamente Bonifácio da Silva Resende e cita o exemplo de um grande escritor que sempre primou pela neutralidade e cujas opiniões, mais tarde, foram aproveitadas pelos esquerdistas. Ora se foi aproveitado pelos esquerdistas, é porque não era fascista...

Acode a Chorrito o amigo dilecto Octávio Pimpinela:

«Esses que o escolheram não são esquerdistas. São re-vi-si-o-nis-tas!»

Estabelece-se a confusão, todos estão muito exaltados, e, de repente, sem motivo notório, Clara Klaus Castropim solta um «Ai... ai...» que tomba como o pipilar de um passarinho nas orelhas grandes de António Quintas Padrão, barbicha muito conceituado por, principalmente, sublinhar a opinião dos interlocutores com as palavras «Exacto! Sem dúvida! Exacto!»

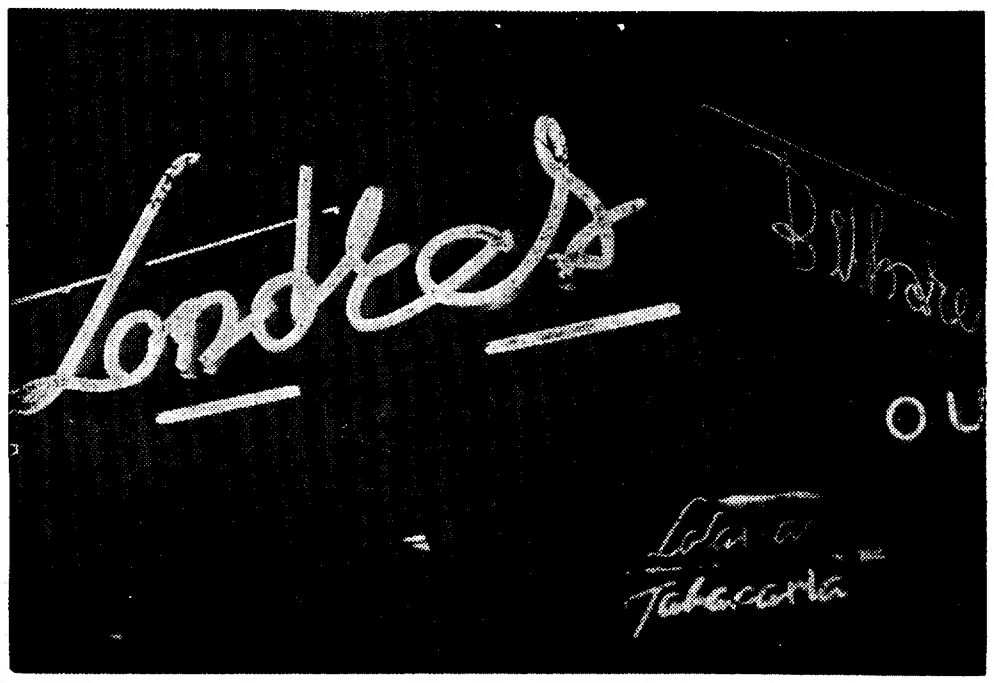
Ao fundo, o bilhar continua o seu «tac! tac!» compassado. Um criado que recebe cem por semana já nem sequer ouve as conversas. Já lhe disseram, lá em cima, que «aquilo não adianta nada — palavras, palavras e nada mais».

Palavras, sim — mas Chorrito (Véstias Chorrito), mas Pimpinela (Octávio Pimpinela), mas Padrão (Quintas Padrão), afirmam que, um dia, «as palavras se transformarão em actos».

Neutro como sempre, e mais cínico do que nunca, Emiliano Garcia Hortas observa entre dentes:

«Pois, pois... Talvez o ai, ai da menina Klaus».

Cá fora, a noite é um relampejar de anuncios de «néon» — e todos aqueles bem intencionados acabam por ir nos carros da comunidade até á baía de Cascais, até uma pista de dança, até uns fados com chouriço aceso algures em Alfama. E as misérias do mundo?

«Amanhã também é dia — acalma-se Chorrito. — Amanhã também é dia para ir ver o filme **Angry** que corre no Estúdio».

E o bilhar, implacável, continua «tac! tac!».